Sound of Elivery Moth Rama Gabriel Nascente

OARES MARS Justa

Califfred

Goiania

Goiania

Goiania

12006

INVENTÁRIO POÉTICO

Email: gabrielnascente@yahoo.com.br

Organização e texto introdutório de Vera Maria Tietzmann Silva Seleção de poemas de Vera Maria T. Silva e Aidenor Aires



©2005 by Gabriel Nascente

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou meio, sem permissão por escrito. A Lei nº 9.610 de 19/2/1998 regula os direitos autorais e o Código Penal brasileiro estabelece no artigo 184 penalidades para quem infringir a lei.

Direitos para esta edição:

Editora Alternativa Rua 70 n. 124 - Centro - Goiânia/GO - CEP: 74055-120

Fone/fax: (62) 229 0107

e-mail: editora@livrariaalternativa.com.br site: www.livrariaalternativa.com.br

Coordenação editorial: Gabriel H. Salinas

Assessoria editorial: Roberto Silva

Projeto gráfico e editoração: Marcus Lisita Rotoli

Revisão: Vera Maria Tietzmann Silva

Capa: Broccoli Design

N244i Nascente, Gabriel

Inventário poético / Gabriel Nascente ; Organização e texto introdutório de Vera Maria Tietzmann Silva ; Seleção de poemas de Vera Maria T. Silva e Aidenor Aires. — Goiânia : Alternativa, 2005.

496 p

1. Literatura brasileira – poesia 2. Poesia brasileira 3. Poesia brasileira – crítica literária 1. Título.

ISBN: 85-88253-24-0

CDU: 821.134.3(81)

821.134.3(81)-1.09

Patrocínio:

neo química

> Compromisso com a Vida,

Apoio:









MENSAGEM AO LEITOR

Incentivar a cultura goiana, e principalmente os talentos de nossa região é uma responsabilidade das empresas que consolidam seu trabalho em Goiás.

Nós, do Laboratório Neo Química, temos o prazer de patrocinar mais um talento goiano: Gabriel Nascente. O escritor traz neste livro, *Inventário Poético*, um conteúdo representativo de sua produção ao longo de seus 30 anos como participante do universo da poesia.

A decisão de apoiar a literatura goiana perpassa pelos objetivos de voltar-se para o estímulo à produção cultural de nosso Estado.

Temos uma história de mais de 45 anos na indústria farmacêutica, produzindo medicamentos com respeito e confiança. Nosso processo de produção oferece cerca de 240 medicamentos e mais de 400 apresentações diferentes entre as linhas Farma, MIP (Medicamento Isento de Prescrição), Genéricos e Hospitalares. O constante investimento na aquisição de equipamentos de vanguarda mundial amplia, cada vez mais, a capacidade de produção de nossa indústria.

Realizamos também frequentes investimentos em automação, segurança e controle de qualidade, que envolve todos os processos dentro da empresa, determinando o aprimoramento dos nossos serviços.

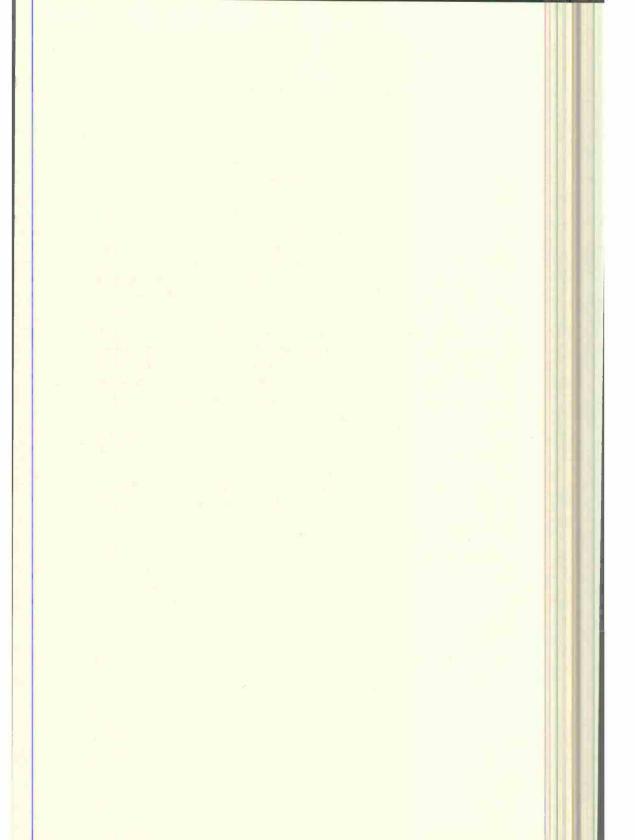
Fomos pioneiros no DAIA, Distrito Agroindustrial de Anápolis, e por acreditarmos no potencial deste Estado, investimos também em sua cultura.

Participar de forma direta nos projetos culturais do Estado é mais uma forma de demonstrarmos nosso respeito e confiança em Goiás.

Ao nos aproximarmos da obra de Gabriel Nascente, percebemos a importância de investir na preservação da cultura e história de um povo. Os textos reunidos neste Inventário mostram a diversidade do poeta que aborda diversos temas, tons e linguagens. Seu interesse pela literatura perpassa pela realidade prosaica ou cruel do cotidiano de hoje até o legado cultural do passado, expresso por vozes anônimas ou por pensadores e artistas de renome.

Convidamos o leitor a apreciar o trabalho deste representante da cultura goiana que enriquece o acervo artístico de nosso povo.

Marcelo Henrique Limírio Gonçalves Presidente do Laboratório Neo Química



PELO VIÉS DA EMOÇÃO

Vera Maria Tietzmann Silva

Sou poeta no escuro, redator da comoção (Gabriel Nascente)

Tendo estreado em livro ainda na adolescência, em 1966, Gabriel Nascente chega a 2005 com esta coletânea, sua 39ª obra publicada – o que resulta na média impressionante de um volume por ano. Sua produção é torrencial, como uma cachoeira que jorra ou um dique que se rompe. Declarando-se "adepto da intuição emotiva", é o poeta da urgência. Sobre o processo de criação de seus poemas, revela: "É como se eu fosse tangido pelo toque de um condão dos deuses e rapidamente me transferisse com a bagagem da vida para dentro da poesia: a residência da minha alma". Intuitivo, portanto, cria seus poemas movido pela emoção, que permeia toda a sua produção literária, estendendo-se para além dos textos genuinamente líricos.

A leitura de sua extensa obra poética permite vislumbrar três eixos temáticos principais, que ora aparecem nítidos em seus contornos, ora fortemente imbricados: o eixo existencial, o social e o metalingüístico. Veremos, a seguir, como eles correspondem a três movimentos do olhar do eu-lírico: o olhar que se volta para dentro de si; o olhar que se dirige para a realidade exterior; e o olhar que se detém sobre o processo de criação.

O OLHAR VOLTADO PARA O INTERIOR

O olhar que se volta para dentro, em poemas de cunho existencial, corresponde à visão efetivamente lírica. Como os poetas vêm fazendo ao longo dos séculos, Gabriel Nascente, impregnado de sentimento, conjetura sobre a vida e a morte, sobre o amor e a solidão – os alicerces existenciais do homem. Em sua obra, esse viés lírico apresenta diversas nuanças temáticas. A primeira é a fusão entre o eu-poético e o mundo, traço essencial do lirismo.

Nessa visão lírica do mundo, as fronteiras entre a voz que fala e a realidade circundante são tênues, quase inexistentes. A natureza assume reações humanas, e o poeta solidariza-se com ela. Observe-se, por exemplo, o animismo em "A palmeira de Morrinhos" e em "As bananeiras":

Ninguém sabe da solidão que dança dentro dela. A palmeira de Morrinhos dá recado pela janela "o tempo me abraça tanto que envelhece minha pele". A palmeira de Morrinhos tem silêncio de quem dormiu com as águas. O rosto sempre virado para os lábios da brisa. [...] (de Os passageiros, 1975)

As bananeiras estão fartas e amarelas de fadiga. Mas quando nas madrugadas as ventanias são impiedosas a ponto de maltratá-las, elas ficam a chorar de inveja dos telhados, porque abaixo dos telhados há corações, relógios e cobertores.

E por baixo das bananeiras, não. [...] (de *Ventania*, 1995)

Se a palmeira e as bananeiras se humanizam, o homem, por sua vez, cumpre o caminho inverso, integrando-se à natureza. Essa comunhão estreita com o mundo natural corresponde à visão emotiva, compartilhada por crianças e poetas. Isso se vê, por exemplo, no poema "A camisa", que "é casca / de futa terrestre" e "pele feita / invisível da terra" (de *Os passageiros*) e, ainda de modo mais contundente, no lirismo do poema "Cântico do só", onde o poeta incorpora o universo das coisas feitas pelo homem às do mundo natural, irmanando-se com todas elas, sem preconceito ou discriminação:

Estou no vento que abre o leque das palmeiras,

no sol que se infiltra pelo vão dos caibros.

Estou no par de tênis que sumiu nas enxurradas,

no coro dos taróis,
no cisco,
no dorso dos acantos.
[...]
Estou na toalha que enxuga
a alma das prostitutas
[...]
Estou nos frutos
do lume
no florar
do trigo,
estou.
(de Os aventais da púrpura, 1997)

Com o olhar voltado para o seu interior, o poeta tenta definir a si mesmo e só é capaz de fazê-lo abolindo as fronteiras entre a sua limitada individualidade e a magnitude dos cosmos. "O continente submerso", um dos inspirados momentos de sua lírica mais recente, mostra bem esse transcender cósmico:

Meu coração é um comboio de estrelas,

veículo que traslada devaneios.

Meu coração é uma carroça que puxa auroras.

Odre cheio de cravos, luz. (de *O pão selvagem*, 2001)

Esta postura lírica do poeta, de derramar-se para além de seus humanos limites e identificar-se ao outro, desdobra-se em dois subtemas:

a questão ecológica (o poeta sofre com a natureza agredida) e – tomadas em seu sentido etimológico – a compaixão, ou simpatia pelos desvalidos da sociedade (o poeta sofre com os irmãos menos favorecidos). "Prantos da terra", de Os passageiros, e "Amargo canto da presença", de Reflexões do conflito, ilustram bem isso. Estes dois subtemas, aliás, situam-se na fronteira que separa o olhar que contempla o interior, o sentimento do poeta, daquele que se volta para fora, para a realidade cotidiana – daí por que os retomaremos no seguinte segmento, ao falarmos do eixo temático social.

Os limites humanos, manifestados, sobretudo, pela precariedade da vida e a iminência da morte, vêm pontuando o gênero lírico desde sempre. Também a poética de Gabriel Nascente é sensível a esse tema, registrando a perplexidade do poeta diante da barreira última do homem, em poemas como "Sepulcro materno", de *Reflexões do conflito*, em que o nascimento é descrito em tintas negras, como se fosse já a morte; "Exigências para um epitáfio", de *Os passageiros*, onde constata: "Não fui eu que morri / foi o mundo que calou em mim", retomando a fusão entre eu e o mundo, vista há pouco; e "As faces", de *Ventania*, em que, cheio de perplexidade, o poeta procura decifrar a face do morto, que lhe recusa a comunhão de sentimentos:

O morto dói é no vivo.
O morto foi para lugar nenhum.
É luz que se trancou
num claustro de terra,
escuro como ele mesmo
– o morto.

Já não vê mais a árvore eivada do mês das flores. Nem a terra que, de tanta sombra ficou verde.

O céu (que era o telhado de sua vida) – virou vileza de treva sem suas mãos. [...]

Sozinho ele rema parado, – o morto. [...] (de *Ventania*, 1995) Como corolário deste tema, Gabriel Nascente propõe a poesia como alternativa para a superação dos limites impostos ao homem pela morte e por um mundo injusto. "Pátrias de ninguém", também de *Ventania*, mostra bem isso, ao contrapor as "duas pátrias: a poesia e a noite", retomadas no poema nas imagens antitéticas da pomba e da bomba, da flor e do desespero, da "casa sem raízes" e do "varal de estrelas".

A memória costuma ser a fonte onde os poetas buscam suas imagens. Na obra deste poeta, a memória se detém nas perdas sofridas, principalmente na infância distante. Em *Crônica da manhã*, um longo poema de 1985, declara ser esse período da vida uma das muitas portas por onde lhe chega o mundo: "O mundo me chega / pela infância que se apaga / como longínqua estrela / num álbum de lembranças". Mais tarde, em um poema de *A taça derramada*, de 1999, chega a dizer, acerca das minerações de seu fazer poético:

Não há Virgílios nem Camões nos pedregulhos desta lavra.

Só trapos da infância sob as folhas do ingazeiro.

De fato, a infância no bairro Popular, com a marcenaria do pai, a presença da avó e dos vizinhos, as goteiras da velha casa, os pomares e jardins, os banhos e pescarias nos rios e córregos, é presença reiterada em muitos poemas, como, por exemplo, em "O Bié da 75", "A chuva e seu ofício", "A Vó Altina", ou neste "O reino da infância, que encerra assim:

Que vida engraçada
era aquela! A gente fazia medo
nos meninos de seu Batista,
punha sapo na água do pote,
dá saudade, meu Deus,
muita dor
do tempo perdido.
(de Um balde cheio de flores pra Manuela não chorar, 1974)

Junto com a infância e a juventude, parentes e amigos foram sendo tragados pelo tempo, e o olhar amoroso do poeta mergulha na memória, trazendo-os de volta, recompostos e transfigurados em poemas. São as elegias, dedicadas a pessoas que amava ou admirava, e que constituem as páginas mais tocantes desse olhar que se volta emocionado para o passado, tentando eternizar um rosto, uma presença. Entre os homenageados estão o pai, que morreu jovem, e Zica, "primeira dama / das manhãs de sábado". imagens ancoradas na infância, penhor de um tempo feliz, de brincadeiras inocentes.

Os irmãos Oriente, amigos e editores, incentivadores dos novos talentos goianos, testemunharam os albores da trajetória literária do escritor e merecem dele comovidos poemas. Pedro Ludovico e Tancredo Neves não chegaram a ter laços afetivos com o poeta, como os amigos mencionados, mas granjearam a sua admiração, expressa em poemas.

Admiração e fraternidade estética também assinalam os vínculos com seus colegas de ofício, os poetas Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda e Cora Coralina, homenageados, respectivamente, com os poemas "Boa viagem, Drummond, Itabira está no céu", "Poema aberto para Pablo Neruda" e "Adeus, labareda". Deste último, transcrevemos a estrofe final:

Adeus, labareda do meu século, gleba da minha gente! És o crepúsculo da última flor. Adeus. Vou esquecer a poesia para chorar a tua ausência. (de *Madrugada nos muros*, 1987)

Note-se que essas elegias, tomadas como preito de admiração deste escritor a Cora, Drummond e Neruda, poetas extremamente sensíveis às questões sociais, já antecipam o seguinte eixo temático, o olhar voltado às desigualdades, às minorias, à crítica político-social, tão presente na obra poética de Gabriel Nascente, e que comentaremos a seguir.

O OLHAR VOLTADO PARA O EXTERIOR

O olhar que se volta para fora observa a realidade política e social a seu redor, reafirmando a lição do velho poeta inglês de que "homem nenhum é uma ilha". Recusando isolar-se em torre de marfim, Gabriel Nascente registra o mundo que vê, com seu lado bom e também seu lado ruim.

Num plano de fundo, o olhar do poeta descreve o espaço natural, puro ou degradado. Como subtema, registra a especificidade regional do Centro-Oeste, o cenário goiano e goianiense em que se move. São numerosos os poemas que falam dos rios e córregos (e não do mar, como fazem os poetas da faixa litorânea), não raro animando-os de sentimentos humanos e condoendo-se com sua lenta degradação, fazendo o olhar do eu-lírico transitar de uma perspectiva externa para outra, interna — da descrição à reflexão.

"A odisséia das águas", do livro *Os aventais da púrpura*, transfere para o rio os atributos marinhos, evocado pelas imagens épicas dos heróis homéricos Ulisses e Heitor. O olhar que observa o rio é essencialmente descritivo:

[...] O rio desce pelas tintas

do crepúsculo.

Ó duo azul de araras no tabocal dos brejos!

Cheiro podre de canoas soçobradas pelo golpe das enchentes.

Relento e rebojo. A água tonta.

[...] As águas descem prenhas de paus retorcidos. [...]

Baixos ninhos de guaxos. Cicio de brisa nos talos dos bambus. Alfombras cor de sol. Pedrentas praias de lã pisadas. [...] (de *Os aventais da púrpura*, 1997).

Neste mesmo longo poema, o rio humaniza-se em "águas de / seios diamantinos", tornando-se um "rio macho / de águas fêmeas", reiterando aquela relação de proximidade entre o eu-lírico e o mundo circundante que há pouco apontávamos. Em "A odisséia das águas" e em muitos outros textos, o cenário descrito têm fortes tintas regionais: é o cerrado, é Goiás, é Goiânia, avaliados com um olhar que se deixa permear de emoção. Também os poemas "Na fazenda Dulcinéia", de *Madrugada nos muros*, e "Meninos, eu vi", de *Trono de areia*, fazem o leitor facilmente reconhecer a paisagem do cerrado goiano.

Nos três poemas dedicados à jovem capital, "Goiânia, a cidade e suas costas para o mar", "Goiânia, um convite ao crepúsculo", e "Goiânia, o pesadelo de setembro", todos de *Janelas da insônia*, o olhar do poeta registra primeiro o encantamento, depois a perplexidade e a indignação diante da catástrofe radioativa do césio. São poemas em que à visão

regional somam-se a ecológica e a política.

A capital, nascida "da ponta de um lápis", tornara-se "flor que a gente desenha / nas paredes no coração. Moça de luar / mágica donzela num postal de sonho". Subitamente, transforma-se em um lugar de perigo, dor e morte. E a morte atinge mais do que os catadores de sucata: atinge a cidade toda, atinge o poeta, que se irmana a essa dor, e atinge, finalmente, "as carnes do poema", vida e cerne do eu-lírico. Este último poema, "Goiânia, o pesadelo de setembro", abre em tom emocional, com indagações que ficam sem resposta:

Radiotermite, que doença é esta que queima as carnes do poema? Que introduz lesões bolhosas no corpo do homem?

Tinha que ser tu, ó Goiânia, a casa do pesadelo atômico? (de *Janelas da insônia*, 1988) Ainda neste eixo temático social, voltando-se para fora e captando um plano mais próximo, o olhar solidário do poeta registra os objetos, animais e indivíduos "menores" do cotidiano. Busca o prosaico, o trivial, o desprestigiado e converte-os em matéria poética. "Os objetos", por exemplo, é um poema que descreve a rotina da manhã, em seus insignificantes detalhes, num clima informal e familiar que se revela até no uso da barra abreviando a escrita:

Já faz segunda-feira na alfaia dos lençóis: é manhã nos objetos.

Levo ao fogo a rabinha c/ leite; descasco laranja e me incumbo de te amar: ó vida! (de *A torre de Babel*, 2000)

Os segmentos mais humildes da população, com sua procissão de subempregados, de pequenos prestadores de serviços, de assalariados diversos – garis, operários, lavadeiras, meninos de rua, marceneiros, bêbados e carroceiros – que têm na ausência de voz a sua marca unificadora e distintiva, encontram espaço na obra deste poeta. Gabriel Nascente denuncia as privações e injustiças a que são submetidas as parcelas mais pobres do povo. Não se trata, contudo, de uma voz altissonante, clamorosa, de arroubos retóricos como a de Castro Alves. Antes, é um olhar que compartilha as dores, que recolhe para si o sofrimento alheio. É o olhar de um igual, permeado de fraternidade.

O seu olhar amoroso se estende às plantas, animais e objetos que descreve. Pisar inadvertidamente sobre um grilo, matando-o, certamente é um ato trivial, destituído de importância para a maioria das pessoas. Para o poeta, que inclui no seu universo afetivo exatamente os seres e objetos menores, trata-se de uma experiência que cala fundo. Dedicando-lhe um poema, alça o pequeno animal a uma dimensão mais honrosa. Vejamos um excerto:

És tão nobre quanto o vento que vem da cabeceira dos rios e o temporal no rosto das palmeiras. A vida, em ti, é de milênios como o carvão e a formiga.

Teu canto é ruidoso como a saudade, vai-e-vem de serrote, madeira que chora, gemido de folhas decepadas pelo sol. (de *Trono de areia*, 1989)

A imagem do serrote e o som da madeira, sugeridos pelo movimento corporal com que o grilo produz seu trilar, talvez tenham levado o poeta à escolha do léxico (saudade, chora, gemido, decepada) e do tom elegíaco desse poema, que indireta e tenuamente recapturam imagens ligadas ao falecido pai do poeta, marceneiro de profissão. O trabalho na marcenaria está presente também em outro poema que fala de um objeto comum do cotidiano. Trata-se de "O cofre", do livro *A taça derramada*. Buscada na memória da infância, a cena descrita sugere um aprendizado, feito sob o olhar e a aprovação do pai.

O relógio, outro objeto trivial que nos acompanha pela vida, é celebrado em dois dos poemas selecionados, um de *A madrugada dos muros e o outro*, de *A torre de Babel*, ambos refletindo sobre a inexorabilidade do tempo que passa – reprisando o duplo movimento do olhar, que captura o objeto em sua exterioridade e também registra a

ressonância interna que provoca.

Na descrição da face menos polida da realidade, Gabriel Nascente desvenda os bastidores, exibe o avesso, o prosaico, em objetos que não costumam ser tratados como matéria poética. É o caso dos poemas "O vaso", de *Trono de areia*, e "Papel higiênico", de *A torre de Babel*. Em ambos, o tom que se poderia esperar satírico e desabusado, é sóbrio, mesmo no segundo poema, construído sobre uma sucessão de hipérboles:

Um dia farei um poema pedindo a Deus que me dê uma tonelada de palhas de aço, um tonel de água sanitária e trinta mil fardos de papel higiênico,

para uma faxina na consciência dos homens. [...] (de *A torre de Babel*, 2000)

O fragmento mostra bem que a opção pelo escatológico, nesse poema, cumpre o objetivo de fazer uma crítica contundente às ações humanas. Esse olhar que busca os avessos denuncia também as questões de ordem política e social em numerosos poemas, como, por exemplo, no poema-livro *Crônica da manhā*; em "Pátria", de *Madrugada nos muros*; "Poema à paisana", de *Os aventais da púrpura*; "A praça", de *A ponta do punhal*; "O prato do dia" e "A lanterna de Judas", de *A taça derramada*.

O olhar crítico do poeta ganha uma tonalidade nova quando – estrangeiro na Argentina – vê repetirem-se lá os mesmos desmandos do poder, a mesma violência nas ruas, o mesmo sofrimento do povo – cenários já vistos e vividos aqui nos anos de chumbo. Transcrevemos apenas um

fragmento de "Cinzas para Buenos Aires":

Dias ruidosos aqueles, de árvores carbonizadas pela poeira das bombas.

Homens babando, canos de fuzis, ambulâncias, sabres e estampido de balas.

O povo tinha feições de um sapato usado na guerra. (de *A lira da lida*, 1997)

A menção, no excerto acima, às "árvores carbonizadas" não é gratuita. Ela está em sintonia com a indignação do poeta frente às relações injustas com o outro, seja esse outro o ser humano ou a natureza, que o acolhe e alimenta. Assim, a questão ecológica (freqüentemente aglutinada à questão política) é a outra face da crítica social na obra de Gabriel Nascente. Este subtema, que já apontamos no primeiro segmento por envolver, além da constatação exterior, também uma reação emocional do eu-lírico, pode ser rastreado ao longo de toda a produção do poeta. Dos poemas selecionados para esta antologia, destacamos alguns, como "Ruínas", de *Trono de areia*; "No leito da manhãs" e "A terra expulsará os deuses do vento", de *Janelas da insônia*; e "Araguaia, eu sou teu pranto", de *A lira da lida*. Neste último poema, o eu-lírico, em tom de lamento, deplora o agonizar do grande rio, destruído aos poucos pela marcha do progresso, como se pode constatar neste pequeno fragmento:

Já te vejo contrito, meu velho Araguaia, todo flechado de antenas.

Tuas praias cobertas de asfalto.

Suor de nuvens já não goteja mais sereno, como quando outrora brotavam estrelas no vago vale dessas águas. (de *A lira da lida*)

As tintas do teu pranto (Goiânia: Editora da UCG, 2002) traz uma inovação que não chega a opor-se à temática habitual do poeta. Trata-se de um tema bíblico, a vida de Jesus Cristo, de onde extraímos o fragmento "Tu, cetro de estrelas". O livro reúne poemas que revelam uma visão intimista, traduzindo os sentimentos místicos do autor, mas que não se reduzem aos limites de uma vivência interna meramente individualista. Tomando a figura de Jesus como tema, ele vê o mundo pelo olhar do Filho de Deus, um olhar compassivo e solidário, que se volta para o pobre, o marginalizado, o injustiçado. O poeta compartilha o olhar de Cristo, assumindo também a Sua dor, numa experiência verdadeiramente cristã, porque fraterna. Mais uma vez, como se viu em outros textos, Gabriel Nascente desdobra o olhar, que se volta simultaneamente para o exterior e o interior. No conjunto da obra do poeta, consideramos ser este um dos momentos mais tocantes e inspirados.

O OLHAR SOBRE O FAZER POÉTICO

Salientamos, no início deste estudo, que as três direções do olhar sustentando os três eixos temáticos da obra de Gabriel Nascente – o existencial, o social e o metalingüístico – freqüentemente se apresentam imbricadas. Viu-se que isso de fato aconteceu com os dois primeiros

focos analiisados, em que os olhares para dentro e para fora alternavamse e confundiam-se em muitos poemas. O terceiro movimento do olhar é o de curvar-se sobre o texto em si. É o olhar metalingüístico, objeto agora destas breves considerações.

Inúmeros textos desta seleção tematizam a poesia, na tentativa de defini-la, de surpreender o momento em que irrompe e se concretiza em poema. Contudo, não encontramos aqui o olhar severo e objetivo de um Poe ou de um João Cabral, teorizando sobre a arte literária. Vemos, antes, um olhar surpreendido, maravilhado ou perplexo de quem observa um fenômeno no momento de sua ocorrência. Como quem presenciasse o despertar de um vulcão, o levantar-se de uma onda, o despenhar-se de uma avalancha, tomado de prazer e espanto — diríamos até — de um sentimento que beirasse a unção. Ou seja, também nesta perspectiva metalingüística, onde seria de se esperar um distanciamento guiando o olhar crítico, observa-se, ao contrário, um acentuado envolvimento emocional do eu-lírico. Na disputa do primado entre razão e emoção, é inegável em Gabriel Nascente a predominância da emoção. Este é um poeta de intuições, que se deixa levar incondicionalmente pela inspiração.

Uma análise do eixo metalingüístico revela pelo menos três núcleos temáticos: conceito de poesia, o poeta e seu ofício e a confraria universal dos poetas. Inicialmente, vemos que as tentativas de definição do que seja o poema, manifestação tangível da poesia, encontram-se espalhadas em toda a sua obra. Vejamos algumas, colhidas ao acaso:

Um poema é como um sorriso no cárcere.

[...] é também como um largo sentimento de mulher tocando o ventre.

[...] Silêncio de um prato vazio

o poema.

("Sob o impulso da lavra II", de Madrugada nos muros, 1987)

[poemas são] Manhãs saindo dos portais De minha alma. ("Vinte anos de poesia", de *Madrugada nos muros*, 1987) O poema [é] tremor de palavras na minha pele. ("À flor da pele", de *Os aventais da púrpura*, 1997)

A poesia é mãe da alma. ("Oblações ao texto", de *A torre de Babel*, 2000)

Uma rápida visada nesses excertos constata a presença da emoção, do olhar que se volta para o íntimo, o que é sugerido pelas palavras sorriso, silêncio, manhã, sentimento, tremor, e também, por sua essencial carga emotiva, pelas palavras mãe e ventre. Contudo, a menção a cárcere e prato vazio, aludindo à opressão e à desigualdade, introduz também o olhar crítico sobre o social e relativiza o significado embutido nos substantivos sentimento, silêncio e tremor, que podem tingir-se de tonalidades sombrias. É o imbricamento das três direções do olhar, ou a superposição dos três eixos temáticos a que já se fez referência, que pode ser comprovado também no poema "Dia do julgamento", do livro Viola do povo.

O segundo núcleo temático – o poeta e seu ofício – comporta diversos graus de aproximação. Num movimento do olhar que, à semelhança de uma câmara filmadora, abarque primeiro os grandes planos, reduzindo e aproximando o campo de visão gradativamente até o *close*, observaremos, a seguir, o ambiente de trabalho do poeta e os instrumentos de seu ofício; a linguagem poética; o poeta em sua relação com a poesia; e, finalmente, invertendo a direção, a voz do poeta dirigindo-se a outros escritores, poetas como ele.

O ambiente e o instrumento de trabalho mantêm com o poeta uma estreita relação e são descritos, respectivamente, nos poemas "A lira da lida" e "A máquina". No primeiro, a desordem do escritório afina-se com a impulsividade, o caos e a intempestividade dos governados pelo coração. Método na disposição de móveis e papéis e rotina precisa estariam mais de acordo com escritores cerebrais, regidos pela lógica. Observe-se a descrição do gabinete:

A mesa sempre bagunçada. Sem química alguma para explicar o laudo da minha presença amarfanhada no áspero silêncio dessas coisas. Porque este é meu ofício: jeito rude, roto, de fazer da vida esse passatempo maluco de imprimir estesia nas palavras. [...]

Não ordene o fôlego deste caos, não ponha cadeado na vetusta máquina de sonhar, recriar, palavrear. (de *A lira da lida*, 1997)

No outro poema, em tom cúmplice, indaga à "vetusta máquina" de escrever, parceira, amiga e confidente:

Quantas vezes eu e tu juntamos as águas subterrâneas de nosso pranto para parirmos poesia aos gritos? Tu te lembras, velho teclado, do excesso de vibrações poéticas enchendo-me de angústias? Quantos telegramas tu bateste para salvar meu coração em chamas? (de *Trono de areia*, 1989)

A simbiose entre o poeta e seu espaço de trabalho, como se percebe, é densa de emoção. Também emotiva é a sua relação com a palavra, logo convertida em poema. "Périplos da palavra I", de *A torre de Babel*, é um dos poemas mais assumidamente metalingüísticos de Gabriel Nascente. Nele, o poeta, apelando para uma sucessão de metáforas díspares, tenta definir a palavra e sua relação com ela. Note-se que as metáforas de que lança mão neste fragmento percorrem uma trajetória que vai do prosaico ao refinado, do cotidiano ao erudito, compondo um conjunto caótico, fragmentário e diversificado que lembra os *videoclips* pós-modernos:

A palavra é meu cabo de enxada, minha xícara de café – meu garfo.

A palavra é minha liça, lufa operária: sino de navios que arrebata sereias nos arrecifes.

A palavra é meu leito, cítara de Davi. (Espada de Dido: sinistro do amor em chamas). [...] (de *A torre de Babel*, 2000)

No poema "Maquiagem", um pouco anterior a esse, o poeta reconhece ser, ele próprio, a palavra e transforma a si mesmo numa alegoria:

Eu me pareço palavra.

Meu rosto é um ponto final na linha dos eflúvios.

Vem, ciência, explicar minhas orelhas, estas vírgulas de cartilagem [...] (de *A lira da lida*, 1997)

A identificação entre o poeta e a linguagem, ou o poeta e a poesia, traduz-se numa relação passional e de extrema dependência. Em "Adjutório", de *O pão selvagem*, implora: "Se tomarem de mim/a poesia, / pelo amor de Deus, / me salvem!" e explica ser ela parte vital de seu sangue, "lâmpada do / poste, / cérebro / de Apolo". Esta íntima relação que os liga pode ser vista em "Edição à praça":

Declaro a quem interessar possa que vivo maritalmente com as palavras. E que a poesia me faz refém do seu engenhoso afã de quimeras.
[...]

poesia, causa e efeito dos meus distúrbios com a vida. Luta que não decifro: cifro. (de *A torre de Babel*, 2000)

A mesma idéia é retomada mais explicitamente em "Os fardos do fado", do mesmo livro, quando o poeta afirma: "eu faço poesia como quem / copula com as palavras", descrevendo, depois, outros 33 modos de fazer poesia, rematando com o epílogo:

Poesia, iluminadamente meu ofício, eu canto porque tudo não existe. (de *A torre de Babel*, 2000)

Como terceiro núcleo temático deste eixo metalingüístico, temos a presença explícita ou velada de um grande número de escritores, a maioria dos quais poetas, atestando as leituras de Gabriel Nascente, que incluem autores brasileiros e estrangeiros de várias épocas e, nas obras mais recentes, um forte contingente de artistas e pensadores da cultura clássica. Todos eles formam uma espécie de confraria universal, à qual se agrega o poeta goiano.

Em sua obra poética, a cultura clássica é lembrada, sobretudo, em alusões às epopéias, desde o longínquo Homero até Virgílio (presentes, por exemplo, nos poemas "Até a Cítia", de *Boa noite, crepúsculo*, e "A serpente no santuário de Anquises", de *A torre de Babel*). Mas é no poema "Pelos arquejos do gozo" que a voz de um poeta da Antigüidade aparece, insistente e atual, no refrão exclamativo "*Carpe diem*!", reiterado

quinze vezes, em tom de ladainha.

Dos poetas brasileiros, a lembrança mais presente é de Drummond e, entre os europeus, Fernando Pessoa, Albert Camus, Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud. Este último, além de menções esparsas, mereceu do poeta um livro-poema todo seu, em tom emotivo. Trata-se de *O anjo em chamas*, de 1998 e aqui transcrito. Muitos outros escritores comparecem em citações ou alusões nos poemas de Gabriel Nascente. Para finalizar, destacaremos ainda um pequeno grupo de estrangeiros, diversos na procedência, mas semelhantes nos ideais.

Um trio de poetas do século XX, que estiveram artística e politicamente engajados contra a opressão – Maiacovski, Neruda e Brecht

- comparecem várias vezes ao longo da obra poética de Gabriel Nascente que, por certo, neles reconhece vozes fraternas. Transcrevemos um fragmento deste "Neruda, bródio com o povo", extraído de uma das obras mais recentes do poeta goiano:

> Trovão estrepitoso, entra. Verbo que arde como pira nos cumes da neve. Ave nupcial dos tremores: "amor que se reparte em beijos, cama e pão".

[...]
Entra, camarada, a
casa é o teu poema.
(de *Boa noite, crepúsculo*, 2002)

Identificado à linguagem, ligado irremissivelmente à poesia, tomado pelo "impacto impulsivo da inspiração hemorrágica", Gabriel Nascente dirige-se a seus colegas de ofícioo, dando-lhes conselhos, o que faz no poema "O dilúvio", do livro *A lira da lida*, de 1997.

Não faça poesia de costas para a vida. Faça-a de carne, tumultos, execrações.

Não faça poesia só com palavras.
[...]
Faça poesia sobre a desordem,
Isso é bom para a alma [...]
(de *A lira da lida*, 1997)

Lendo este *Inventário poético*, constatamos que o poeta é coerente com o que prega. Sem dúvida, ele se posta de frente para a vida, vendoa em seu esplendor e em sua miséria, cantando todas as suas faces.

PARA FINALIZAR

A diversidade que comparece na linguagem de Gabriel Nascente também se repete na linguagem que utiliza. Um aspecto que logo desperta a atenção do leitor é a oscilação do registro, que, como a temática abordada, transita com naturalidade do sublime ao grotesco, da linguagem culta à

coloquial, chegando aos seus extremos, o erudito e o chulo. Como ocorria com o antológico personagem de Guimarães Rosa, Jó Joaquim, em seus devaneios, também esta voz poética percorre a trajetória "do inefável ao infando".

Com relação à escolha do léxico e das imagens, nota-se que o vocabulário utilizado, afinando-se com o registro de linguagem e com a temática em questão, oscila do trivial ao surreal, chegando, por vezes, ao hermetismo, ou, mesmo, a uma linguagem tautológica, auto-devorante. Inclui tanto arcaísmos e preciosismos, quanto neologismos e palavras de baixo calão. Essa convivência temática e lexical dos contrastes evoca, em alguns momentos, na memória do leitor ressonâncias de Gregório de Matos, que também se comprazia em transitar entre "o inefável e o infando". No uso das imagens, nota-se que, pouco a pouco, o poeta, que iniciou sua carreira muito jovem, foi-se libertando do excesso de comparações em favor de metáforas e alusões, que requerem uma atitude mais ativa do leitor. Esse é um traço estilístico na obra de Gabriel Nascente que evidencia um percurso progressivo em sua carreira de poeta.

A dança do relâmpago, seu livro mais recente, editado em 2003, atesta que esse percurso está sendo feito também no rumo da contenção,

o que apura a qualidade estética de seus poemas.

A seleção de textos reunidos neste *Inventário poético* mostra a diversidade deste poeta – em temas, tom e linguagem. Mostra os seus diferentes interesses, que vão desde a realidade prosaica ou cruel do cotidiano de hoje até o legado cultural do passado, expresso por vozes anônimas ou por pensadores e artistas de renome. Evidencia admiração e sugere influências. Mostra, enfim, a multifacetada trajetória literária deste poeta goiano que vê o mundo pelo viés da emoção.

Goiânia, dezembro de 2004

RETRATO DO POETA

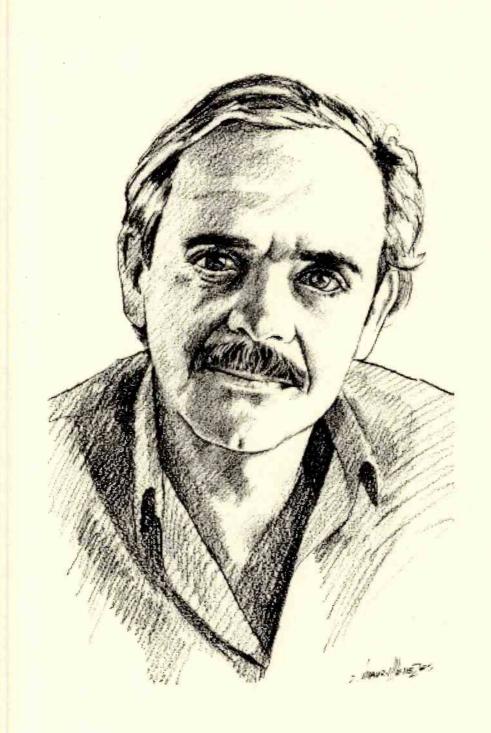
Eu, Gabriel Nascente, vim da serragem.
E José também me chamo.
Nasci pouco antes da primeira estrela.
Sou filho do crepúsculo. Sou de 50.
Sou de janeiro. Sou das ruas de chão do Bairro Popular, cúpula dos gorjeios da minha infância,
Sou dos brejos do Botafogo.
Sou de Goiânia.
(O Bié da 75, de A Valsa dos ratos)

Gabriel José Nascente, natural de Goiânia, estreou na literatura ainda estudante, aos 16 anos, com o livro de poemas *Os gatos* (1966). Funcionário público por profissão e autodidata em conhecimento, atua no jornalismo e na literatura, distinguindo-se por sua intensa produção

poética, de praticamente um volume por ano.

Sua obra é predominantemente poética. Além dos 22 livros que serviram de fonte para esta seleção, Gabriel Nascente publicou também outras obras em verso, que são: Menino de rua (1970), Exilados do sol (1977), Águas da meia ponte (1981), Chão de espera (1984), Sandálias de pedra (1996), El llanto de la tierra (poemas traduzidos, 1999) e A lira dos cinquent'anos (2000). Além de escrever crônicas para o jornal, o poeta também incursionou pela ficção, publicando a novela Um dia antes de mim (1986) e o romance A cova dos leões (1998). Seu mérito como poeta vem-lhe conquistando numerosos prêmios dentro e fora de Goiás.

A par dessas obras de criação literária, Gabriel exercitou o olhar crítico colhendo entrevistas com personalidades do mundo da literatura, coligidas em Sentinelas do efêmero (1992) e organizando antologias poéticas, como A nova poesia em Goiás (1978), Colheita (a voz dos inéditos) (1979) e Goiás, meio século de poesia (1997). Ele próprio, por sua vez, mereceu espaço em diversas antologias que registram as vozes poéticas surgidas nos anos 60 em diante, como a edição especial da revista Encontros com a Civilização Brasileira (1982), o alentado volume de Pedro Lyra, Sincretismo – a poesia da geração 60 (1995) e A poesia goiana do século XX, de Assis Brasil (1997).



Sumário

De Os GATOS (1967)	
Os gatos	41
No muro das tardes	44
Carta vigília	
É noite no Egito	. 46
Menino no circo	. 48
A voz da criança	
Lamentos	
Adeus, agosto	
De Reflexões do conflito (1970)	
Amargo canto da presença	55
Terra camponesa	57
Primeira angústia	. 58
Sepulcro materno	. 59
Expressão do momento exótico	. 61
2	
De Viola do Povo (1972)	
Três indagações doídas do viver	. 65
Dia do julgamento	. 67
Convite universal	. 69
Mal do século	. 70
De Colméia de anônimos (1973)	
Multidão sem alma	. 73
Medo, náusea e sentimento: reflexões de um poeta mendigo	. 75
Confissões do órfão	
Lamentações do poeta menor	. 79
Toada do desespero	. 81
Colméia de anônimos	. 83
Araguaia: um arranhão de beleza	. 85
Chão de boi	
Martírio das horas	. 87

Confissões do menestrel de rua	88
Recado pra Manuel de Pasárgada	89
Abstração suprema	90
Advento inesperado	91
Irmã de alma	
Perfil paterno	
Raiz da fala	94
Memórias I	95
D. W.	
De <i>Um balde cheio de flores pra Manuela não chorar</i> (1974)	
O passageiro	99
Ovelha de sete falas	101
Exaltação à terra	102
A íntima confissão	103
Poema aberto para Pablo Neruda	104
No reino da infância	105
Confissão imprópria	106
D (1075)	
De Os passageiros (1975)	
O transeunte	109
Prantos da terra	110
Rotina operária	111
Indagação noctívaga	112
Pescador	113
Marceneiro	114
Gari	115
Rabisco sobre o mundo	116
Goiânia, meu leito	
O armazém	119
Roteiro de viagem pelo corpo da mulher	122
A palmeira de Morrinhos	123
A camisa	124
A preta de Minas	125
Exigências para um epitáfio	126
De Menestrel de rua (1976)	
Ciranda interrompida	120
Ermitão da ilha	129
	IJU

Estrela expulsa	131
Chuva	
Amizade	
A estranha luta do pássaro sem ascensão	
De Pastoral (1980)	
Prantos da terra	
Para nascer nasci	
A viagem, o chão e o rio	
Poema para Thiago	144
Apesar do medo, eu canto	
Os tripulantes	147
Poema menor para o poeta maior	148
Poesia	<mark></mark> 150
Visita	<mark></mark> 151
A folha de palmeira	152
O dia do julgamento II	153
A ida do condor	
Bahia	157
Crônica da manhā (1985)	161
De Madrugada nos muros (1987)	
O rio é uma flauta	173
Ventania	174
Evocação à poesia	177
O relógio	178
A rebelião do pó	179
Adeus, Cora	
Na fazenda Dulcinéia	
Pátria	182
Sob o impulso da lavra I	
Sob o impulso da lavra II	
Aqui me tens, Senhor	
Vinte anos de poesia	189
De Janelas da insônia (1988)	
Boa viagem, Drummond, Itabira está no céu	193

A terra expulsará os deuses do vento	195
A chuva e seu ofício	
Ópio	
Goiânia, a cidade e suas costas para o mar	202
Goiânia, um convite ao crepúsculo	
Goiânia, o pesadelo em setembro	
No leito das manhãs	208
Aqui me tens, Recife	
A 29 de agosto, esse bicho, esse poema	
Recordações de Zica	
A última manhã	
Natal, aniversário da cruz	216
Um calmo bilhete para Tancredo	218
Ó como era doce a minha viagem de trem!	220
Este poema é teu	222
De Trono de areia (1989)	
Umbrais do tempo	227
Discurso de ninguém	
Canção geral de um rio na Balisa	
Estradas da noite	
Movimentos de uma tarde	237
Meninos, eu vi	238
O vaso	
O grilo	240
Os meninos	242
A máquina dos dias	243
A máquina	245
Ruínas	
Tu viverás amanhã	248
O cometa subiu	251
De A valsa dos ratos (1992)	
	0.55
O Bié da 75 Prelúdios de um candidato	257
rieludios de um candidato	261
De A ponta do punhal (1993)	
No segundo domingo de maio	265

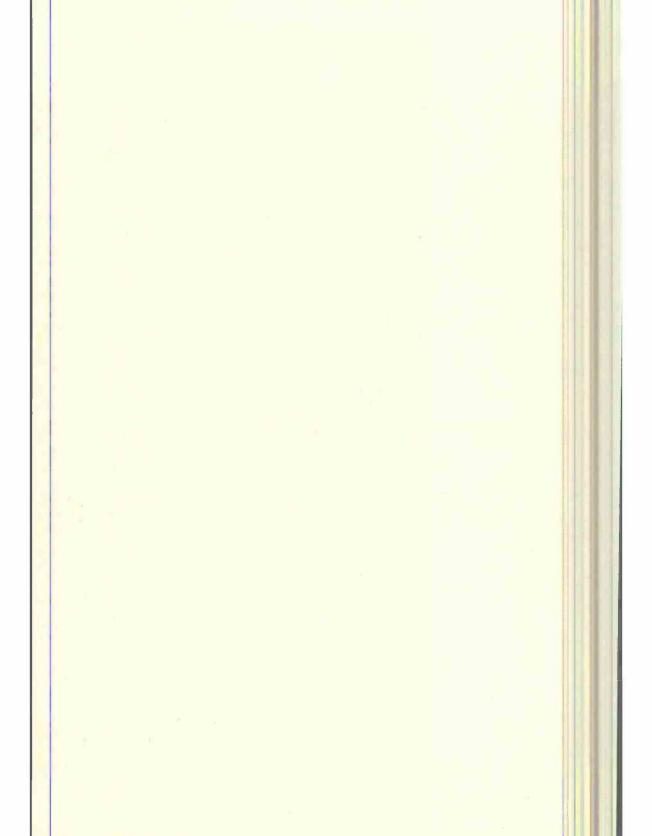
Moenda	267
Ovações a setembro	268
A visita das auroras	
O anfitrião das borboletas	271
O carroceiro	
A flor e a bomba	274
A chuva	
Coisas & coisas	277
Brincando de lembrar	
A praça	280
De <i>Ventania</i> (1995)	
Pátrias de ninguém	285
As bananeiras	287
As faces	288
A fortuna de Zé Ramiro	
É a tarde	
Conjecturas de um bardo	292
As tintas do teu pranto	294
O hóspede se foi	296
Inventário da revolta	
Os tambores do outono	
Os punhos da aurora	
O velho menino	312
De Os aventais da púrpura (1997)	
À flor da pele	317
Cântico do só	319
Poema em diagonal	
Périplos do amor	
Poema à paisana	
Do inverno, falo	
O calcanhar de Adão	
A odisséia das águas	
A vó Altina	339
De A LIRA DA LIDA (1997)	
A lira	343

A line de lide	2 4 4
A lira da lida	
As súplicas do eco	347
Um dois umOs bêbados	351
Velho Einstein	353
Extrema inquietude	
Araguaia, eu sou teu pranto	
Maquiagem	
Cinzas para Buenos Aires	
A flor do trópicos	
Boa-noite, crepúsculo	367
O dilúvio	377
Por causa do sol	376
7 07 04404 40 301	370
O anjo em chamas (1998)	379
De <i>A taça derramada</i> (1999)	
Cânticos em safras de amor (primeiro)	409
Cânticos em safras de amor (segundo)	411
O sol dos escombros	412
As coisas	413
O cofre	
O prato do dia	
O filho dos goyases	416
O pai do corvo	417
O urso de bengala	418
A lanterna de Judas	420
Foz, esta é a voz	422
D. 4	
De A TORRE DE BABEL (2000)	
Proêmio	
Périplos da palavra I	428
Um sorvete com Deus	
Edital à praça	
Os fardos do fado	432
Os objetos	
O relógio	
Oblações ao texto	
Oração ao medo	440

Poema pessoal	442
Natureza	443
Papel higiênico	444
Desembrulhando as emoções de Fernando Pessoa	445
Pelos arquejos do gozo	447
A serpente no santuário de Anquises	449
Dos salvíficos de Sofonias	450
Canto III – Até o Estige	452
De O PÃO SELVAGEM (2001)	
As coisas	457
Adjutório	458
Âncoras do lume	459
O continente submerso	460
Um lugar para o júbilo	461
7	. <mark> 462</mark>
26	
29	464
30	465
105	466
(2002)	
De Boa-noite, crepúsculo (2002)	
Expressões do onírico	469
As torres da noite	450
Ah, paraíso, nevermore!	471
Âncora do meu avô	472
Até a Cítia	473
Um convite ao banquete	474
O vôo de Ícaro	475
A Dylan Thomas	476
Charles Baudelaire	477
Neruda, bródio com o povo	479
(2002)	
De As TINTAS DO TEU PRANTO (2002)	
Tu, cetro de estrelas	483
De A dança do relâmpago (2003)	
Os tambores do vento	493

Apologia do simples I	494
O pulso do verbo	495
Apologia ao céu	
As árvores	499
Os heterônimos	500

Os GATOS (1967)



Os gatos

Acordei com os olhos fatigados, vendo o reflexo do mundo no ventre da madrugada.

O sol veio lento trazendo nos braços a mulher sensível de rosto calmo com traços invisíveis.

No cimo do céu a sombra da terra dançava como as ondas do mar.

Os ventos voavam em torno do céu como os agradáveis sons de um violino.

A terra girou em gesto cansado em torno de si, perdendo o equilíbrio, despertando o todo.

Olhando no espelho, vi que meus olhos não eram mais os de ontem. Vi que minha fisionomia não era mais a de sempre.

Tremendo com as mãos frias, ouvi gatos miarem

em ecos desgraçados, a maldição me dominou.

Eram simplesmente mulheres andando por ali, fazendo tremores no telhado como os malditos gatos farejando os benditos pombos.

Lá fora, na rua, o sol tresmalhou na escuridão acabando o mundo.

Chegou em mim
o louco desejo de fugir.
Fugir de quem?
De todos e de tudo,
ir para longe.
Com quem?!
Se estou é fugindo de mim...

Correndo de meu coração que vive, de minha memória que faço versos? Fugir de meu desejo, que amo a vida. Não, jamais!

Morrerei como animal. O próprio gato me fará as partes do diabo com suas inéditas unhas.

Amanheci tremendo. Aproximando-se a morte, intitulei meu livro OS GATOS, que os homens hão de ler. Os que nasceram gatos morrerão gatos.

E seu próprio instinto aprisionou o Homem como o escravo.

Minha divina face fora talhada com suas desprezíveis unhas, pois meus cabelos secaram no sangue do parto.

Pelas ruas, pelos muros, pelas casas, OS GATOS miam eternamente.

No muro das tardes

A densa tarde de brumas inacabadas que hoje passa no farol noturno das ruas é a surpresa da noite que rompe por detrás das tardes. Onde a mulher espera o que nunca chega na imagem dos tempos.

O rabisco do muro que foi feito a giz de menino hoje é acabado em lodo. Onde ficou a infância incompleta dos homens.

E de repente uma vontade embalada de conhecer as costas deste muro que de outras casas vem esculpindo meu silêncio de árvores desconhecidas.

A densa tarde que chegou das preces alcançou o estranho que inventei.

Pois do útero do céu a noite chegou...

CARTA VIGÍLIA

Existe gosto de fome na boca dos que pedem pão.

Existem trapos feiosos que são arrastados da sujeira da favela para a Casa do Alimento.

Existem feridas abertas no rosto dos que pedem VERGONHA.

Existem filhos que pedem mães, a origem do parto de tão desgraçado opróbrio de homem.

É NOITE NO EGITO

Noite lenta, qual sono eternizado. Noite muda, qual grito abandonado.

É noite no Egito.

O Cairo todo canta num soluço de voz que se perde no eco, que se prolonga no infinito.

É noite no Egito.

O gesto da lua beija a esfinge da praça, com a luz mecânica das almas nefastas.

É noite no Egito.

O vento passa sobre as pirâmides e faz esgar no silêncio e no pó da solidão.

É noite no Egito.

Uma musa vagueia, cega, muda e surda, na estrada do poeta exausto de amar a Vida.

É noite no Egito.

As ruínas pedem socorro! E o faraó volta a fazer medicina no Cairo gigantesco.

É noite no Egito.

A terra faminta devora os homens. Os vermes gritam independência e eu aqui me arrebento num combate de pesadelos.

É noite no Egito.

E eu durmo resignado no útero deste monstro EGITO.

MENINO NO CIRCO

O homem com máscara feia de palhaço esconde a vida entre as cores do circo, coberto de lona, sob um céu de anil.

Mil estrelas cromadas fazem poesia com o riso da criança.

É o menino do circo, que está sentado no banco da alegria, pensando na vida e comendo pipocas.

Com boné feito de jornal, mergulhado na cabeça rajada, ele recome pipocas no cheiro do chocolate.

A fumaça levanta, ergue e inunda o circo.

Acorda, criança, o espetáculo acabou!

A voz da criança

Na calçada, a negra da casa vizinha varria lentamente, desafiando o frio da manhã glacial.

Primeiro o silêncio.

Depois o padeiro, depois o leiteiro.

E a voz da criança se perdeu na rua: pelo pão, pelo leite.

LAMENTOS

Cantaremos os pássaros nos dias ermos da vida e voaremos para longe.

Choraremos os homens, caindo de nós as lágrimas que vão molhando os cabelos que fugirão para o nada.

Falaremos em versos tristes os poemas deixados nas páginas esquecidas que trouxemos a chorar, como despedida da vida.

Deixaremos aqui o fim, com lágrimas, com flores, com a vida, que é a morte.

Adeus, agosto

Os homens estão parados, vendo a vida.

É hora de calar a boca.

As mulheres estão no sol, vendo o sangue.

É corpo mecânico, mergulhado no aço.

Os filhos estão na porta, vendo o pão.

É fome, orgânica, devorando o espaço.

Os pés estão esquecidos, vendo o corpo.

É chaga na face comendo o rosto. As mãos estão feridas, vendo o parto de palavras.

É dia vermelho de agosto, moendo o resto da vida.

Conhecendo os homens, fui me redimindo da ausência de Deus.

Mostrei meu reboque de amor. Mostrei minha fama maculada pelo vício da poesia.

Reflexões do conflito (1970)

Amargo canto da presença

Estou sozinho, Drummond, num país de oitenta milhões de frustrados.

Nesta tarde de sexta,
23 de janeiro, dia tão vulgar,
confiro minhas rugas:
são vinte estigmas de sapo,
são vinte concílios de astros?
Não sei. Apenas permaneço fiel
à lucidez do compromisso:
o cão mais solitário
no final de cada rua
tem o rosto metafísico
assombrado deste mundo.

Estou sozinho, Drummond, num planeta desonrado.

Nesta tarde de sexta vejo a vida como um cágado: prudente, sem desespero, ruga agüentando quatrocentos anos de solidão num casco espesso como chumbo.

O mundo está solto na rua, vagabundo como demônio: girando, girando, crianças mofinas, cartazes hediondos.

Estou sozinho, Drummond, numa golada de uísque.

Uma palavra, um gesto: a bomba está enxertada.

Nosso brinde na taverna vale o troco-submundo: pecados, beberrões, putas & diplomatas.

Marilurde, "quarenta horas de ternura" na ação célere de um beijo.

Estou sozinho, Drummond, à espera de um desastre.

TERRA CAMPONESA

Vai pra eito casta-escrava, ergue os braços canta e lavra.

(A carroça a égua puxa) lombo cáustico – doida luta!

FOMEografia – estuda, alivia?

Zé, puxa a saia da mãe, – puta do céu! Sem leite, dá-me sangue: sou conviva dessas tetas.

O farto fardo fado explode calos nos ombros do cabra. Nossas mãos tão magricelas são mocambos de ralé: vem Zé, o machado rebenta varizes do chão.

Nos eitos da lavoura o arroz estampa. Sudação imensa o latifúndio manda.

Junta as mãos, luta rural, que cansaço é febre causticando a tarde.

Primeira angústia

Depois que conheci a consciência desta noite, vi que a pancada mais dolorosa do meu corpo fictício era o sexo do outro mundo.

Vi planetas adoecendo a terra: eram cópulas e gemidos arrancando-me do ventre.

Era o esperma no mais violento mundo agregando-me feto.

A notícia correu.

Jornais, deuses, igrejas e países prestaram-me pêsames do mal.

E quase que sem fala, como animal ou bicho pálido, não tive paz nem sorriso.

Tive as almas do Vietnā: crianças mortas, cinzas e trevas na cara.

Não tive paz nem sorriso, apenas conheci o tamanho do meu destino.

SEPULCRO MATERNO

(Para Francisco de Castro)

I

Antes o horror que me devorava era o ventre, o sangue de minha mãe,

era o medo de nascer excretado pelo ódio, era a desgraça de vir ao mundo.

Depois, não houve força maior que o parto:

nasci

e toda a humanidade escarrou-me na cara.

II

Eu vim do tempo escuro para ser usado na vida nua.

Na vida negra fiz poemas de sangue agarrado ao frio.

Lá, o dia não era feito de sol. Apenas uma fonte de plasma agasalhava-me com suas forças de ódio.

Nasci dos cromossomos: desgraçado! A juventude dos espermas ficou em mim.

Expressão do momento exótico

É a noite, meu caro. É a espessa treva da roupagem sofrida devorando toda a alma.

E o destino? Os assombrados livros desta estante. Ratos & ratos fazem arrelias: viva o sexo desses parvos!

É a noite, meu caro, E nenhum grito destrói os tímpanos deste mundo.

O muro ergueu, você lembra? "Van Gogh ficou louco", você lembra? É a noite, meu caro, simplesmente assassina, sem tambores ou alarmes.

A janela fechada, o berço vazio: tudo tão calado...

É a noite, meu caro, e Deus tão negro ao redor destas lâmpadas, balança a treva espessa.

O universo inteiro me sufoca... é noite.

VIOLA DO POVO (1972)

Três indagações doídas do viver

1.

Pai,
o quanto vale viver?

Viver, meu filho,
tem sabor de azar
quando no tempo
a boca não come.
Tem gosto amargo
quando na véspera
apodrece o fruto.

Viver, meu filho,
implica humildade
de um boi caminhando,
implica peso de sol
como ferramenta nos ombros,
implica alegria, gosto de menino,
pipoca rebentando, chuva.
Implica tudo, até solidariedade
de uma sombra no caminho.

Viver, meu filho,
é a conjugação de um verbo
nos vários tempos de uma dor.

2.

Pai,
o quanto vale a vida?
- A vida, meu filho,
é como um rio querendo dormir
na retina de teus olhos:
um rio sexual, um rio imenso,

um rio com seus seios de barranco, mais o sonho carnal de suas águas. A vida como um rio. A vida como um boi, uma canoa, um remorso, um remo quebrado, um rio cheio de solidão, um rio correndo para a noite como se lá na frente uma força puxasse o silêncio de suas águas.

 A vida, meu filho,
 é nada menos que a faísca desses sonhos.

3.

Pai,
o quanto vale a liberdade?
- A liberdade, meu filho,
é coisa difícil
que não se abraça,
é luz ardendo no peito,
é brasa queimando na mão.

A liberdade, meu filho, é coisa só do vento.

DIA DO JULGAMENTO

(Para Nilo Benetti, companheiro)

EU não vim para molestar o sentimento daqueles que perderam o caminho das lágrimas. Nem tampouco para ulcerar a dignidade sacra do pão sobre a mesa. Eu vim, amigo, para falar desta ferramenta fundamental que é a vida, destes olhos naufragados na rebelião de um pranto. Da tristeza sem fim de minha mãe, que toma remédio de hora em hora, do cansaço comprido de seus olhos pedindo sossego pro mundo; sobretudo, amigo, para falar do regresso imponderável de todas as manhãs, da estrela magnífica que clareia como espuma nos olhos da lavadeira, daqueles que trabalham com os mortos e sabem de cor a numeração das lágrimas, dos que constroem apartamentos e dormem em camas de zinco, dos que tiram fotografias ao lado dos políticos; da poesia, sobretudo da poesia, que é mais forte que um boi na canga de seu ofício, da poesia que é mais vulgar que um beijo no prostíbulo, da poesia que cancela o desespero, que maltrata o sofrimento, que proclama a paz, da poesia que navega em nosso corpo

como um grito numa mansão deserta, da poesia que é mais bela que um trem na mata, da poesia que é mais bela que um cantil cheio d'água, da poesia, sobretudo da poesia, que é como a presença de um rio entrando pela noite dos escombros, ave muito clara, ternura, deixa-me morrer entre as estrelas.

CONVITE UNIVERSAL

Pode entrar, a casa é tua.

Vê: este telhado é como céu,
não há paredes que possam
quadricular teu sorriso.

O pão é livre, a carne,
a mesa, o leite.
É como o vento
a liberdade
que te ofertamos.

Dorme.

Faz de conta
que estamos
num planeta
sem fuzil.

Mal do século

Me acode, Zé, me acode! O mundo ficou doido. A vida é muito cítrica. Ninguém na terra quer vestir uma farda de paz. Ninguém. Zé, me acode! O mundo ficou doido. A lavadeira se suicidou. Puseram gravata no Cristo. A lua virou boite. Ficou doido, Zé, me acode! As crianças brincam com armas de fogo. A cocaína está solta. Chacrinha roubou a alegria do circo. Socorro, Zé, socorro! A máquina destruiu o coração dos homens.

Colméia de anônimos (1973)

MULTIDÃO SEM ALMA

I

Poesia chegando como choro de criança desmamada.
Poesia mais forte que pão, que liberdade — que leite.
Poesia mais pura que beijo de mãe.
Poesia mais calma que fruta no vento.
Poesia mais livre que canoa nágua.
Poesia vivendo como sossego de gado.
Poesia caindo sobre nós como garoa sobre cidade.

Cidade enfática
de homens e de pneus,
- mas são homens assim mesmo!
Apressados como correnteza.
Infelizes na busca da paz,
- mas são homens assim mesmo!
com pressa de polícia,
- correndo/correndo —
como se fossem autores
de algum crime.

II

Dentro da noite, a cidade é um demônio empalamado: fábrica enorme de delitos. Cidade movimentada pelo beijo mecânico das almas em desastres. Não existe ninguém dentro do povo. Seus céus são defuntos. Suas noites, um suspiro nefasto. Cidade feita de apartamentos que são covas de andares.

III

A vida sendo composição estúpida de sonhos. Eu sendo noite que não amanhece. Sozinho como ferida. Bicho sangrado por um corte de nostalgia.

Sofrendo tanto como homicida.

Vontade de enfiar a unha dentro do olho, arrancar a raiz do pranto

e chorar longamente umas lágrimas sem fim.

(São Paulo, 22/ll/71)

Medo, náusea e sentimento: reflexões de um poeta mendigo

Porque o sofrimento é mais velho que meus ossos. Mas o tempo resiste. Já que meu regresso à solidão é uma lei obrigatória -(eu magôo então) o enigmático sono das palavras. Porque este é meu ofício: aqui, no mundo opaco das horas, eu me ponho a dialogar com as frases de meu sangue. A palavra é cretina, mais fecunda que o esperma. E isto dói mais que um cacto sangrando que a verdade aqui é espontânea, mais solene que um rio dentro da mata. Mas o tempo resiste. É tudo: meus ossos hão de ficar aqui.

Que meu corpo é um rio abastecendo uma cidade. Que venho morrendo de longe, da nascente e do pecado.

Era ontem. O tempo exauriu. E todos os homens fugiram: corações lesados, prantos. É o que sobrou desta carícia monótona: uma lembrança na parede.

Agora: frustrado, vulnerável e besta, carrego somente a fama incomensurável de uma puta, porque canaz, sou do povo: mártir, cruz-réu de tanto cuspe, no bueiro, no barril: poeta, sujo, vagabundo e doidivana, mais fraterno e mais humilde que uma chinela sem dono.

CONFISSÕES DO ÓRFÃO

(Ao poeta Aidenor Aires)

Que pêndulo agonizante... os dias! Ninguém balança na rede. Chove. É sábado. A lembrança me governa. Amigo, pelo amor de Deus, me acode: a claustrofobia me mata.

Alguém precisa riscar um fósforo, acender nossa paz. É sábado. É muito escuro o mundo de meu sangue. Os mortos estão caminhando na lama. É uma ausência medonha, o cheiro, a vela, a paisagem no vácuo, o tiro da misericórdia, a morte, cruz credo! – O que espanta assombrações é o rosário de minha vó.

Aleluia! – Mais belo é o sofrimento, o limite de um beijo, a morte: nossa vida cancelada.

E eu espiando a ternura destes pingos nesta hora mais fria que um cárcere.

Amigo, pelo amor de Deus, me acode! A solidão povoa meu corpo cheio de sangue. Estou sozinho. Chove, é sábado. Há um enterro passando pela rua de meus olhos. Nem sei a quantidade de mãos que pedem socorro.

Sou vítima, miserável, mórbido! Meu coração badala como estrôncios na bigorna. Mas esta chuva não lava as mazelas de meus olhos.

A ventania sacode as ruas, a miséria não foge. Todas as janelas estão fechadas. É noite. Chove. É sábado. A cidade morreu.

LAMENTAÇÕES DO POETA MENOR

(Para Maria Guilhermina, companheira)

Paciência, mãe! - Que este filho não pertence a nada. Eu quero apenas um passo amigo na acumeada de minha dores. Eu que sou puro como a fruta na mesa. Eu que sou puro como a chuva no rio. Eu que tenho tentado a fraternidade do pão dentro da cesta. Eu que tenho franqueado o humanismo de todas as mãos. Eu que sou puro. E que sou poeta: vinte e um anos, brasileiro, e converso com a solidão de meus olhos. É isto mãe: paciência! O mundo rasgou minha camisa, estragou a lucidez de meus olhos. Mas nem por isso eu deixo de pedir a paz definitiva do padeiro, a candura facial, o beijo, sobretudo que ninguém corrompa esta liberdade incomensurável que tenho de tomar meu leite, de amansar meus nervos, de calçar minhas chinelas, - que meu desejo é do tamanho de um abismo, que minha carência é profunda, que Bulik n\u00e3o chega, que fico arrependido, danado, puto da vida! - Nesta hora de total suplício: que minha boca procura o sotaque da vida nas canções de Heine, que preciso esmagar a sepultura dos ausentes, que preciso urgentemente acabar com esta rebelião sentimental, que preciso muita força para combater as inópias do mundo. Que meu corpo é uma composição inócua, depositório de lágrimas, cisterna de prantos. Que meu nome é um acidente, sigla no cartório.

Mas que não me arrependo de entrelaçar minhas mãos na semeadura deste amor: – que é um menino mendigo espalhando cometas pelos ermos da terra.

Toada do desespero

(Para Siron Franco)

O homem está só, o medo cresce.

O tempo é de total perigo: matemáticos, poetas e psiquiatras querem explicações para o decúbito coletivo. Mulheres sairão pelo mundo mostrando seus seios de borracha. Novamente crucificarão Cristo numa descarga de privada.

O homem está só, o medo cresce.

A vida é arrancada da estrangulada época, como fôlego aliviatório.

O homem está só, o medo cresce.

Há um homem sofrendo dentro de cada homem. Há um feto gemendo, um bicho, uma vida na toca sanguínea de cada mãe.

Há uma cidade sem esquinas, há um beijo esquecido, uma chinela atropelada, um lápis sem ponta, um morto, uma sala sem mobília: há um homem vazio como um rio que nunca teve peixe.

O homem está só, o medo cresce.

Os hospitais estão sobrecarregados de candidatos à morte.

O homem está só, o medo cresce.

Existem frases como cangas, verbos corrompidos, gramáticas de crime.

O homem está só, o medo cresce.

À noite, o tempo
é uma tristura desbocada.
O filho nasce como penitência.
Alguém vendeu seu ventre
nos laboratórios do sexo.
Alguém perdeu
o caminho das mãos.
Sobretudo, o suicídio,
alguém perdeu
a morte de Joana,
(desonrada cidadã do mundo)
a rua lotada de fuxicos,
a calma boba de João,
bicho besta, à-toa!
Sem Joana.

Meu Deus! O homem está só, o medo cresce.

Colméia de Anônimos

Goiás agora é apenas a cisma de um sonho. Perdido na distância é lembrança pura: como dor e sangue latejando na memória.

A infância extenuada, o medo da palmatória, — minha vó fazendo tranças... e eu ajoelhado fazia pose de castigo: penitência de escola, eu não sabia história.

Goiás no ermo, bravo: com chifres de muito gado, coronelismos e Caiados. A história levou nosso ouro. Bartolomeu fez milagres.

E agora estou sozinho numa urbe muito monstro. A cidade me devora: é águia de cimento, colméia de anônimos.

Que povo fera, meu Deus!

– Quantas centúrias de heroísmo?

– Quantos séculos de chaminés?

Perdão, amigo: nasci no ermo. Tenho barro nas mãos, lábios de fruta. Das ribanceiras de um rio, este orgulho telúrico. Mas foi abrupto: o feitiço da palavra me tragou.

Fiquei poeta, bobo! Acostumado à poesia como ao sofrimento.

Goiás perdido, apagado.

Araguaia: um arranhão de beleza

Paisagem - 1

Este rio passa pelo sertão como um bicho por uma estrada.

Este rio é como a língua de um bicho a lamber os barrancos da solidão. Este rio é como a cauda de um astro, é como um correio a água deste rio.

Vem a noite e se debruça no rio.

O rio alaga seu mistério, o rio ronca.
Este rio carrega o remorso dos afluentes, segue o dorso das estradas, o rio.
Passo a passo se transforma em noite.
O rio é noite: a noite dorme dentro do rio como uma mulher sem suplício.
A noite é fêmea, como fêmea será o sexo de suas águas.

Há calma na superfície como na boca de um anjo.

Episódio

A queimada vai devastando as penugens da terra: troncos e galhos estalam pelos ermos, flores se alteiam com medo do chão. Brotam cinzas como prantos: a terra chora. O gemido entra pelo corpo do rio como uma bala pelo peito de um pássaro. Agonia mortal: o sertão está ferido.

Paisagem - 2

Parece que o rio está enforcado como um peixe no galhaço.

CHÃO DE BOI

O gado quebrantado pela estiagem caminha léguas pelo campo.
A cancela é um ferrete: o gado foge.
O chão é de boi. O chão é de lavra.
O gado é serventia, o dono impera: carreia gente, canga e sofrimento.

Na prensa do delito – geme! O matadouro é cemitério: o gado morre. Silenciam as engrenagens do sangue. Caveira, chifres e outros ossos se desfazem em ceias de agourentos.

A cidade é que come sua dor coagulada.

Martírio das horas

E chove. E chove. E chove. Como se isto viesse diminuir o sentimento fatídico desta hora. Que afadiguei-me de tudo. E não agüento mais o disparate emocional. O poema surge de maneira inexplicável. - Quando, na idade tenra, o destino sem juízo, a vida sem prumo? Agora, estupidamente agora, que o atleta do cristianismo é cadáver no peito da humanidade, fico eu no fundo, triste: numa tristeza mais forte que a de um brinquedo no lixo. Sem nunca conseguir tocar um freio no pulso colérico desta vida. O coração doendo num ritmo de ferida. Uma cruz plantada dentro do olho. Lembrança sem limite. Enlevo sepultado. Agora, estupidamente agora, que perdi o tato pela coisa, o rumo de meus olhos, a quentura de um beijo, - sou vítima de tremores, insônia e medo. Agora que meu leito ficou no vácuo. Que já não existe mais o lascivo corpo de Alice. Que seu rosto sucumbiu numa lágrima de vela. E a casa ficou pra sempre na solidão intrínseca de um relógio. E chove. E chove. E chove. E eu ficando cada vez mais velho de tanto saber que sou incerto.

Confissões do menestrel de rua

Amigos, se me permitem, eu quero a paz e a palavra. Tentarei desfraldar meu poema como quem parte um pão.

Meu coração é uma praça: liberdade para todos.

RECADO PRA MANUEL DE PASÁRGADA

Sabe, meu velho Bandeira, eu também já ando desacorçoado desta vida e queria tanto morar contigo aí nas brisas do Nordeste, conhecer Pasárgada, ir embora daqui que esse mundo não dá sossego não.

Abstração suprema

Nem sei quantas vezes estas mãos caçaram a marca definitiva desta pele branca (que é a paz).

A paz, meu nobre amigo, é uma palavra inócua.

ADVENTO INESPERADO

A minha chegada se fez como a vinda de um pão.

Apesar da paisagem que já caleja meus olhos. Da esperança apodrecida no chapéu de meu avô.

Olhar intenso de fauno, astuto, bobo e poeta!

A vida inteira este duelo com as palavras.

Irmā de Alma

Necessito de ti como do sol, ó pássaro divino, lúcida imagem!

Nenhum lume é mais claro que teus olhos. Somente eu sou noturno.

Por isto a vida dói. (Dói tanto como um cacto nos olhos de um menino).

Vem, pássaro, vem!
 aninhar tua vida
 nesta vala noturna
 de meu olhos.

Porque meu coração é governado pela alma de um menino.

Perdão! A poesia navega no sangue de minhas horas.

PERFIL PATERNO

(À memória de Antônio Estrela Nascente, meu pai)

Entrei na vida pelas portas do fundo. A morte paralisando toda infância. Pelas portas do fundo... órfão, filho de marceneiro. Antônio Estrela Nascente era um homem de bigode amarelo. Tinha azul interminável nos olhos, austeridade na fala. Fabricar móveis para o mundo. As mãos educadas no ofício. As mãos lapidando, lascas caindo, madeiras ganhando requinte. Era vida de meu pai: Hemingway sem caneta. Aventurava a vida num golpe à-toa de perigo. la pro mundo, corajoso. la pro rio, ia pra selva, ia pra terra, foi pra morte. Mas o mundo guardou para si as lascas de seu feitio: umbrais de jacarandá, estruturas de sonhos. mesas de imbuia, rodapés de peroba e até mesmo engradados com ripas de mandiocão azedo. Mas foi numa noite de dezembro, que a morte assolou todo o fôlego desta vida. Minha mãe soluça um choro sem fim.

RAIZ DA FALA

 a palavra é mão: soluça e sofre como enxó no peito da madeira.

2. a palavra é pé, pisa no chão, piso de miséria.

3. ela caminha pelos ermos do nada.

§. a palavra é ave: voz de sangue.

4. a palavra é flecha: singra, sangra o caos, a vida, o pânico do só.

§. a palavra é feto: vem da gramática como de um ventre.

É um pássaro afogado nos porões da mente.

Memórias I

Eu vim de longe, das águas do Meia-Ponte, ermos do passado e ranchos de meu avô. Eu vim. Mais sozinho que cruz. Ressentido do próprio nada. Fiquei ausente, cratera de vazio. A distância me sumiu. Mas vim. A idéia doendo, o passado, piegas! Trunquei-me na vida. Até as palavras me foram tragadas pelo silêncio. Eu indo para o fim, monge, feito de sangue, barulho e coração. Mas indo assim torto, assim forte, assim homem - estúpido! Carcaça de tanto ódio. Com os olhos mais fundo que o azul. Para o nada, aventura notívaga. A vida, noturna interjeição.

Um balde cheio de flores pra Manuela não chorar (1974)

O PASSAGEIRO

(Para Alírio Afonso de Oliveira, companheiro de luta)

Sei que sou uma voz doendo em cada palavra. Sei que sou crucificado em cada instante. Sei que arranco estrelas da terra como quem arranca lágrimas enraizadas do corpo. Sei que meus olhos não possuem o clarão enorme de um cardume na ceva. Sei que meu sangue não possui o sossego de um pé de mamão na chuva. Que meu coração jamais entrou em festa. Que minhas mãos não carregam as virtudes da terra. Que tenho a alma impermeável como a alma de um bicho que nasceu na chuva (e guardou dentro dos olhos o abraço repentino dos relâmpagos). E cresceu como um pé de milho numa roça de muito verde. E foi crescendo. E foi crescendo, ora como lábio de fogo, ora como vassoura: semente gigante de paz coletiva até chegar ao céu como sino de navio. Mas foi vendo que a leveza de teu corpo era tamanha como a leveza da farinha,

enquanto o tempo escavava as paredes enferrujadas de teus olhos, a infância se calava num país de rugas, como um violino envernizado de ouro na ferida de teu silêncio. Ou como um prato, xícara, cinzeiro que quebrou, nasceu dentro dele uma cruz com braços de estrelas (clareando o mundo): era órfão de todos os albergues, discípulo de todos os abraços.

Ovelha de sete falas

Eu sou uma solidão que anda. Desde a infância, vivo negro, calado e só: animal cabrestado pelo vício da dor.

Exaltação à terra

A terra não é negra nem azul. A terra é da cor de todos: dentro dela dormem sorrisos paralisados.

A terra é submissa: leito para todos.

Quem morre não precisa passaporte, – a terra aceita.

A ÍNTIMA CONFISSÃO

E choro calado como chora um boi andando pro matadouro.

Certo de que nada mais fiz senão passar pela paisagem

Poema aberto para Pablo Neruda

Que alma caótica inventou o tesouro enfeitiçado de teu nome? Pássaros vagabundos serviram-te banquetes de amizade. Imenso, o tempo cobrirá o sono de teus ossos com preces, lágrimas e flores vestidas de sol. Por ti, ó mastro incendiado de poesia!, todas as ruas solitárias do mundo transformar-se-ão num desfile de estrelas.

Sua ausência deixou um vazio escabroso no alma de teu povo.

Os Andes adubaram o teu canto nas plagas dos laranjais.

Neruda, a América calou-se como um cipreste em sua tumba. E o sangue público da rua de La Plata gritará perpetuamente o choro irrepetível de sua morte.

No reino da infância

(Para Mário Rodrigues de Oliveira e Eunice do Carmo Oliveira, que testemunharam minha infância).

Coisa bonita é o verde na chuva. Coisa cheia de poesia, as folhas do abacateiro. Chuva com núpcias de borboleta é chuva que aduba a terra. Chuva que planta sonho nos pingos da janela. Chuva no quintal de dona Fiíca, chuva no galo, chuva no terreiro, no pé de chuchu de dona Rosa, chuva que cobriu o muro, a cidade e afogou pra sempre minha infância dentro dela. Que vida engraçada era aquela! A gente fazia medo nos meninos de seu Batista, punha sapo na água do pote, roubava manga, doce, dá saudade, meu Deus, muita dor do tempo perdido.

CONFISSÃO IMPRÓPRIA

Carrego nos ombros a trouxa do desespero.

Sei que traumatizo a confissão, mas o homem do meu tempo é uma besta de robô, inventa cartórios, armas decentes, gravatas, leis, calcinhas, duplicatas. Porra! É de verdade um símio computadorizado.

A confissão é negra, confesso: meu coração resiste ao mais cruento holocausto,

resiste um povo, uma tropa: milhões de crianças apedrejadas. Os passageiros (1975)

O TRANSEUNTE

A noite é meu escritório de trabalho. As horas escorrem como gotas de agonia. Eu vi as árvores virarem cinzas no tempo, a cidade ameaçada por falta de verde, o estrondo das folhas morrendo (meninos-fezes, de repente orelhudos, na rua antiga da infância).

Chaminés sangrando o lençol dos céus, o transeunte está poluído.

Dizem que os tribunais proibirão o advento das flores.

Meus olhos têm lembranças do sossego vegetal.

Estou aberto como mesa: sou canção inventada resto de estrela fim de madrugada.

PRANTOS DA TERRA

Missão que me dói fundo a de estar presente em tudo que vai morrendo. Missão que me dói fundo a de imprimir miseravelmente a palavra no abismo do branco. Missão que me dói fundo saber a solidão da árvore (mesmo em êxtase de vida). Missão que me dói fundo o prato empoeirado na indulgência de seu uso. Missão que me dói fundo a moça comida pela desonra da vida. Missão que me dói fundo a fala morta do retrato: o silêncio da gaveta, a surpresa da chave, – tudo me dói! efêmeras coisas.

ROTINA OPERÁRIA

Cáustica batalha de pisar o barro até o grito da sirene libertária.

Aberto feito banco de praça, és homem, negro, branco e mulato: desde o vento amasiado ao campo até o ruído amargo dos autos na cidade.

Em tua tristeza umbilical de haver nascido, és operário:

o almoço, o ovo, a marmita, a batata tão cozida e esbranquiçada, eis a ceia aberta a ti e ao povo.

Chega o sábado e é preciso lavar o que vai doendo à rachadura dos calos. Beber pinga, brigar até, torcer, que futebol é guia de teus sonhos.

À noite, em tua sala de sofá mirrado, a TV é vida (ou tela de graça?)

Tua esposa, operária do tanque, é amiga de cama.

– Irmã do povo, será doutor teu filho um dia?

INDAGAÇÃO NOCTÍVAGA

Já não sei onde mora o amor em teus olhos. Já não sei onde há sombra em teu corpo. Já não sei onde a pancada é mais funda dentro das horas. Já não sei onde o tempo é uma lei sobre nós.

Já não caibo mais em mim. Virei brinquedo quebrado num país de saudade. Virei soldado de infância, sonho em livro de aventuras.

Já não sei onde o zumbido da cigarra é mais cruel no tímpano das árvores. Já não sei onde o detento morre e a liberdade dorme num papel noturno?

Já não sei onde a morte se afogou nos lábios do menino. Já não sei onde a máquina é impotente para o convênio com a paz. Já não sei. Já não sei. A tarde nua, a espera, o vazio no bolso, a vida fluindo, já não sei. As horas perdendo o fôlego.

Já não sei. Já não sei. A solidão desta presença.

PESCADOR

(Ao amigo Paulo Araújo, que também compreende a beleza das águas).

Pescador, ancoras teu barco no peito do barranco e escondes teu corpo na sombra da gameleira.

Vais, pescador, e refugias teu sonho no tesouro das escamas.

Vais, pescador, e rezas, que peixes do outro mundo poderão decepar-te o punho.

(E rezas forte, forte, mais forte que o trovão, que agouros não te agarram).

O remo que tu levas é músculo de boi.

A lua invadirá teus olhos com reflexos de remorso.

Pios de aves, rangeres de fantasmas, confissões de almas e beijos de suicidas poderão ferir a calma de teu coração.

O silêncio que bóia sobre as águas possui gumes da traição.

É bom que fiques atento à curva do rio: há meninos afogados com brinquedos na mão.

Cuidado, pescador! Que o rio te engole como um caixão.

MARCENEIRO

Irmão, que ofício é este que o faz marceneiro, se o serrote que ocupa não faz mobília pro mundo inteiro?

Peroba-rosa, angico são matérias de seu ofício?

Carne parida no chão, madeira: enxó na mão. Que ofício, irmão, de móveis e caixão?

GARI

Irmão, que ofício é este que o faz gari de ruas? O que tem guardado no país do coração é alvíssimo desejo de limpar o mundo?

Por que não varre, irmão, o sofrimento envelhecido junto aos calos de tua mão?

Por que não empunha sua vassoura contra o lixo das almas em vão?

A faxina universal quem fará, quem?

Se vassoura alguma limpou o mundo.

RABISCO SOBRE O MUNDO

(Ao Cory, amigo)

1. Manhã de julho. Fria manhã de julho. O vento vai despindo as árvores para trazer a primavera. Coisa que dói! Meus olhos ficam parados como cemitério de sinos:

– um menino misturado na chuva,

– um passarinho morto na lama,

– uma pontada no coração, depois...
O azul não cabe na escuridão de meu sangue. Mas a chuva derruba um pouco de ternura sobre a terra, e eu fico mais puro que barranco ou pele de terra lavada pelo rio.

Já não há mais sentido para o ódio. Um copo vazio é tudo: cova de mil ausências. A solidão começa quando estou presente.

A cidade é essa mancha iluminada: sou eu, rabisco sobre o mundo.

O coração bateu triste-forte bem no meio da rua: sou eu, rabisco sobre o mundo.

2. Mas uma voz, uma voz profunda, quer enterrar meus ossos no azul desta manhã.

GOIÂNIA, MEU LEITO

(Para Wilton Honorato Rodrigues, como prova de amizade)

I

1937, o boi. Nada lembrava do sol a cidade no jazigo. O que a cidade tinha era sono imenso de raízes encolhidas. Havia ruas subterrâneas guardadas naquele mundo. Um lençol debaixo da terra era seu teto de estrelas noturnas. A cidade nada tinha da fumaça cuspida pelo ventre férreo das máquinas. Nem da fruta, nem do vento que agitava as crinas de teu solo. Pulsava em teu íntimo a ânsia do nascer. Nada queria a cidade de jardins atômicos. Nada queria a cidade de lagartos supersônicos. Nem de gestos fatais que inventam a morte.

II

Era carro de boi, sol e canga: fumaça no chapado, força de criança. A cidade surgia da ponta de um lápis.

Arado sobre verde-rubro: ronco de máquinas nos tímpanos do céu, morre o boi (e a terra sangra).

Cidade tateia superfície e fôlego,

cidade rebenta cálculos e tédio,

cidade diabo, fogo e esmeraldas fizeram-te esbelta.

Primavera de sol, árvores e festa,

eis, América, tua caçula inquieta.

O ARMAZÉM

(Para Arédio Rezende, cuja amizade vem de longe)

O armazém fechado. A rua fechada. O povo fechado.

Seu Rui é homem gordo, guardador de dívidas. De rico mesmo só tem o balcão, óleo e arroz na prateleira.

O canarinho é festa na venda de Seu Rui. A freguesia é lágrima na venda de Seu Rui.

Seu Rui só tem um terno, terno de azul-cristal, terno amigo, sem recalque: roupa fina de ver Cristo.

Seu Rui reza muito, tem receio de tudo: do doutor lendo jornal do copo de cerveja da empregada do seu Doca do bilhete do menino do recado da viúva da vitrola do Miguel da caixa de fósforo da dívida, sobretudo Seu Rui no gancho: país de anotações.

Seu Rui tem receio do sol do mês de agosto em seu quintal.

Dívida de afeto misturada com retratos de sua mãe.

Não tem filho.

O armazém fechou e com ele o coração do homem gordo, ajuntador de dívidas: sozinho no bairro tal xícara desusada no canto da pia.

Mas o bairro não é sozinho, o bairro tem praça, praça cheia de poesia e povo:

povo chegando como cesta cheia de amora, pão e peixe. Como carroça cheia de capim, povo vai chegando.

E povo chegando lembra laranja em mãos de enfermeira. Borboletas marítimas cheirando flor de astros traz povo chegando. Caminhão cheio de arroz, fim de estrada, poeira, povo chegando.

Povo chegando com seus dentes de algodão, suas unhas operárias lábios quentes, povo do leme de algum navio da fábrica de violões do cemitério de lâmpadas da cadeia, do campo da mão comprida e azul da liberdade, do sol da festa de espinhos.

Não tem filho. O armazém fechou e com ele, a vida ébria do Ford a reza dos pássaros o rumo da escola a luz do poste a casa do mascate a hora, o passo o tempo bom de chuva o galo, o quintal a tosse do seu Doca o presépio de dona Ica o relógio da rua a ânsia, a ambulância o retrato, a lembrança

tudo fechou-se: o armazém. Seu Rui.

Só não fechou sua ausência na paisagem.

ROTEIRO DE VIAGEM PELO CORPO DA MULHER

Corpo de mulher é como depósito de ternuras indomáveis.

Urna de sacrifícios, mas um seio quente como o rio que vem da madrugada.

Corpo de mulher é também como pedaço de terra: montanha de paz e gestação eterna.

Deixa minhas mãos beijarem tua pele como chuva que chega ao chão pasmado e faz festa na alma do campo.

Despe o mundo lascivo de teus seios. Fica fêmea, nua.

que teus olhos explodirão num gesto de volúpia.

Mistura o oceano enfeitiçado de teus lábios no veneno alado dos meus.

Quero morrer naufragado na quentura de tuas entranhas.

Acordar no paraíso de tuas coxas e dizer-te: – Que carícia monótona é a vida!

A PALMEIRA DE MORRINHOS

Ninguém sabe da solidão que dança dentro dela. A palmeira de Morrinhos dá recado pela janela: "o tempo me abraça tanto que envelhece minha pele". A palmeira de Morrinhos tem silêncio de quem dormiu com as águas. O rosto sempre virado para os lábios da brisa. Altíssima como rei, és palmeira. Ninguém sabe das histórias da infância da palmeira de Morrinhos. Tua sombra na cidade, quem plantou? Quem? A terra. O muro. A noite. Testemunhas mais antigas da palmeira de Morrinhos.

A CAMISA

Esta camisa é casca de fruta terrestre. É teto, esta camisa. Esta camisa cobre o reino anatômico das solidões. Camisa-telhado. Pele sobre osso. Reboco de casa. Parede de gente. Nódoas de suor, camisa sem preço, operária, de João, sem marca. Parede de algodão, pele feita invisível da terra: contra osso. contra chuva, pele-camisa, camisa-guarida de fibra, de lã, linhas perdidas atadas no infinito. Camisa iludindo pulmão com febre, telhado de pano cobrindo terra. - Terra materna, por que é que tu sempre abotoas o homem numa camisa de treva?

A PRETA DE MINAS

Eu quero ouvir a voz da preta de Minas. Da preta distante vizinha do crepúsculo. Onde anda teu semblante perdido num redemoinho de ausências? Preta de Minas! Preta! Preta! Eu quero teus olhos pintados pelo sangue da terra: teus olhos resignados ao fogo de lágrimas inesperadas.

Eu quero a preta de Minas como quem quer viver num compromisso de ouro.

Não desnudes, não, preta, o garbo infantil de teu rosto! Deixa o sol arder em teu lábios.

Minas se ufana de tua bondade. A vida me crucifica numa lembrança.

Exigências para um epitáfio

Quando for preciso encher meus olhos de terra, por favor, não me joguem num funeral de honrarias, nem me ponham coroa de cristais: façam apenas uma ciranda na porta de meus olhos.

Se puder, quero mais: não deixem que minha ausência sacrifique a alma dos que ficaram.

Não será eu quem morrerei, o mundo se calará em mim. MENESTREL DE RUA (1976)

CIRANDA INTERROMPIDA

façam silêncio pelo azul dentro do povo, a água, a fruta, fazer da liberdade rosa do povo

façam silêncio

a ciranda está de luto a árvore está ferida o sapato está viúvo a laranja está morta o prato está vazio o povo está escuro

façam silêncio pelo amor atrás do muro, rosa, água/fruta fazer canção pro povo de magrelas caminhadas

façam silêncio
pela manhã no peito da roseira
façam silêncio
pelo abecê na boca do menino
façam silêncio
pelo tambor sem destino
silêncio
pelo azul dentro do povo
paz!

ERMITÃO DA ILHA

Rio dos Pilões, onde será que dormem os peixes, se as águas são sua sepultura? Rio dos Pilões, ilha do Zé do fumo, é noite na pedreira, no rancho sobre o rio, a sanfona é festa entre o lampião e as árvores. Pesca, Zé do peixe, a paixão de pura escama, estrelas lumiam o barranco, a água suja. Pesca, Zé do fumo, seu ofício de ser só na ilha, tal solidão nos olhos do porco. Cria, pesca, ama, as moças de São Luís. Leva laranja, pinga, cobertor de peixe, para as moças de São Luís.

Vai, Zé do fumo, colher a chuva clarinha no milharal. Põe tua canoa rumo aos peixes de negra moradia.

Nunca chores, Zé da ilha, rei da poesia, fogão de barro, põe música nas paredes. E fica só, Zé do fumo, amando a panela, o arroz, a carne: vida que alimenta vida.

Nunca vás pra cidade. Cidade é sepultura, tem garras invisíveis e o coração fica preso.

Hora pra isso, hora praquilo: missão escrava de todo dia. Na ilha não: o rio é quem manda. A água suja, o peixe feliz. Pesca, Zé do fumo, moças de São Luís.

ESTRELA EXPULSA

Hoje um homem assassinou o pé de mamão, entristecendo as aves do quintal.

Foi o saldo de minha infância:
uma ferida no sol, no quintal,
na casa de dona Rosa, onde as galinhas
ciscavam a vida
até o crepúsculo
apagar os olhos do dia.

Meu mundo era pequeno: sombras extintas diziam vozes no coração, mole como o barro.

Eu sozinho interrompia a noite com minhas ferramentas a descobrir o rumo da madrugada que, com certeza, sairia do sono dos telhados, ou da solidão de algum poste.

Eu sozinho rebanhava as estrelas com a mesma ternura de peixe, valsando nas águas.

É que meu mundo sempre foi o da terra, com suas aves e flores desesperadas, havia também o cemitério de borboletas, a garrafa, os grilos, os vaga-lumes do sonho assassinado. Ah! Mariposas depois da chuva,

nunca soube que a morte da luz prejudicasse a viagem de seu corpo levado pela sutileza das asas. Onde será que dormem os urubus?

Chuva

I

O fenômeno é vulgarmente aceitável: chove. Ninguém tem nada com isso: chove. O incômodo é esta janela ter de se fechar: chove. Mas o fenômeno é vulgar: chove. Ninguém tem nada com isso: chove. Chuva por chuva é lirismo de poesia em flor. O fenômeno é besta, já disse, mas chove. Vento frio caído das nuvens. Vento pingo d'água em tudo, no muro, no mundo, na árvore, na rua, derrubando estrelas na roda irônica da vida, que saiu de mim, sem mãos, sem rosto e foi morar no ventre de outra vida para ser vida novamente.

Chove. Tem chovido bão! É que a terra adora esse beijo das nuvens.

II

Matéria que cospe poesia verde no mundo, – é chuva. Os mortos ficam limpos.

Chuva dá pensamento de arroz dentro do povo. Chuva vigora o coração da terra. Chuva inventa força na alma do chão. Rebenta sementes, explode raízes. Banha o povo. Dá trigo. E depois se ausenta, vai dormir. A casa da chuva são as nuvens.

AMIZADE

Meus amigos são o galo, o relógio e o sino. Com eles construo madrugadas de eterna poesia.

A ESTRANHA LUTA DO PÁSSARO SEM ASCENSÃO

Há um pássaro afogado em meu sangue.

Sua fuga é impossível.

Seu nome, liberdade.

Pastoral (1980)

PRANTOS DA TERRA

I

A hora é fria. A vida é fria. As estrelas, o céu e a lua fugiram da infância para morar no teto dos edifícios.

A vida é fria. A hora é fria. Eu choro por dentro como rosto de criança brincando na terra, a terra chorando. Acabou-se o sonho, a parábola, a tarde espreguiçando na cadeira.

É tempo de repressão.
A tevê corrompe.
As árvores caem.
Os rios apodrecem.
Nenhuma reverência com os peixes e o banimento das estrelas.

A hora é fria. A vida é fria.

Solidão do amigo morto, do amigo retirado da luz sem saber quem roubou nossa última floresta.

Solidão de chuva na cabeça do passarinho perdido entre as grades e o cimento da cidade.

Os inimigos do homem são homens inimigos do homem. Vendo auroras de papel, mas não entro no mercado da embustice. O sofrimento purifica os esperançosos.

A vida é fria. A hora é fria. Nos seios de Ondina o mundo é órfão. Minha calma é do tamanho de uma flor dentro do corpo. II

Na orla da noite a flor se desfaz no fascínio de mil aromas.

A vida se desfaz. A hora se desfaz. Eu me desfaço em cacos de sangue, dor e ausência.

PARA NASCER NASCI

Com a ferida de meus sonhos dormirei entre orvalhos e montanhas. É isto, amor, navegarei em teu corpo em busca da manhã perdida. Da manhã que saiu do íntimo de minhas mãos para morrer entre as rugas do universo. É isto, amor, pode até o céu desabar na epidérmica solidão de meu corpo, que ainda encontrarei o aroma de teu primeiro beijo. A vida, agora, tem o silêncio da flor esfacelada, réstia de luz doendo no fundo de algum charco. E eu, rio esquecido, vou seguindo minha senda de palavras que, com certeza, nada quererão de mim. Império de fogo e pedra: sou astro em direção da terra. É isto, amor: nasci entre as águas de um longo afeto. Vim da carne hipocondríaca e sou talo de flor no monte desses algozes.

A VIAGEM, O CHÃO E O RIO

(Ao poeta José Godoy Garcia)

1.

Este rio me leva à eternidade das coisas. Meus olhos viajam na flor das águas.

O rio vem do saibro e é longa elegia no fundo da noite.

O rio me lembra o caramujo que morreu na estrada de ferro. O caramujo e o menino são duas lâmpadas na memória.

O rio, não. O rio é estrada que leva as águas para o fim do mundo.

O céu mora no rio, no olho do peixe.

O sonho é campestre na curva do rio.

A canoa leva feijão, amor e lua em suas tábuas.

O remo é osso do rio. 2.

O homem é surdo, mas colhe milho. Não tem Beethoven na cabeça, mas ama o crepúsculo, a panela, o fogão.

No milharal o sol explode como cauda de ouro, a chuva é festa.

A chuva mora no peito azul das montanhas.

Eu moro em goteira da casa velha.

Tenho cheiro de flor rural e um lado do meu coração é triste porque o fogo matou os cupins.

POEMA PARA THIAGO

I

Me dê cá a mão, filho. A caminhada depois da infância é dura. O sonho depois da infância é duro. A vida depois da infância é dura.

Depois da infância a infância é dura.

II

Filho, me dê cá a mão. Do berço à maturidade celestial de teus olhos, caminharás pelas escarpas do mundo com teu pesadíssimo fardo de sonhos e medo.

Ш

É inútil, filho, combater os fantasmas dentro da luz. O ódio, a traição e a morte são invisíveis na trajetória da vida, apesar do velho lume estendido na cabeça deste planeta.

É inútil, filho, beijar a face de Eros, melhor seria libertar o pensamento do maior subversivo da história que ainda jaz sangrando na cruz, ou no fundo de alguma prisão.

IV

Reza. Reza, filho meu, para que não faltem cereais e pão na mesa, onde um dia, jogarás os proventos de teu próprio suor.

A humanidade, filho, é carente de um só veículo: amor.

Apesar do medo, eu canto

I

Vergado sob o peso de meus sonhos, vou a pé, atônito, sem graça, atravessando a implacável ponte do destino e da carne.

Sei que o rio dorme entre pedras e estábulos. Que a infância jaz no lodo frio dos muros. Que o sonho arde na pele desse anjo meu amigo. Que o sol incendiou a senda dos orvalhos. Que a borboleta é leve, feita de pó e brisa.

II

Vergado sob o peso de meus sonhos avanço firme, tronco de osso, espada.Vou acordar sementes no semblante do novo dia.

Menino-ciranda já fui. Envelheci, fugi pro mundo. Só não perdi o jeito de sentar-me nos muros com a esperança nos ombros.

OS TRIPULANTES

I

Embarcado no chão desta barca vou remando a vida neste rio de osso. A barca é seca. Eu sou de cal. A vida se tresmalha na ilusão de mil viagens e o tempo, no entanto, vai na sola do sapato.

II

Embarcado no chão desta barca vou remando a vida neste rio de osso. Tive saudade da estrela que nunca fui, do boneco de pano sepultado no lixo.

Cá fora, o sol e sua máquina hão de roer as contendas do mundo.

III

Embarcado no chão desta barca vou remando a vida neste rio de osso. Tenho bandeiras da cor do chão. Ah! coração feito bomba de algodão! A vida vai no remo. Eu vou na barca. A barca é seca. Eu sou de cal.

POEMA MENOR PARA O POETA MAIOR

(Para Carlos Drummond de Andrade, no dia do seu aniversário: 77 anos).

A ruga chegou na vela do aniversário, e foi como um cavalo de nuvens a dormir entre as palavras.

Setenta e sete anos depois e nenhum problema resolvido. Quem será que saqueou o tempo e seu saldo de alegrias? É, patrão, a vida, mais uma vez, foi aplaudida em tua sala de feiticeiro: meninos nascidos no terreiro da lua deram-te doce, afeto, muitos sonhos de São Jorge.

Setenta e sete anos depois.
31 de outubro. Tu te escondes detrás da porta, anjo torto guardando o suicídio na gaveta.
Camões, ao lado dos indígenas, vê, com orgulho, tua máquina do mundo. Beija o oceano, fantasia-se de garça, atravessa o abismo azul das águas, para entregar-te a comenda do céu: és o novo escrivão de Deus.

Setenta e sete anos depois. A fazenda ficou no ar. A cidade devorou teu coração de ferro. Minas dorme entre as montanhas e tu vives a captar a metafísica dos homens. Os homens vêm, chegam, morrem. "As paredes que viram morrer os homens, que viram fugir o ouro, que viram, reviram, viram, já não vêem. Também morrem".

Os homens se vão, não se despedem nunca: inocentes, nessa última viagem, eles se embarcam adormecidos.

Poesia

A luz atravessou os óculos e foi viver na sala da alma. A sala está acesa. É a morada da poesia.

VISITA

O caos me visita. É noite. Os objetos navegam em seus sonhos estáticos. Até quando, meu Deus, serei aprendiz desta matéria que inventa os dias? Escovar os dentes, trancar a porta, a casa, trancar a vida? Cobrir de medo a fechadura e a lâmpada da sala. Ponho a cara no bidê. O caos me visita. O amor está aceso no topo da insônia. Tenho gosto de açougue na boca. Meu coração é uma novilha. Onde era mesmo o quintal de minha infância? Será que Vivaldi dorme nos ossos de um violino ou é longa primavera sobre o mundo? Ah, o sussurro de Baudelaire! Agora me lembro: suas flores nasceram de novo (sabem tudo sobre o mal) até do poema que sai do fundo desta cisterna de carne que é meu peito. Vultos apagados dançam no cinzeiro. Leio Lucrécio. A noite incha. Lá fora, a lua é um demônio vestido de branco e alfaias. Cá dentro, o pesadelo é outro. Meu dedo aponta uma cidade dentro do caos. Os quintais estão morrendo. A lua é santa, põe incenso ao redor de seu vulto. Choro. Rezo, xingo. O revólver de Maiacovski tem mil toneladas de remorso. Em algum lugar do mundo minhas mãos escravizadas estão lavando pratos. É noite. A vida se refaz sob o lençol.

A FOLHA DE PALMEIRA

(Para Consuelo e Batista Custódio)

A folha da palmeira morreu na juventude.

A vida ficou vazia como uma casa sem parede.

O vento ficou ferido e seus lábios murcharam.

O azul, detrás do muro, teve cáustico remorso.

A folha da palmeira morreu na juventude.

O menino quis enterrá-la no fundo do coração.

Por que teria de morrer na juventude, a folha (que fulgurante) amava a brisa, o céu de maio?

O dia do julgamento II

(À memória de Geraldo Valle, que foi nas madrugadas um poema sem dono)

O mundo há de ser justo com as mocinhas de pensionato que de tanto pedir carona acabam sempre mães solteiras. Com os serventes de pedreiros que na vida só têm de bom a hora do pagamento, geralmente em manhãs de sábado. Com os relojoeiros, cuja vida está presa à viagem dos pêndulos. Com os alfaiates que costuram o ano inteiro e nunca vão ao réveillon. Com os homens da varrição, cujo salário é tão magro quanto um bolso vazio. Com os operários do campo que acabam sempre indenizados por sete palmos de terra.

O mundo há de ser justo com as meninas de subúrbio, que à noite vão ao cinema com o sexo tremendo na mão. Com os engraxates que sonham / sonham com sapatos de verniz. Com o Clero e o Papa, cujas vidas estão entregues ao cultivo de um céu inútil. Com os carpinteiros, em cujas mãos outros sonhos se sacrificam.

Com o despercebido trabalho dos coveiros na hora mais triste de seu ofício: a de serem enterrados por outras mãos.

O mundo há de ser justo com o sargento de Vila Rica, cuja voz até hoje balança na corda dos algozes. Com os funcionários públicos, cujas vidas são monótonas e se desgastam à espera de feriados e aumento.

O mundo há de ser justo com a pesada profissão dos zeladores e dos poetas. E, se justiça houver, deixai viver os boêmios.

A IDA DO CONDOR

(À memória de Pedro Ludovico Teixeira)

É tempo de greve, velho Pedro, os pedreiros estão na rua e são taciturnos porque a fome já povoa suas marmitas, e a nação é um estopim de guerra.

O povo, assustado, oprimido, assiste ao gesto de teu último cortejo.

Lágrimas brotarão no rosto empoeirado das avenidas com seus frondosos monumentos erigidos ao verde, e ao céu acabrunhado da história que agora se inscreve com o sangue de tua ausência.

A dor doendo nas fraldas de tua filha-Goiânia.

A dor das horas escurecendo relógios.

Monótonas horas de oração e pranto.

Goiânia ficou viúva, Pedro.
O povo ficou órfão. Esse povo que vê
a miséria rondando seus filhos,
o chão vendido, os rios e as florestas
devorados pela guerra imobiliária.

Adeus, meu bom guerreiro! A paineira, em agosto, começa a florir. Roseirais desmaiam de tanta luz em dias de agosto. Mangueiras retornam ao ofício das frutas. A vida trabalha no ventre das árvores.

O orvalho é doce pingo d'água nos olhos do povo. A paineira. A paineira, não: tem a empáfia de um príncipe na floresta, ou a solidão dessas ruas tombadas na orfandade.

Meu rude, meu velho Pedro, tu és agora metal e força nos braços da multidão.

No céu, junto ao brilho incalculável das estrelas, hás de viver como um valente herói de sonhos.

BAHIA

a - Rio Grande / Barreiras

O rio tem a clara missão dos dias. Vive como flauta nas mãos de um menino. Planeta iluminado, ondas de mulher feliz. O suspiro do povo é a máquina de suas águas ressuscitando o tempo. O rio atravessa o povoado de Barreiras com sua língua de mil segredos. Segredos de escama, lama, o rio dorme. O rio é grande, extenso, Rio Grande. Suas águas envelhecem na insônia dos barrancos. Lavadeiras, Meninos. Infância do sol. O rio bate no coração da cidade. Seu lamento é a morte do surubim. O fim da carcaça de sonhos. Afoga os pecados do povo. Lava as chagas do mundo. Atravessa o silêncio, a noite, com suas ondas de claro afeto. Rio longe, espelho de infância ferida. Rio máquina, rio anjo, rio barro. O suspiro de suas águas ressuscita o tempo.

b - Café de Estrada

A farta ceia da manhã foi servida: farofa de galinha, ovos e beiju.

A casa cabocla (herança indígena) plantada no áspero silêncio.

Em suas paredes de adobe retratos da vida mecânica: anúncios de asfalto, seios de propaganda.

No terreiro, onde o céu é mundo, o gato vive acorrentado porque quer comer o mundo na carne dos preás.

A madrugada chega no feixe de lenha. As mãos atiçam fogo para torrar farinha.

A vida busca vida nas mamas secas da mãe.

c - A cheia do São Francisco

Velho Chico inundou, mãe! As águas enforcaram Ibotirama. A enchente, este ano, levou tudo, até o emboque dos telhados.. Velho Chico ficou brabo! Cuspiu suas águas no insípido sertão.

d - São João em Macaúbas

O coração bate, bate nas ruas de Macaúbas.

São João fica de fogo no sorriso do povo.

Piripimpim acende fogueiras e dá o de beber às flores de carne que amanhecem em núpcias com o sol. Mané, busca o buscapé! Chiquinha, busca a bombinha! Maria, entra na folia!

Verseja o povo na rua da Garganta. Ao pé da serra, Macaúbas é tição de alegria, estrela de papel, licor e fruta! Terra de sanfoneiro sem ressaca, poesia, avoador e festa.

Nas ruas de Macaúbas, a vida tem o incêndio dos aromas, o gesto puro das manhãs.

Ruas da Garganta, do Areião, do Cemitério!
Meus lábios beberam licor de leite
em seu cálice de barro.
Guiomar explodiu afeto
na mesa e no fogão!
Dona Aída iluminou o mundo
com a aurora de seu sorriso.
A poesia explodiu em girassóis
na casa de Gileno.
Mestre Póla aprendeu francês por correspondência,
eu bebi até à pureza.

Episódio Popular

Vigário Zé Maria vendeu o cemitério, roubou o sino, morreu e virou santo?

e - No Boteco de Barreiras

Elpídio ama a poesia e chora até à úlcera.

f - No Açude

Tomei banho de vida no açude de Macaúbas.

g - Na Feira de Barro Vermelho

Minhas mãos reencontraram a infância na forquilha do estilingue.

h - No Sertão

O céu dormiu nos olhos do carneiro. O sertão sangrou o vento, sua língua no azul. Crônica da manhã (1985)

O MUNDO me chega pelas tintas do jornal. É manhã.
As notícias me agridem como um coice de cavalo. É soturno, mas leio: a poesia foi metralhada no país de Pinochet. Decepadas as mãos do poeta a polícia gritou: "Canta, filho da puta, o hino de teu povo!" É soturno, mas digo: — o poeta cantou.

O mundo me chega
pela greve dos pedreiros
e a vida é uma mentira
nesse chão de algozes.
É soturno, mas digo:
estamos no século do medo.
A chacina abate até o último
talo da luz – o medo cresce.
O abismo engole o sangue matinal das flores
e a ciranda é proibida
porque há tratores
e britas.

O mundo me chega pelo grito do jornaleiro. É manhã na América: no berço de meu filho há um buquê de esperança e um brilho de nácar. O mundo me chega pela matança dos peixes e as águas vão se afogando na lama dessas mortes.

O mundo me chega pela visita que não fiz ao cortejo das últimas árvores: elas foram roubadas do reino nupcial de suas raízes e agora são caveiras, nada mais.

O mundo me chega nesta chuva de dezembro que aplaca o suor da terra e diz coisas do calvário.

O mundo me chega numa frase de Ernesto Sábato: os solitários, em Nova Iorque, evitam suicídio por telefone.

O mundo me chega pela morte aviatório de Manuel Scorza, amanhecendo como um sol que explodiu nas cercanias de Madrid. Era peruano o Boeing que o levou para a tumba do relâmpago.

O mundo me chega pela tristeza dos que vão à praça em busca de emprego, sabendo que o país vai se acabando num banquete de generais.

O mundo me chega pelo fim das tiranias: adeus baionetas e dragonas, meu país vai sambar num carnaval de bigodes civis. O mundo me chega
no funeral do AI-5
no medo de atravessar a rua
no medo do camburão em minha porta
no medo, no medo, no medo!
O mundo me chega
pelo suor dos andaimes
onde a vida é suspensa
por um magro salário,
pelo ventre estropiado
das mulheres de prostíbulos,
pela morte imobiliária dos quintais,
pela tortura ecológica dos rios,
(que não correm mais, escorrem).

O mundo me chega pela Canção do exílio aqui, cujo poeta e seu tambor vão clareando os corredores bolorentos da História, para sonhar-se livre entre o sol e as chamas do seu viver.

O mundo me chega pela garganta da Wall Street, vertente mundial dos trustes onde o charuto e o dólar são a forca dos povos endividados. E foi ali que suicidaram Getúlio Vargas.

O mundo me chega pelo queixo afunilado de Lênin, cuja voz inflamou até as neves da Sibéria.

O mundo me chega pela infância que se apaga como longínqua estrela num álbum de lembranças. O mundo me chega pela folia tropical das araras, em cujas penas perdura o açúcar das florestas cabralinas.

O mundo me chega pela violência dos mísseis e meus olhos não agüentam o massacre de Beirute.

O mundo me chega num caldeirão de lágrimas e não há remédio que impeça o amor que tenho pela vida.

O mundo me chega pelo manso ruído desta chuva e os grilos vão sangrando as paredes da madrugada.

O mundo me chega pelas brancas barbas de Whitman, em cujo rosto se abre o sol da democracia.

O mundo me chega
pelo fuzilamento de Lorca
(às cinco em ponto da manhã),
quando o estalo dos fuzis
fez o sangue correr pela areia
de teus sonhos. Ó gitano de Espanha,
vem apagar o tormento
das flores enviuvadas.
Vem! Granada está ferida.

O mundo me chega pelas colinas do Monte Ida, onde Byron se refugiava entre os deuses e era como o fragmento de uma aurora a cair sobre os olmos da Inglaterra. Ali, era ali, que Lord era menino entre os ventos da grama fúnebre. Rumo à ilha grega de Lepanto. Espadas e canhões: a morte em Missolonghi. Num barril de álcool, sua última viagem. "Senhor! Senhor! A aldeia!" Era Atenas, o esplendor de Byron: herói tombado pela Grécia livre.

O mundo me chega pela saudade que morde a máquina dos meus ossos: nunca mais vou ver os heróis da minha infância.

O mundo me chega pela doença das favelas, onde bocas comem bocas, esfomeadas – e a lua é a ilusão de um prato na boca dessas fomes.

O mundo me chega pelo ofício camponês das enxadas, cuja lavra, na sevícia, engorda patrões e latifúndios.

O mundo me chega pelo beijo do Papa, que não aplaca a bomba – pomba!

O mundo me chega pelo canto geral de Neruda, cuja vida era um caderno de flor e sangue.

O mundo me chega pela garganta desse filho de Parral, cuja alma fervilhou-se pelo chão das Américas feito o tumulto das aves oceânicas.
Ó homem de infância desabada!
Ó poeta do pico de Osorno,
a poesia não mais será pisoteada
pelos inimigos de tua pátria.
Nós, os herdeiros do samba e da cachaça,
ergueremos o mastro dos girassóis dourados
e as estrelas jamais se esfacelarão
entre as chagas aviltantes do inferno.
Salvaremos o sono solitário das abelhas
e plantaremos um império de perfumes
na cabeceira de teu túmulo.

O mundo me chega pela oferta dos cambistas, são eles o caminho da sorte?

O mundo me chega num balde de cisterna cuja água tem os ossos da terra, num balaio de frutas (engenho de barro e chuva) – num feixe de lenha viajando para o acalanto dos preventórios.

O mundo me chega pela morte de Vinícius de Moraes, (nesse dia o pranto sufocou as madrugadas) – e o poeta foi acender a valsa das borboletas na poltrona mais próxima de Deus.

O mundo me chega num envelope lacrado, é proibido mas rasgo: dinamites explodem faunas e ranchos de famílias indígenas. (Eu rezo essas dores em silêncio).

O mundo me chega pelo incêndio das florestas que é a rotina no chão desta América.

– Meu Deus, quem salvará o pulmão das árvores, a relva, a fuga atordoante dos insetos?

(Salvar o fôlego verde da vida é missão dos astronautas / ou somos cérberos do ódio e da ruína...)

O mundo me chega pelas águas do sertão paraibano, onde baleias são lancetadas e o mar se transforma num pântano de sangue. A morte é uma tourada à brasileira. Viva! – temos carne em abundância para um grito de vitória.

O mundo me chega pelo seqüestro que envergonha a história – o arbítrio tem liberdade vitalícia?

O mundo me chega pelo leite da cabra, esse sangue de ternura que Gandhi bebeu para devolver a liberdade aos ombros da Índia.

O mundo me chega pelos dias encarcerados de Ho Chi Minh, cuja alma era um poema de vôo fraterno entre os fuzis e a morte nas selvas do Vietnam. Ó monge de metralhadora, tu lutaste contra os tigres da bandeira ianque!

O mundo me chega num postal de Hiroshima e o meu coração, a cada instante, tem novas queimaduras. O mundo me chega pelos sermões de Antonio Conselheiro, cuja coragem o fez profeta das espingardas, monarquista e revoltoso, saqueou vilas, latifúndios e cidades – fez guerrilhas no sertão, foi santo e líder dos beatos, e morto a tiros na Guerra dos Canudos.

Ó Nordeste, de céus desolados entre as feridas da sequidão!

O mundo me chega pelo fim de Gláuber Rocha, cujo sonho, na veia, era o de ver Cristo e Guevara num só elenco.

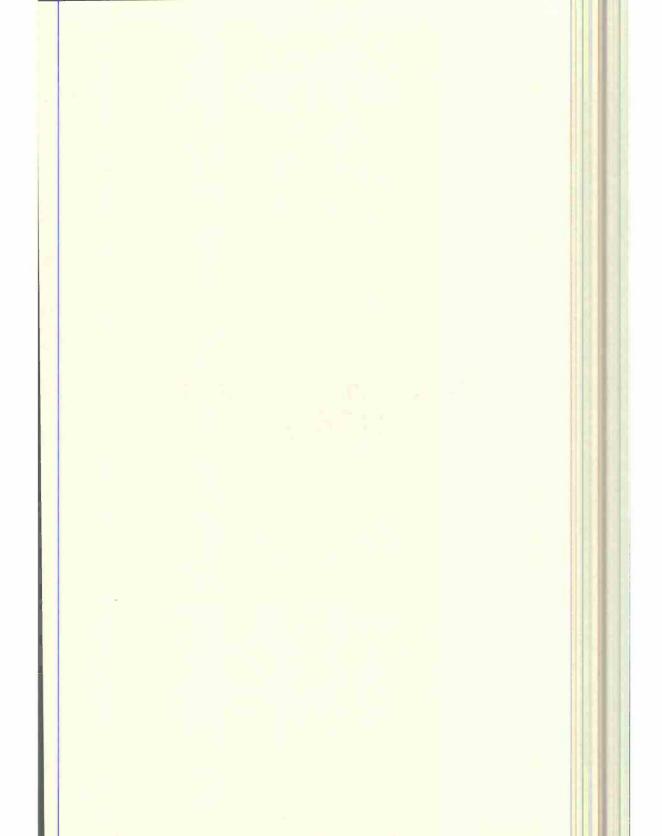
O mundo me chega pelo bagaço da laranja, linda vulva em minha boca;

pela bengala do cego, em cujos olhos dormitam auroras desmaiadas.

O mundo me chega no alvorecer destas horas esfacelando lâmpadas da minha carne. É manhã. A janela não permite ilusões: sou vendido, tu és vendido – somos vendidos. Esta, meu caro, a maior das realidades: somos vendidos até as vísceras.

O mundo me chega pelo baile das borboletas no ventre azul das praças,

pelo pranto de todas as mães que querem anistia para o mundo. Madrugada nos muros (1987)



O RIO É UMA FLAUTA

Ali é onde o rio
vai à forca.
O parto de suas águas
vem do oco das pedras.
E o rio, como um pulmão,
arma seus abismos
de vidas sem retorno.
O rio é estrela rolando
como o viver
é pesado e fundo e leve
na carne dos cardumes.

Manso como a sandália ou a casca de uma fruta o rio é ermo, espremido. E suspira longo num corredor de terra. O mistério de suas águas é tão leve como a cinza: o rio é levado pelas asas de outro rio.

Ninguém sabe onde começa a história desse rio:

se do barro ou do sangue, se do anzol ou da pluma.

O rio é terra. Logo é diamante luzindo como a faca e a morte. Feito a fatia de uma maçã, o rio cresce e lembra a raiz do mar.

Suas águas eram verdes como a laranja era verde.

Suas águas eram brandas como a paina.
E doce como os lábios de uma menina.
O rio já transbordou pelos barrancos do sonho.
O rio outrora era lento e viajava luas inteiras.

Já sem fôlego o rio é pranto. Já sem peixe o rio é morte.

O rio vai jogar sua lama no quintal do oceano. Não é preciso medo. O rio tem músculos:

a lua e o remo o levam ao cortejo das aves mortas.

O rio é um galo de escamas na garganta de mil auroras. Máquina movida pelo óleo das chuvas. A primavera abre o lençol das flores no manso abismo de suas águas: águas que dormem na panela das ossadas e do mundo. Água no tanque e no coração do homem.

Um brinquedo que naufraga entre as veias do planeta, o rio.

O rio se encalha num oco de pedras: é turvo como a batalha dos espermas.

A brisa sopra a cabeleira do rio. E no seio das águas há um gesto de núpcias.

O rio tem jardins subterrâneos e sua voz é um menino bonito como o coração de uma flauta.

VENTANIA

O tempo é um comboio invisível que nos arrasta para o entardecer da vida. A força da consciência se dilui, é o tempo. O ontem tão cheio dos porquês; e agora, pesado, cada vez mais incerto nas ondas do futuro.

O tempo não morre: floresce, tem nervos de eternidade e anda como um búfalo esmagando relvas. O tempo está na ponta da minha mão, e foge, vai pros fundos da máquina que inventa o sol.

O tempo e o sol fazem o consórcio da lâmpada entre os homens. É a matéria das rupturas, o tempo: está nas cordas do batente coração. Dá suas voltas no espaço, foge, regressa: está no passado que acorda na consciência do presente.

Tudo é a dança do agora. As espadas da noite vão sangrando as carnes do dia.

Eu sou um pedaço da matéria, ó cálida paisagem!

Evocação à poesia

I

A poesia é floresta onde o orvalho engendra o amor das borboletas.

A poesia é minha outra face, altar onde guardo o meu pranto.

No tempo do medo a poesia floresce, é peixe vagabundo entre as águas do sonho.

O que o pássaro carrega é um pedaço do céu.

II

Com a labareda dos rosais antigos, incendiei teus olhos, 6 poesia!

O pranto era vermelho como vermelha era a chaga dos pássaros no exílio.

À noite, tu, ó poesia, altiva e sanguinária, interrompias a viagem das estrelas para luzir entre as paredes do coração.

O RELÓGIO

Máquina do berço egípcio: em tuas veias pulsam toneladas de insônia.

Um dia este objeto vira pó e vai dormir no reino das crateras mortas.

Asas de pêndulo batendo no peito do tempo. E fere a noite, abismo de voz que me chama, galo de metal, alma de bigorna,

vou queimar meus olhos na solidão da lama.

Tic-tac, TIC-TAC, quem me chama, quem?

Ó negro balé de espinhos nas regiões sem lâmpadas do meu corpo!

Há telegramas aflitos pedindo socorro.

Tic-tac TIC-TAC

quantos galos constroem a madrugada?

A REBELIÃO DO PÓ

Deus espirrou: eu nasci. Vou à farmácia e ali me defronto com o vácuo que me separa de mim: eu e meus ossos nessa viagem.

Tudo que respira acaba num chão de portas escuras.

Vou pesando toneladas de sangue na epopéia de meus passos.

A vida saindo do fundo de um alfinete é vaga impressão de coisas sem retorno.

O morto. Ninguém sabe onde está a dor do morto.

Adeus, Cora

(À memória de Cora Coralina)

Pilastra oculta das montanhas. Cortina azul dos ventos. Voz-volante crepitante, Cora-tépida falante, de flores e de tranças:

abelha que arde no tacho da poesia, escuma, mão de ouro, entre as ribaltas da chuva.

Aninha do doce, lenha operária, mulher do povo bem proletária.

Janela carregada de pássaros, ninho de arco-íris.

No chafariz da Carioca tu cirandavas, andorinha. A lua já morou 95 anos entre as pérolas do teu olhar.

Adeus, labareda do meu século, gleba da minha gente! És o crepúsculo da última flor. Adeus. Vou esquecer a poesia para chorar a tua ausência.

Na fazenda Dulcinéia

(Para Walter Massi)

Ali é onde a paisagem tem sono

o friozinho é gostoso no lombo das vacas

lontra corre atrás do preá

emas são dançarinas do cerrado

a lua toma banho de ouro

o galo acorda a madrugada

e a noite se esconde num pantanal de estrelas.

PÁTRIA

Gosto de dizer o teu nome, Pátria, mesmo sabendo que tu vives atraiçoada, e teu povo é uma ciranda de naufrágios.

Gosto de dizer o teu nome, ó Pátria, mesmo sabendo que roubaram o nosso prato de comida, o ar da manhã e o salário dos nossos bolsos.

Sertaneja, tropical e atlântica, gosto de ti, Pátria, sensual e bêbada, assim perdida, foliona, (meu postal de amor).

Ó trabucos de Cabral – general foi Lampião! Devolvam-me os doces mares de Iracema, o sangue de Tiradentes. E vamos, ó Pátria, fazer cirandas de povo nas rampas de tua história.

Nossa bandeira foi cuspida pelos ventos. Nossos homens nada sabem da pureza dos mendigos, nem das balas policiais, nem dos bandidos do morro.

E tu vives, ó Pátria, cheirando a sabão de favelas.

Gosto de ti, ó Pátria, mesmo sabendo que os ratos de gravata armam ciladas em seus ministérios, e cá fora o povo é castigado pelo golpe das mentiras.

Ó Pátria, sensual e bêbada, quero morrer no cheiro de tuas florestas!

SOB O IMPULSO DA LAVRA I

Um poema se faz com o suor e a tristeza de um povo sem porta. Se faz também com o lamento de mil bocas oprimidas.

Um poema é como um sorriso no cárcere: pedaços de liberdade que tombaram em manhãs anônimas.

O roubo na madrugada, o disparo contra o céu, o cão?

A janela fechada como o segredo de mão infantil apanhando terra.

Um poema é também como um largo sentimento de mulher tocando o ventre. Ou vaca, lá longe, entre a macega e a morte.

O poema nasce nu: canção doída de boca em boca, estrela algemada, noites e dejetos. A vida monótona como um corredor de hospital numa tarde de domingo.

Morto o relógio no alto da cidade. Silêncio horrível do cego atravessando a rua. Silêncio horrível de mil ausências no retrato. Silêncio de um prato vazio: – o poema.

SOB O IMPULSO DA LAVRA II

Poesia é todo sonho naufragado na rua, é beijo que arde nos lábios de nossa vida, e vida é qualquer hora do dia (porque sendo dia a vida é operária e bebe água, sonho, em caneca de alumínio).

Poesia é esse prelúdio de morte que invade os hospitais (e apaga) esperançosas ilusões.

As mãos do sapateiro são de couro, poemas de ouro?

Poesia é sentimento pululando pelas ruas, essas criaturas impingidas pela máscara dos filantrópicos, esse povo aportado à luz dos palácios como quem disputa um prato na hora mais nefasta de sua fome.

Poesia é esse angélico amor das borboletas engolindo a luz, e os garis ao meio-dia, sim: ao meio-dia, com suas marmitas e suas esperanças num mundo menos SUJO.

Poesia é esse fardo que envolve pés mãos memórias suor afeto choro.

Tudo que pode ser engendrado no íntimo de cada flor é poesia, não temendo a luz do dia: punho a punho labuta-luta LUTA

é fardo, carga, andaime, coração, grito e dor

pela batata pelo leite,

ninguém se lembra mais da taciturnidade de mil bocas devoradas pelo pânico.

Só o poema, com sua força de flor exilada, dá o grito: – obrigado, senhores, a fome está servida!

AQUI ME TENS, SENHOR

Aqui me tens, Senhor, à imagem e semelhança da revolta. O poema me faz livre da omissão e do tédio. Quem viu a terra azul foi Gagarin. Eu não. Eu nasci num chão proibido. Do calvário à bomba atômica há chagas e medo, muito caos em meus ouvidos. A revolta sai do fundo do meu ser como estranha labareda. A revolta. Não a flor do ódio. A solidão em meu peito é vertical. Há peixes e árvores gritando socorro! Minha garganta é seca. O alvo da vida é o amor.

À imagem e semelhança da revolta, aqui me tens, Senhor.
Fragmento de mil sombras, minha glória é estar vivo.
Na revolta viajo entre pressões,
– seqüestros, assaltos, meu grito!

Habeas-corpus para o coração do subversivo pregado na cruz. Habeas-corpus para a mulher no lençol do desamor.

É isto, Senhor! Muito antes de nascer fui verbo no infinito. Agora não.
Sou moço de bigode amargo,
poeta, classe média. De CPF
à diploma de primeira comunhão
tenho de tudo,
até um bife sangrando
à tua imagem e semelhança.

VINTE ANOS DE POESIA

(E o poeta se auto-homenageia entre Dâmocles e sua espada)

I

A oficina da vida é o dia andando, e lá me vou rocim de valsas, ventania e fogo.

A cabeça envergada sob o peso dos sonhos. Olhar de esguelha para o crepúsculo da última estátua.

Erupções da vida vão trincando o coração: ó lama de mortalhas enterrando os meus vivos, irmãos do mesmo eixo, pó do mesmo ventre!

II

Vinte anos de poesia e o perigo de viver é a terra girando: adjutórios para o México, é tarde! Outro vômito de mortes varre Armero da Colômbia, vasto necrotério da América.

Vinte anos de poesia e a flor está quebrada. O que será, meu Deus, das borboletas valsando entre os cactos do medo? Dessorados, eu e a poesia ciscaremos a treva em busca do reino matinal.

Não é noite. Não é dia. Beirute é metralhada! Aids, câncer, pólvora: a terra gira, fica órfã, e eu me renasço dos destroços da esperança.

III

Em Pretória, na África, sete da manhã. O dia foi à forca num golpe de torpeza, e o ar da poesia inundou-se de morte. O sol também foi lacrado pela polícia. Enforcaram-te, ó puro rebento d'África, e tua alma é um tapete de nuvens se abrindo sobre a curva dos rios.

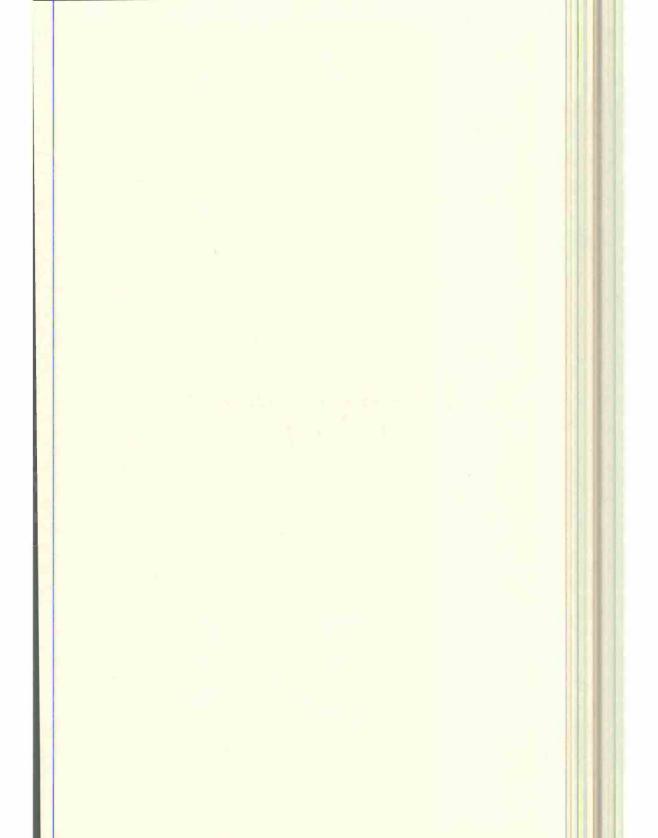
"Não chorem por mim, cantem!" Eras tu, Moloise, no último farfalhar de tuas asas. Teu rosto agora é um lenço de saudades nas mãos de tua pátria; tua voz, uma ciranda entre mares e savanas.

IV

Vinte anos de poesia e o sonho se espedaça. A viagem é o dia, corredor das horas. E lá me vou, rocim de valsas, ventania e fogo! À frente o facho, esperança que lavro na carne dos dias, manhãs saindo dos portais de minha alma.

(Dezembro de 85)

Janelas da insônia (1988)



Boa viagem, Drummond, Itabira está no céu

1

Primeiro eu lavei minhas mãos para subir ao trono de tua poesia. Depois aprendi que não há insensatos, nem heróis ou paladinos perante a poesia. O que existe (é o que falta) a exata expressão da vida pulsando no sangue da própria vida.

O amor me põe arreios. E o sonho me liberta sobre as dunas de um vago amanhecer.

Onde há orvalho, aí a vida se esguicha entre mistérios.

Boa viagem, poeta! Itabira é um quintal de andorinhas, se vista da janelas de teus olhos.

Amargo, o mundo ficou na mão dos homens.

II

Boa viagem, Drummond, quem vai contigo na garupa é um passarinho de gaiola: aquele que nunca viu o mar.

A distância entre Itabira e a morte é a que fizeste a cavalo pelas estradas da vida inteira. Na cacunda, uma estrela, nos olhos, o clarão escarlate da lua brasileira.

Adeus, poeta! Meu coração fervilha em lágrimas, que avariam o meu espírito.

A TERRA EXPULSARÁ OS DEUSES DO VENTO

I

A natureza há de punir o homem um dia, há de punir: roubando-lhe o rubro clarão da aurora, o destino azul das águas.

Um dia tudo será caveira pelos barrancos desse rio, de seu leito nascerão vultos de flores enfermiças.

Mãe, olha ali
 um jacaré morto!
 A anta fugiu do pantanal
 com um tiro na cabeça,
 coitada! A tartaruga
 engoliu mercúrio.

(Sangue, muito sangue na areia).

O ouro foi morar no bolso da estupidez.

A morte viaja no bojo dessas águas: e lá embaixo um cemitério de escamas arrasta o rio para o encontro de outro rio – o de lamas cadavéricas e ele, o homem, lá na frente, sem mais arfar o peito entre os ventos da estepe, — longe, na tarde macambúzia, se afogará num caudal de prantos:

(a última flor explodiu em feridas atômicas).

II

A natureza há de punir o homem, um dia, há de punir: roubando-lhe o júbilo das manhãs se abrindo em suor e pão.

E a lua, tão desmoralizada entre as cortinas de um motel! O amor impresso em off-set: a aids o câncer (o buffet do dia).

Adeus, altíssima dama do planeta, ponto de pouso dos astronautas, – guia sexual dos marítimos, adeus!

A primavera se ajoelha,

– é pecado florir:
as sombras estão fedendo
sobre os cacos da vida deletéria.

Ponha essa espingarda aqui, seu filho da puta! O alvo do meu ódio será o peito desse pássaro.
Isso aqui é lixo proliferado pela alma do cão. Eu sou cão!
A ordem é sangrar o paraíso, espalhar o óbito por todos os ares!

(É a voz do carrasco que desama a natureza).

O lado esquerdo do meu coração foi fuzilado esta manhã.

III

A natureza há de punir o homem um dia, há de punir: se faltar arroz a panela morrerá, se faltar o verde a terra morrerá.

A terra fatigada, dizimada,

ó que saudades do sabiá!

A terra está superlotada: (somos moscas na garrafa).

Cadê minha vó
contando histórias
do lobo do cú queimado?
Dona Fiíca no terreiro
esparramando a chuva,
cadê?

Ó clara lembrança
nas paredes do meu peito!
A vida arfa. O sonho levita.
Joana, beleza de amor
que ardeu na juventude,
cadê seus beijos
no escurinho do cinema?
(O filme era Ben Hur,
nada tinha de Cícero morto
entre os abalos políticos de Roma,
nem do sonho que fatigava minha alma).

Cá dentro, a vida faz de conta que é um balé de andorinhas, é nada:

a terra é azul.

A CHUVA E SEU OFÍCIO

(Para dona Ísis de Oliveira)

Quantas escadas a chuva desce?

Tua morada são nuvens?

Ao beijar a terra, tua voz acorda os ventos?

Vem, lágrima do céu, acalmar os nervos da roseira, vem!

Luz azulada de cristal nos olhos do povo.

Chuva era segredo enfiado na infância: descia pelas calhas da velha serraria. E chovia. E molhavas. E pingavas... cada pingo grosso, meu Deus!

E solidariamente, no meio da sala, (o barração era frio) a lata acudia goteiras: pim, pim, pim... parecia o gemido de algum pássaro fugindo do temporal, na laranjeira.

E quando, de repente, um relâmpago queimava o peito das nuvens, eu via o medo se acender no rosto de minha vó. Seu Tunico gritava: agüenta, Forde, o esteio pode cair!

O céu quando respira é chuva, águas em ritmo de mistério se desabando sobre os telhados do tempo.

A terra é seu trono.

Os rios são vozes de chuva viajando nas correntezas do tempo.

(Sapo foge da casa podre, tem medo da morte no escuro).

Chuva cai num domingo sem perfume. Tem poesia na rede abraçando o clarão da varanda. Café. Jornal. Fumaça. E a chuva tão nobre quanto a visita de um príncipe na calçada da vida.

A chuva se abre em cânticos efêmeros.

Trivial, mansa, bravia, a chuva acorda os ventos do meu sono.

ÓPIO

Tu, ó poesia, minha ilha de eterno ópio, música demente nos tímpanos do tempo!

Poesia, pão pingando sangue, ave expulsa do meu peito em chamas.

GOIÂNIA, A CIDADE E SUAS COSTAS PARA O MAR

Ĭ

No começo a cidade não tinha rosto. Era áspera, impune, silenciosa e dormia como um navio debaixo do chão.

Do alto da Serrinha um sonho esbravejou: "Goiânia, aqui será Goiânia!" Indômita caçula desta América que arde no topo das bandeiras. Cidade que veio das carabinas, das enxadas e do boi, e aqui cresceu como um lampadário sobre a relva.

Urbe de teto azul, Goiânia, meu leito! Seu único pecado é viver de costas para o mar.

Ó tépida cidade, quantas vezes minha alma perdurou no sangue de suas madrugadas! Quantas vezes eu me ruí em ruínas para salvar o vulto escarlate de seus crepúsculos! E quantas vezes, ó Goiânia, eu brinquei de ser pirata lá pelas bandas do Meia-Ponte, onde o pio da jaó entrava fundo no coração da minha infância. O bosque do Botafogo, com suas borboletas bailando no seio da brisa, foi ali que vi a morte da primeira árvore

e meu coração doeu como o latejo de mil feridas.

II

A terra era vermelha. A cidade nasceu azul e pulsa, pulsa como as engrenagens de um milhão de sonhos.

Cinquenta anos de núpcias com o sol. Meio século de homens e máquinas carregando areia, cimento e cal para os umbrais do novo dia. Chuvas e poeiras. Primaveras e outonos: a cidade nascia da ponta de um lápis.

Era carro de boi, sol e canga: fumaça no chapado, ronco operário de músculos e réguas abrindo ruas, valas, alicerces e vilas da cidade menina nascendo com seus lábios de poeira.

III

A cidade não dorme. Está no meio da América. Altiva. Nervosa.

Meu leito de teto azul. Cavalo de vidro no chão da minha infância.

Goiânia, um convite ao crepúsculo

(Antes do acidente radiotivo)

I

O que veio vindo pela máquina do sonho era poeira: grito de raízes sangrando o tempo. O que veio vindo pelos músculos do boi era Goiânia, em gestação e pétalas.

Esta cidade foi parida pela dor das carabinas, foi preciso soterrar o brejo, expulsar o bem-te-vi.

O chão te guardava, ó navio de estrelas!

П

Goiânia é flor que a gente desenha nas paredes do coração. Moça de luar, mágica donzela num postal de sonho.

E quando vêm as primeiras chuvas há um cheiro gostoso de telha molhada se espraiando pelo vento das ruas.

Goiânia de ontem é um boi no retrato.

A cidade é uma casa dentro da outra.

Goiânia é convite às mesas do crespúculo: tem brisa, cerveja gelada, sombras e afeto de bocas.

A juventude arde na pele de tuas ruas. É o sol, a primavera chegando em bando de pardais.

E quando a tarde se desata da ponta dos edifícios, há um cardume de mulheres douradas esparramando charme e langor pela ribalta de tuas ruas.

És filha de Pedro, ó urbe tropical! Tem pedaços do oceano nos céus de tua aurora.

Ш

Eu vim do fundo de tuas entranhas, dos tempos do poste de madeira. A luz era gerada pelo pio do Jaó. A cidade surgia dos barrancos do Meia-Ponte. E vinha crescendo, crescendo ora como uma serpente, ora como um astro se afogando no ronco das máquinas.

A infância era um barquinho de papel nas enxurradas do meu bairro: eu vi corujas inventando a noite, homens construindo esgoto, serrando árvores no ventre da mata.

Goiânia chegou, está aqui no oeste deste canto: chão iluminado, castiçal que atiça os cabelos desta América.

Inhumas, 26/09/87

Goiânia, o pesadelo em setembro

(depois do acidente radioativo)

Ĭ

Radiodermite, que doença é esta que queima as carnes do poema? Que introduz lesões bolhosas no corpo do homem?

Tinhas que ser tu, ó Goiânia, a casa do pesadelo atômico?

Foi em setembro, na Santa Casa: ó cápsula de Césio 137, o teu sono acabou-se sobre as metáforas da morte! Tu explodiste na flor desta cidade-menina, meu berço! Esfregaram-te no peito, (eras sonho e anel de brilhantes), jogaram-te no esgoto: a terra nossa se abriu para o teu túmulo atômico.

O medo encheu de vítimas a primavera. Homens e casas fugiram. O cão virou lixo. Eu tive medo do ar, fui morar num satélite.

Goiânia, tão bela, parisiense!

Azul, tuas tardes fogem com as andorinhas.

Ó cidade – vulto de princesa, não há Césio que caustique o perfume de teus seios, nesses dias de paisagem ferida! Tanto fuxico na rua. Revolta. Funerais de chumbo. A cidade chorou nas mãos do pesadelo.

Radioativo foi o caos que expulsou crianças do palco de tua vida.

Ó homens de roupa amarela, afastai de nós o horror dessas caveiras atômicas.

Vestida de cristal e orquídeas, tu caminhas para o albor do novo século. Goiânia, meu coração te aplaude.

No leito das manhãs

(Para Henrique Duarte a Sandra)

Será que a vida é esse redemoinho de pneus, fúrias de passos nos extremos da via pública, sinais e placas, luminosos e gritos, postes e freadas? Atenção! Tem gente vendendo seus corpos para o açougue da esquina. Crianças vão de embrulho na trama dos negócios. Diabo! Está vermelho o semáforo da esperança.

Ó fome espiritual que a gente tem de abraçar uma árvore, de pedir carona na jornada da próxima chuva, de molhar a boca na nascente de um rio e acender rosas e lâmpadas no fundo de uma saudade subterrânea.

A formiga que passeia no lodo desse muro tem mil anos e não estraga o transeunte.

A estrada que sigo tem o peso de outras sombras, vidas atropeladas pelas mãos do destino, afinal como é mesmo essa história de viver até à fímbria das rugas e depois ficar na merda de um leito sem visitas? A juventude bem que podia abrasar-se no corpo de quem a ama, anos e séculos, sem o silêncio da lousa fria.

Bem que podia, ó vida, me encher de loucuras e babar de amor pela vida,

animal que respira, alazão de fogo metendo as patas em meu peito!

Vai, amor, plantar orquídeas no leito das manhãs.

Agora, chega! Meus ossos cansados querem sossego. Disse o imperador de Roma.

AQUI ME TENS, RECIFE

À noite essa montanha de águas marinhas tem confidências de outros mares brincando de esconder a lua.

Búfalos invisíveis, o mar.
Recife ondula como uma serpente
num ninho de criança.
Planeta de sal e ossos de areia.
O mar me cospe óleo branco de prata.
E tem sol de absinto sobre o universo
despenteado de tuas águas.

A brisa em meu peito é um gemido ininterrupto. E bate a noite inteira tuas asas nas paredes do meu sono.

Do 14º andar do Jacarandá a vida é burguesa: tem janelas em núpcias com o mar.

Sim, Bernardino Granja e teu colete. A campainha. Meu Deus, o mar pede licença! Acende o meu cigarro, amor. A cortina da vida estreme o coração. Recife, põe o teu biquini no divã dos meus lábios. E vamos beijar a maré, esta ciranda de espumas.

A noite é azul, salgada mão de uma mulher. É azul teu umbigo. Basta sentir Veneza na geografia de uma lembrança. Não. Recife é brasileiramente a festa de meus olhos. Urbe de ventre tropical e luz que embriaga.

A lua é esposa do pássaro que beija o sexo da vida. Sem estradas, meu destino é lobo, minha alma gane no planalto.

Abro as cortinas do século e vejo Manuel Bandeira nos cabelos do relâmpago.

A terra fabrica água no útero dos coqueiros. Tu me fabricas arduras de amor, sou teu cão com plumas de fogo.

Vem, massa de escumas, aplainar os nervos de meu sonho anhangüerino. Vem. Eu vim do sol, das lonjuras planaltinas. Meu coração tem corolas do Oeste. A carne do oceano esconde feridas e ressacas. O meu desejo é escuro como uma buzina no abismo de tuas águas: ó relíquia profunda de uma pátria fora do mapa! Recife, minha tépida bailarina! Olinda, vim te ver, meu amor.

(Recife, manhã de 12 de setembro de 1987, Praia Boa Viagem)

A 29 DE AGOSTO, ESSE BICHO, ESSE POEMA

Acelera o teu carro, animal!

E fustiga ferozmente
o silêncio das árvores.
Hoje é segunda, um dia de infinita vulgaridade:
tem tilintares de demência por todas as ruas do mundo
e eu tenho a voz dolorida. Estou entre crianças,
isto é muito: dá-me
a força do poema.

Mistério que sublima os atos da vida: café coado na madrugada, eu tenho lembranças das galinhas dormindo entre as máquinas e a lua, no quintal do meu passado.

Acelera o teu carro, animal! A burguesia é tão... bunda que não cabe na dignidade de um poema: os cães do jet set estão de Boeing sobre o Pacífico.

Puta que pariu, meu grito! Naturalmente até as folhas possuem coração, e são ébrias na brisa.

É isto: a minha voz acabrunhou-se de tanto bater contra a demência do verbo.

O mundo não tem remédio.

Recordações de Zica

Zica,
cadê as manhãs de sábado
no alpendre de tua vida?
Os meninos comendo arroz-doce
nos pratos de teu afeto?
A vida ainda brinca de samba
nas varandas do teu coração?

Adeus, primeira dama das manhãs de sábado! A casa, comprida, turvou-se de saudade.

Era ontem, 30 de julho, e teu sorriso, largo como o vôo do júbilo, foi-se embora para os lábios da terra.

A ÚLTIMA MANHÃ

I

Ao meio-dia. Sim, ao meio-dia: o coração estourou como uma lâmpada dentro do peito.

E Doufinho calou-se: era o gatilho,

o balaço de um só tiro, no advento daquela aurora, que tinha rock e Élvis na varanda do peito.

Meio-dia: hora da desdita.
Suicídio e queda no quarto
de Doufinho. Perícia: o sangue
girando
girando
na vitrola

com mil gritos de adeus.

H

Tinha vulto de adorno e relíquia o aquário naquela sala: peixes de exacerbadas cores, lembrança do azul cristal das águas.

A luz engolida pela morte era um rio encalhado: garganta que o tiro obstruiu com treva.

Os peixes não podiam voar: eram escamas de pedra no vazio daquelas águas. A ciranda cirandava:

– o cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada...

– O que é isto, seu Barbosinha?

– É o Doufinho que se matou, filho meu!
Ele agora é um soldadinho de chumbo
que foi morar no tugúrio das nuvens.

E a ciranda cirandava:

– entra na roda, Euripinho,
que lobisomem não pega não!

III

Ó negra luz de mármore, afastai os agouros do meu pranto! Doufinho já sobe os degraus do planeta, sem pesadelo. Foi dormir com a luz lá no ventre da manhã. Doufinho é lua, foi ensinar inglês aos habitantes do céu.

Adeus, Gracinha,
lírio e navalha,
adeus! Adeus
borboleta do meu peito!
Minha donzela de mel,
adeus!
Eu me matei par viver
no jardim dos teus olhos,
ó loura imagem
dos meus pecados,
anjo!

NATAL, ANIVERSÁRIO DA CRUZ

Quem desembrulha o meu presente é a vida.
O vinho chega embrulhado numa dívida de armazém.
É natal nas goteiras do meu teto: a mesa nunca foi brunida, nunca teve nozes, castanhas ou peru.

A mesa é onde a ilusão enforca a fome.

Natal é um santinho de taipa, em teus olhos tem justiça, algo que flameja como a estrela da manhã.

No milagre do meu salário, natal é feito de barriga vazia, sou janeiro, sou segunda: operário de alpargatas na península do sonho.

Natal é aniversário de feridas, coração que explodiu na cruz. Cristo veio luzir no rosto dos fiéis. Nasceu entre bezerros e o galo iluminou a noite.

E no fundo, no fundo mesmo dessa história toda, os meninos vão entrando dentro de outros meninos: (o pranto cresce nos olhos do sonho).

No altar das vitrines está o bom velhinho com teus lábios de maçã: a infância é amainada, a miséria não.

A terra cresce, fica escura, incha, pode explodir. Orai! Tem rosas de sangue na minha mão.

Um calmo bilhete para Tancredo

Muito bem, senhor Tancredo, a morte aliviou teus ombros do trambolho político.

A nova República nasceu lesada: ratos de gravata jogaram fezes de abismo nos albores da democracia. E em toda a pátria há um calor medonho de insônia, não sei se tu faltaste à caminhada da esperança. Sei apenas que se de repente teus olhos miúdos se abrissem sobre as tábuas do palanque, viriam que há algo de doloroso no ar: é o teu povo que ficou atracado a um governo de merda.

Até quando? Também não sei. A rosa, que contigo subiste a rampa da história, é a mesma que está aqui soluçando entre nós, 140 milhões de frustrados.

Transição? Que palavra é esta que vem rolando pelos ventos desta pátria? Ah, se o Brasil fosse governado por uma cúpula de lápis infantis! O povo levitaria nas nuvens de uma vida mais leve!

Feliz, o padeiro amanheceria com o sereno no bigode, andaria isento da fornalha dos juros.
E os operários teriam justiça: salário gordo para o acalanto dos filhos. Alegria passeando ao ar fresco das tardes. Sim: um país sem vermes na barriga.

Mas não.
A gasolina subiu de preço.
O açúcar também. Daqui a pouco
nem o vizinho agüentará mais
encher uma colher de caridade.

Justiça, Tancredo, não vem
do bojo de nenhuma Constituinte.
Vem é do sangue dos homens.
E homens, neste país, são vultos impressos
em figurinhas do oportunismo histórico.
Ah, se tu estivesses por aqui agora,
teu bravo coração explodiria:
uma parte do teu cérebro iria
para um hospital psiquiátrico,
e a outra, para a cadeia.

Ainda bem que tu foste
para o chão de São João Del Rei.
Ali, a terra mineira agasalha o teu sono
com o cheiro bondoso da bandeira materna.
As rosas não dormem. Não dormem
as janelas de tua pátria.

A colher do pedreiro, aquela que na noite trabalhou como gesto de última exéquia, dar-te-á bom-dia para sempre!

(Inhumas, 16 de janeiro de 1988)

Ó COMO ERA DOCE A MINHA VIAGEM DE TREM!

A locomotiva gritava palavras gritando – uí, uíí, uííí... e no fundo do meu cérebro uma viagem onírica:

o apito daquela máquina vinha rasgando o peito da madrugada, e eu apressava o banho, o café, punha a escova na bolsa, o sabonete, deixava um bilhete pra minha mãe não se assustar com a fuga do meu coração: era o amor que fazia doer minhas costelas.

E nada naquele mundo, o orvalho, o silêncio da xícara sobre a mesa, no fundo daquela cozinha cimentada com vermelhão, me fazia medo de atravessar os túneis do destino, em busca de uma coisa luminosa para os meus olhos adolescentes...

E o trem estava ali roncando: tinha fedor de urina nos vagões de terceira classe.

Malas, cigarros de palha e vultos esmolambados embarcavam na dureza daquele comboio de viagem proletária, proletária, não: o trem era doce como o sonho augusto do povo indo para o regaço de outros sonhos.

Eu e minha trouxa íamos juntos no soluço daquela máquina: o trem sacolejava trêmulo: uí, uíí, uííí... rasgando o reino leitoso dos milharais, depois minhas mãos, para fora da janela, beijavam estrelas apagadas pelo vento terrenal das campinas, longe as montanhas e o guarda picotando bilhetes: Pires do Rio, passagens... Enquanto outra voz abria a boca naquele covil de sonhos esburacados: bescoito, maçã, guaraná... e o trem chegando, chegando, dava coices no coração.

(Inhumas, 17 de janeiro de 1988)

Este poema é teu

(À memória de Élbio de Brito)

1

A notícia chegou mais rápida que o vento, saltou a janela e me deu um soco no coração. Um pedaço de mim foi embora na morte desse Élbio poeta de Brito.

Ninguém sabia que era véspera de outono. Nem as enfermeiras, no batente.

Gestos apressados correram
em busca de ar: era tarde,
a morte vencia a ciência.
E tu, nos excessos de teu romantismo,
deixaste o sol fugir impune sem beijar os escombros
de teu último coração. Tu morreste num dia
de aceleradas confusões na praça:
o país caiu no lixo, o governo perdeu a vergonha,
e o povo, o teu povo, o nosso povo,
ficou a comer mentiras dos engravatados,
esses que fazem leis para a fortuna ilícita
de seus bolsos.

Nas agitadas águas do Pacífico, em Monterey, na Califórnia, milhares de baleias-cinza respiram aliviadas: estão livres para o coito, o amor é permitido e elas vão parindo à luz novos filhotes. Amém. Deus flutua naquelas águas.

II

Pelo lívido semblante de teu rosto, eu vi que o céu se encheu de andorinhas. Que coisa estúpida, tu morreste num coração de moça.

Tu te lembras, Élbio, das escumas do prazer em nosso copo: era a vez da poesia abrindo claridade benévola em teu peito. Teu corpo arrepiado era um quintal de sonhos amargos.

Era o brinde do milagre tocando tambor nos alpendres de nossa alma. Quantas mãos boêmias acendiam lâmpadas azuis naquela noite surda de fêmeas delgadas e luas e luas, quantas luas diáfanas na voz secreta daquele afeto.

Ah, só me lembro do sol do dia seguinte: era esplendoroso como a vitória da vida. E tu sorrias horrorizado, feito bicho, ermitão do asfalto, os olhos vermelhos como o mercúrio derramado num lençol de infância.

Adeus, camarada do advento.

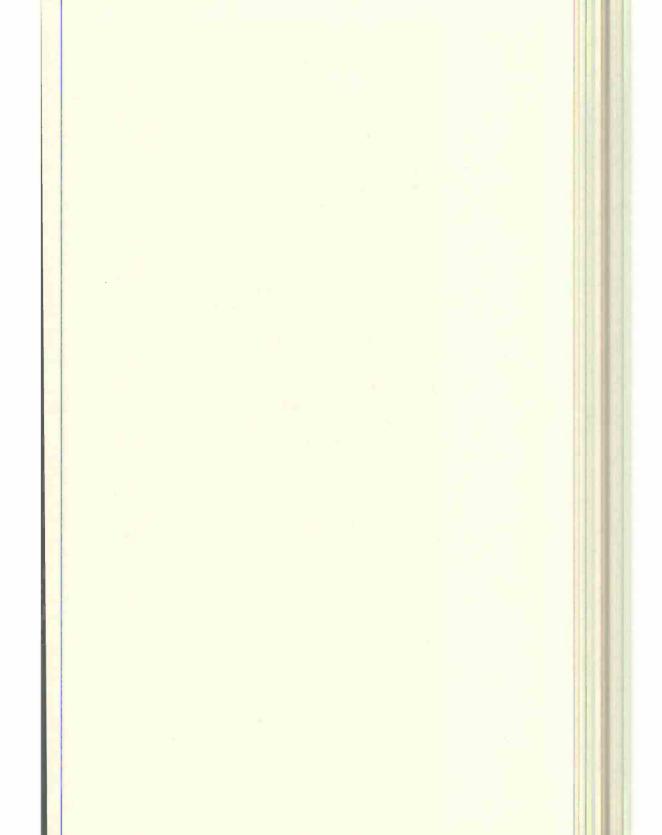
Evitei o meu pranto para fugir com a chuva em direção aos ventos paradisíacos.

Mas o que é real:

a morte ou o declínio daquela tarde tão fulva quanto o prelúdio do outono?

Sim. Só me lembro do dia seguinte, fui ouvir o cicio da brisa na flor das águas quentes. Meu cérebro cansado queria a leveza do rouxinol buscando saúde no âmago das árvores.

Uma chuvinha vagabunda bateu na vidraça, naquele dia de anônimas conversas dúbias. Sim. Imparcial a tudo, a tudo... tu partiste num verão de folhas mortas.



Trono de areia (1989)

DISCURSO DE NINGUÉM

(Ao Dep. Eurico Barbosa, um sempre amigo no embate das minhas horas)

Ī

Peço licença para tirar a gravata da poesia. Anatomicamente meu coração é de carne; e tenho vontade de sair correndo com medo da emoção que bombardeia os meus ossos, medo do rato que me visita, imundo e pré-histórico, nesta hora em que construo lâmpadas para o mundo.

Sou comum, sem sentido. Tenho músculos de fera no relâmpago, sou marinheiro de águas implacáveis. E avanço pela vida assim tosco, leal, feito um sonho selvagem atracado a mil correntes de fogo.

Ó pátria esmolambada, viva a república dos bêbados! Na praça, no oco frio da praça, vultos, subvultos jazem entre os despojos da vida. Cruzes! O orvalho não dorme na face da miséria.

E nos céus daquele mundo a liberdade era um lixo.

II

Ouço a voz do cotidiano e meus ossos se estremecem. "O ímpio da vida", labor estúpido dos sonhos! Foi na Grécia, foi na Grécia, que o fígado de Byron estourou!

Podre o seu fígado. Podre a invasão dos turcos. Podre o perfil da lua sobre as águas insurrectas do oceano.

A história carcomida, podre. Os punhais sangrando a noite. Estrelas machucadas. O homem não morre.

Ш

No fundo do quintal de seu Gil, a neurose da guerra se instalou sob os ventos do milharal.

E à noite, uma voz peregrinava como o sussurro dos cadáveres no porão de tua alma. Silêncio de labaredas fervendo.

Teus olhos lembravam pólvoras incendiando as cortinas da noite.

A noite ali era verde. Passarinhos e gatos se uniam num comício de migalhas.

IV

Somos a força de todos os equívocos. De olhos abertos para o canto da vida, meu coração estrangula a morte. Eu não nasci sobre o verde das colinas, mas aprendi o abecedário do amor, aquilo que é ramo de luz ardendo sobre o peito.

V

Azul é meu encontro com o vento. Azul é a dança da árvore, com as mãos da chuva. Azul o recado de minha alma rolando pela vida. Azul a lama, a garça, a lua caindo de sono.

Ó asas trepidantes do passado, quem foi que acendeu o azul dos dias?

Canção geral de um rio na Balisa

Ī

Quantas voltas a vida dá na viagem dos pêndulos?

De sol a sol o vento cria rugas?

Que luz abrupta clareia os portões da vida?

(O amor é vermelho quando a luz o fulmina?)

II

Não.
Os burgueses não são de nada.
O rancho do Encantado, na Balisa, já agüentou trovões e auroras.
Sonho mau não entra: tem beija-flor com espadas de vigília na noite.

O dedo de Deus encheu de azul o salto das cachoeiras. Longas pedreiras se esparramaram sobre os espinhos daquele chão parado. O diamante / é a estrela do chão, / lágrima petrificada pela voz dos ventos.

Tem duelos secretos crepitando na face de teus astros.

O GRILO

Meus pés estavam bêbados na noite em que matei um grilo.

E sob um cáustico tremor de lágrimas a vida lacrimejou a noite inteira.

Quantas madrugadas arderam na alma deste ser, inseto cantante?

Meninos e frio, donzelas e luas vieram de longe, dos relvados distantes, para ver o pranto na calçada, a orfandade de meus olhos num cortejo de almas submissas.

Ó archotes do abismo, em meu corpo jaz o cheiro das laranjeiras mortas! Ó bardos, quantas vidas eu vivi!

O grilo, operário de límpidos tritrinares, dedilha os tendões do grito, quando há nos céus um acordar de estrelas.

És tão nobre quanto o vento que vem saltitante da cabeceira dos rios e do temporal no rosto das palmeiras. A vida, em ti, é de milênios como o carvão e a formiga.

Teu canto é ruidoso como a saudade, vaievem de serrote, madeira que chora, trilar de folhas decepadas pelo sol.

Solidão de pernas sob os galhos de uma pobre vegetação. Vigilante dos estróinas ou das almas em ruínas?

O canto deste antenado amigo, me abre aos desígnios da noite: o grilo é o grande esteta do universo, regente dos ecos sem angústia. O rio quer a floresta. O peixe quer a música.

Deixem o céu se apaziguar com o seio das florestas.

O orvalho tem núpcias com a noite. A noite viaja nos braços do rio. O rio viaja lambendo a sina de seus barrancos. É sem vertigens a luta de tuas águas. O vento é lindo nas penugens deste éden!

A MÁQUINA

Quantas vezes eu e tu juntamos as águas subterrâneas de nosso pranto para parirmos poesia aos gritos?

Tu te lembras, velho teclado, do excesso de vibrações poéticas enchendo-me de angústias? Quantos telegramas tu bateste para salvar meu coração em chamas?

Ó filha da noite, todos os caminhos chegam ao mesmo fim! Vem ver o brilho indomável das estrelas andando nos corredores do meu peito,

as chagas escondidas no topo de minha alma, terremotos, bombas, desabamentos, feridas, a humanidade afia seus instrumentos de morte!

O homem do meu tempo é sem tempo.

Letra a letra, eu te peço: não permitas nunca que a paz celestial das manhãs seja alvo de cores sangrentas.

É triste. Muito triste o entardecer deste século!

Velha titã, minha doce guerreira, dos punhais e dos relâmpagos! Aqui está minha voz estiolada, assim mesmo armada, nua, pronta: Zezinho, meu amado Zezinho, põe a tua cadeira no algar deste vazio, e vem extinguir estes terríveis rumores de vultos agônicos andando de costas para a luz.

Não. Não quero ouvir o choro de Terence entre as sirenes do hospital, o quarto com cheiro de éter na alma de tua mãe.

Ah, me lembro, numa dessas ensolaradas manhãs de sábado, no outono, tu chegaste para ouvirmos a nona sinfonia de Beethoven, e loucos erguemos nossas frágeis mãos em respeito à vida.

Azul tua camisa de linho.
Cinza, o cinto e as botas.
Acabe logo, amigo, com esta brincadeira
de sonho ruim.
Há nos céus um ônibus espacial,
o Discovery, a música acordou teus tripulantes,
a trezentos e setenta quilômetros da terra.
E no Chile, a ditadura de Pinochet leva cacete.

Hoje é sábado. E estou trêmulo, imóvel, arrumando minhas pernas para subir o primeiro degrau desta saudade, que vai viver até depois que o mundo acabar.

Adeus. A luz nascerá do teu chão.

(2 de outubro de 1988)

O COMETA SUBIU

(À memória de Taylor Oriente, "porque há tanta gente fazendo perguntas por toda parte")

Quebrei paisagens com o pranto das emoções quando a voz de tua morte me chegou goela abaixo. O Deus, que choro estúpido arrombou meus olhos!

O vazio de teu rosto na parede abriu crateras em minha alma. E ainda vejo o teu cândido sorriso brincalhão pegando carona naquela frágil armação de óculos.

Ó amigo das cebolas, das azeitonas, tu deixaste o meu sangue amarfanhado, as ruas enlutadas e as noites alagadas pelas torrentes da saudade!

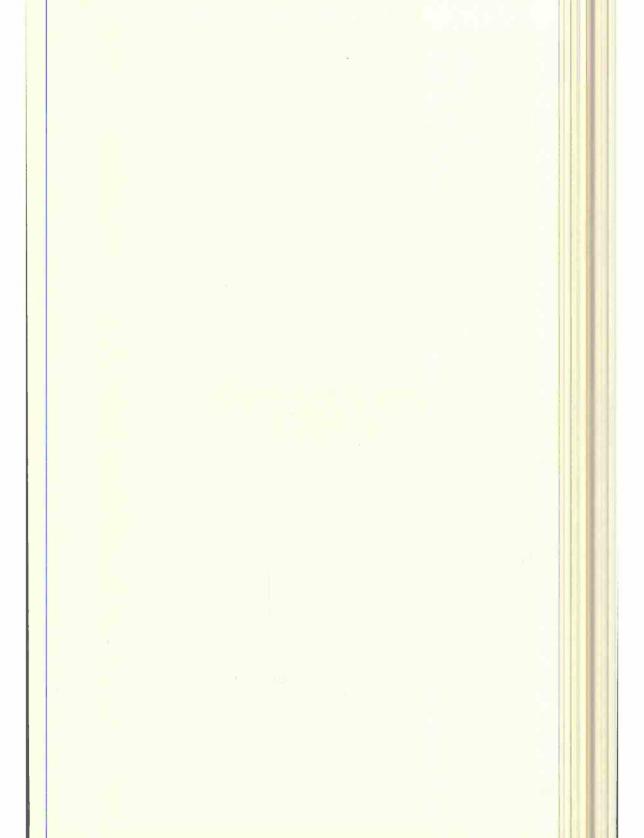
Mas por aqui, e por todos os cantos da vida, eu vou à frente do rocim dos nossos sonhos esparramando o lume de teu nome.

Eras a decolagem do rouxinol, infância filosófica que derramava poesia no reino das horas.

Simples como um pedreiro a edificar mundos com pedras de poesia.

Ah, os pastéis nas manhãs de sábados, saborosos e fraternos como o beijo dos pássaros na carne angelical das frutas!

Viagens. Coquetéis. Paris. Rodadas sobre odisséias metafísicas. Estéticas. Política. Filosofia.



O BIÉ DA 75

Auto-retrato

I

Eu, Gabriel Nascente, vim da serragem. E José também me chamo. Nasci pouco antes da primeira estrela. Sou filho do crepúsculo. Sou de 50. Sou de janeiro. Sou das ruas de chão do Bairro Popular, cúpula dos gorjeios da minha infância. Sou dos brejos do Botafogo. Sou de Goiânia.

II

Havia rios e campos nos olhos sem fadigas de meu pai. Mugido de fazendas antigas, Antônio Estrela Nascente era homem de peito rijo, agarrado que foi aos duros embates com a vida. (A madeira era a matéria do seu ofício). Agora seu rosto jaz encaixotado sob a tumba do silêncio, é ar nas mãos de São Francisco.

Nos outroras da rua 75, seu Tunico enchia de peixes as panelas do povo.
Lavadeiras buscam lenha na indústria de seu Tunico.
Toda tarde, boquinha da noite, seu Tunico tinha encontro com a cerveja no bar do Tião.

O ronco das máquinas de seu Tunico aturdia o sono da vizinhança.

Meu pai lutava, aos gemidos da tupia.

De traçador em punho abria troncos de jatobá.

A serragem tinha o cheiro dadivoso da terra.

Meu pai sonhava.

Depois dos atoleiros,
o rio dos Bois
com suas mansas corredeiras na madrugada.
Meu pai pescava.
Tarrafeava à noite
no sossego das águas verdes.
O luar nadava no perfil dos peixes,
ali começava o infinito.

Minha mãe é da terra dos jaboticabais, onde outrora havia pencas de pássaros enchendo de pândegas o céu dos pomares.

Minha guerra vem dos braços da amizade.

Ш

Pesadelos e morte
nos dias jubilantes da minha infância.
Segredos detrás dos muros: loucuras de Hemingway
me afogavam em sonhos:
eram planos de caçar leopardos no pico de Kilimandjaro.
Das pauladas de chuvas na varanda, chorei de febre
lendo Kafka. Era o suor dos meus primeiros versos:
– a poesia acordou em mim um terremoto.

De roupa branca, calça curta e vela na mão: "Pronto Bié, você está limpo para o mundo".

Pulei catracas de cinema para ver filmes clandestinos. Colhi flores dos brejos no bosque do Botafogo. Fugi do sonho bravo. Sujei de lama meus cadernos. Fabriquei de tábuas um submarino que se afundou no Meia-Ponte. (Joãozinho quase abotoou a alma sob o peso das águas fundas).

Nem anjo, nem demônio: fui cientista louco de fios eletrônicos. Campeão de ciclismo: a corrida acabou e eu segui na pista, pedalando.. Até que um dia uma crise de poesia me mandou pro divã psiquiátrico. Prognóstico: "era mesmo o mal da poesia". Li Rimbaud e Castro Alves. Bebi Martini doce. Fumei cigarros Califórnia, cigarrilhas de executivo. Andei de trem. Atrás de mim a lua, a noite e os pecados de uma vida crescendo entre os golpes de um amor fatal: amei mil Cidinhas e mil Joanas, a mil por hora. Cartas vinham pela estrada de ferro. Fugi. Fui morar no 25° andar de um espigão de cimento, defronte à torre da Igreja da Consolação, de São Paulo. Vendi poesia na Praça da República. Bebi café com os operários da Ipiranga, longe da chuva das risadas da província.

IV

Atravessei o mar Del Plata.
Almocei entre bombas.
Buenos Aires ardia
sob a torpeza das chamas.
E eu, filho do barro goiano,
me queimava no duro inverno.
Nuvens de pólvora
na rotina dos portenhos.
Meu Deus, os ratos do metrô!
Meu Deus, para onde?

Com esse meu jeito franciscano de nunca dizer não à vida, aqui estão os comigos dos meus 42 anos sobre a cacunda do planeta.

São muitos os meninos que governam meu coração.

Sou cidadão da claridade. Operário da esperança.

Prelúdios de um candidato

I

Serei porta de entrada para um tempo novo, troar de vozes da tribuna.

Chegarei molhado de coragem.

Não sou político como Kennedy. Nem tribuno como César. Eu venho dos tempos rasgados pela luz dos postes de madeira. Sou filho da serragem, do Bairro Popular, onde a lua era a fêmea dos violões, e Antônio Estrela Nascente esbravejava: – Raleia, raleia, molecada, que as máquinas vão gritar!

II

Não faço proselitismo. Não prometo. Apenas levanto a minha voz como quem abre bandeiras de esperança, no peito do povo.

Aos embusteiros, tiranos e corruptos, direi: afastem-se de mim esse cálice de mentiras!

III

Eu venho do grito operário das serras abrindo as carnes da madeira, na noite. Sou filho de marceneiro (gente que veio dos barrancos do Corumbá, e por aqui foi plantando suas máquinas de suor e sonho).

Eu me transbordo nos bálsamos do teu afeto. Os pirilampos brincam de embalar orquídeas na palma de tua mão.

Mãe, hoje é um dia qualquer do outono brasileiro, mas que dói em minhas carnes: trucidaram outra criança e eu sequer tive forças para levar a justiça ao banco dos réus.

Sei, mãe, que sou cúmplice desta pátria sem homens. Mas não me fali, estou lúcido, louco, atirando arroz aos pardais na madrugada.

Perdão, mãe, se te falo sobre infâmias em vez de afagar-te os cabelos com o calor desta ternura que abre sendas para a paz.

No segundo domingo de maio

Eu vim de ti, carne edênica de sonhos. Nada além da luz do teu louvor. Catedral de flores níveas, fardo que fulgura sobre as águas do pranto, planeta que derrama pétalas contra a fúria dos relâmpagos.

Fizeste comigo um pacto: o de nunca permitir que eu me afunde, com meus cotovelos e tudo, na burrice de querer, um dia, indenizar os erros e os danos da humanidade que mora em mim.

Endoidaste, mãe, ao jogar teus olhos no brilho dos meus, ao deixar teu sangue encher de auroras a solidão tumultuada do meu, (que é um rio de aves submersas).

Ralha comigo, mãe, sou reles inventor de sonhos. Minha única fortuna é estar vivo.

Ó, mãe! - Angelical como lágrima que verte do calvário.

Que sobrolho triste, mãe!

Endoidaste, mãe, ao armar em mim alegrias de amanhecer. O fogo de teus beijos perdura na sequidão das faces minhas.

Mãe, tu me ensinaste a ir pelo mundo destrinchando o rosário das lições nestes tempos duros, de vida dura.

Moenda

Ponho o cérebro numa moenda. E nas engrenagens da alma a vida se mói.

Mói, moenda, a seiva é poesia.

O resto sou eu, bagaço de luz. abrir sementes de sono em teus cabelos úmidos.

O vinho está quente, tem a cor da morte. E um sonido só, delgado, de buzina, te lembravas que era preciso ter de quem fugir mas principalmente para quem voltar. Assim eras contigo, poeta: – guardião de borboletas.

A nicotina roeu as paredes dos teus pulmões. Adeus. Levas contigo este cacho de manhãs.

IV

O poeta e seu agônico tabagismo. O poeta e suas núpcias com a cerveja. O poeta e seu espirro de poesia. O poeta e sua altíssima cachoeira de sonhos. O poeta e sua estalagem pela dura solidão dos bares.

O poeta e suas espirais de fumaça por entre as rochas da metáfora. O poeta e seu olhar de Luziânia, o sol de Luziânia, Luziânia.

V

A vida se esvaindo foi se indo, indo.

 Não é que era tarde, poeta, mas esqueceram de te avisar que sua alma embarcou na carruagem do óbito.

O CARROCEIRO

Feliz é o Tito: quarenta anos e uma bicicleta. Claro homem de pele negra.

Feliz é o Tito: quarenta anos e uma carroça.

A vida vai nos ombros, leve ou pesada, não importa! Importa o clarão do ofício nesse pique de alegria.

Feliz é o Tito: quarentas anos e uma égua. (Gavião de intrépido destino).

Carroceiro: podou grama, criou porco, vendeu laranja.

Feliz é o Tito: tem o mundo na carroça.

A FLOR E A BOMBA

(A propósito da Guerra no Golfo)

Que mérito tem o bimbalhar das horas acordando janelas e auroras?

Que mérito têm os pombos (que não vejo) bicando a tarde nos telhados?

Que mérito tem o desmaio do silêncio na treva apunhalada pelos galos?

Que mérito têm as nuvens se estrondando em guerras?

Que mérito tem a lua rastreada pelos canhões que rasgam os ninhos de tua paz?

Que mérito têm os homens de gravata nos divãs do mando, nos desvãos do mundo?

Que mérito tem coser os trapos da esperança ardendo em chamas?

Que mérito tem o inferno dos mísseis voando contra os escudos da carne humana?

Que mérito têm os cérebros espaciais

A CHUVA

I

Uma nuvem cai. Minha alma visita as tavernas de Rimbaud, onde a dor come o seu joelho. Eras o poeta dissoluto, de cabeça afogada no éter, e tua voz se esbravejava lá do púlpito dos infernos.

A chuva sopra ruído no telhado. Goteja lembranças na rede, a chuva. O coração é antigo. Chove.

A chuva vem na garupa do vento. E tem conversas de anjos vadios, cheiro de ladeiras envelhecidas no outono.

П

Meu silêncio tem espadas. Chove. É salutar. A terra se explode em prodígios. O verde arvora. Eu guardo rebanhos nas montanhas da alma.

III

É tempo de beijar a gruta da mulher, de ser amigo das pedras, na chuva.

O trovão arrasta mobílias detrás do morro.

O dia desce pelas enxurradas. É o funeral das águas. Chove. Cai outra nuvem. capturando vozes da guerra nas estrelas?

Que mérito têm a flor e a bomba no idioma de um só medo?

Que mérito tem o poema se afogando num rio de pólvora?

Coisas & coisas

Cristais golpeiam a primavera. Almas de relógio na sucata. Rios afogados no ventre das pedras. Manhãs de focinhos nas vitrines. Meninos com vontade de chover manga. Peixes nadando na lua. Árvores tristes, sem pulmões. Pássaros se aninhando nos respingos da aurora. Náusea no peito das flores. Tijolos de açúcar no berço. Água que voa: nicotina. Tumulto nos pianos de Mozart. Girassol no lixo. Sangue nas tintas de Van Gogh. E salvem as formigas de luto! Meu Deus, as coisas... - tão sem remédio!

Brincando de Lembrar

(À memória de Vinícius de Moraes)

I

Foi criança com cheiro de mar: chutou galos e tocou piano.

Roubou namoradas por causa de um soneto.

Foi poeta, anjo maluco.

Trocou a diplomacia por um boteco em Paris.

Tinha os olhos matinais como um sonho de cinema.

Bebeu uísque e gritou: "Quero ser enterrado dentro de um copo!"

Um dia, bem cedinho, na banheira, ele deu um suspiro de passarinho e voou... foi morar na varanda de uma estrela.

II

Pelas folhagens da noite o rosto de tua poesia balançava: ninfa alucinada.

PÁTRIAS DE NINGUÉM

I

Tenho duas pátrias: a poesia e a noite. A poesia é onde me instalo com meu ferramental de luzir palavras nesta oficina de sonhos. E a noite me serve para armar o meu tablado de estrelas.

E por causa da poesia, a pomba explodiu no ar, chocou-se contra a bomba. Pomba! Eu sofro na angústia desta noite brocada de lágrimas, onde os homens já não se encontram mais como quando nunca mais!

Eles fedem a estupidez, os homens. A noite, não: dentro dela costuro as pontas do infinito e aí é onde se deflagram o fim e o nada, consoantes que são a mesma coisa, — lucidez e treva orquestrando o mesmo nada.

II

Onde começa o mundo, meu Deus! A lei do big bang tirou a órbita do meu espírito. Eu tenho duas pátrias: a liberdade e a poesia.

A liberdade é onde começa o mergulho dos falcões, águas que voam dos penhascos, seios de espumas que se esfumam entre os dedos de algum rio.

As faces

I

O morto dói é no vivo.
O morto foi para lugar nenhum.
É luz que se trancou
num claustro de terra,
escuro como ele mesmo
– o morto.

Já não vê mais a árvore eivada do mês das flores. Nem a terra, que de tanta sombra ficou verde.

O céu (que era o telhado de sua vida) – virou vileza de treva sem suas mãos.

O lado-anjo do morto é feito só de águas. Por isso os ossos se esfarelam em prantos.

O morto é uma questão fatal. Não tem senão. Tem nariz entupido de algodão.

Sozinho
ele rema-parado,
– o morto.

II

O vivo escova os dentes, é banal, tem fome: furação de amor nas enxurradas de sonhos pela vida.

A FORTUNA DE ZÉ RAMIRO

O mundo de Zé Ramiro chega a cavalo.

Lá em baixo, o rio é parado. Só muda de lugar quando a morte o fisga pelo anzol.

O animal dá um espirro. É para tirar o diabo do corpo!

Zé Ramiro dá um soco no balcão, pede cerveja, obrigado, saudação!

Bebe, Zé Ramiro, a falácia de teus sonhos!

No copo a vida se encharca: é o fim de tudo, do destino de Zé Ramiro.

E ali, de peito aberto aos relâmpagos da vida, Zé Ramiro tem um tesouro que não conhece, é o homem mais feliz do mundo: – pesca o vôo azul dos peixes.

AS TINTAS DO TEU PRANTO

Sabe, mãe, eu me lembro de ti fazendo pastéis para os jogadores de truco naqueles dias de pesadas agonias d'alma. E tu, na sufocada dor da viuvez, eras a profícua militante do sofrimento: e já bem cedo saías para o batente braçal a varrer salas de grupos depredados, onde a vida dos arredores era galharda, de sonhos fartos, impolutos (mas não chegava aos meninos porque eles adoravam pular muros, roubar mangas, matar calangos e jogar pedras nas lâmpadas dos ricos).

Eu me lembro de ti, mãe, separando o pão entre os rebentos de tua prole (esses frutos que somos nós de tua carne, sombras ocas do destino), enfado nosso de cada dia, de cada qual no seu cada qual, tentando regular os ponteiros do amanhecer sobre os andaimes da vida, (se cruel ou se brando) a luta é pra valer!

Viver mãe, é uma questão de coragem muscular, de levar nos peitos os espinhos da coivara. Foi o que herdamos de ti, mãe, da tua austera ternura sufocada pelas tintas do teu pranto.

E agora, já de cabelos nevados pelas agruras do tempo, a velhice te manda beber remédios para os ossos.

Teus filhos não são teus filhos. São obras regurgitadas pelo caos, eles pertencem à galáxia de outras engrenagens, e estão soltos, atracados às correntes do fardo beligerante.

Somos do acaso, mãe, para onde vamos passo a passo.

II

Ah, doces grotões da minha América, aqui os destroços de um berço esplêndido alcatifado de flores e de ratos (cada rato gordo, meu Deus, de perfume e de gravata!).

Não.

O orvalho da vida somos nós palmilhando o sonho dos homens, palmo a palmo a terra é nossa!

III

Viva Brecht, que cagou nas insígnias da Alemanha! O letrado dos operários que deu banana aos opressores! Viva Brecht, que perguntou para onde foram os pedreiros depois que a Muralha da China ficou pronta.

IV

Um lugar é uma porta, o outro é a prisão da porta, e o outro ainda é onde o povo se confina entre os vazios desta mesma porta.

Depois... não há depois.

À frente do nariz esplende o sol com seus fantásticos motores de luz. V

Eu venho da alma esburacada, errabunda, azoada, do povo brasileiro:

(que é ninguém – ajuntamento de ninguéns –).

Eu venho desta vida exposta à chusma das porradas: toda-hora, todo-dia, (vendendo o miolo da cabeça pra comprar o miolo do pão!)

VI

Logo, logo, senhores, darei um tiro de canhão nas cores da bandeira ianque, pois que vão à puta que os pariu, com seus tesouros de alfaces reluzentes! (Dólar nenhum corromperá a blandícia da flor tropicalíssima).

Perdão, a água está jorrando dos pés da terra convalescente!

Eu venho da escuridão do arbítrio que abriu chacinas contra o povo.

Eu venho das florestas bolivianas, em cujos céus, à noite, aviões americanos abriam fogo contra o guião da liberdade. (Eras tu, ó Che, o Cristo das Américas!? E teu charuto há de arder na bunda dos magnatas da Wall Street!) Eu venho do luar incrustado no seio das montanhas, da alma violenta dos garimpeiros que trocam a vida por fatídicos gramas de ouro.

Eu venho do pranto que se pranteia por Chico Mendes, (cuja morte até hoje dormita impune entre os papéis da injustiça).

Mas eu venho, sobretudo, da conversa solitária de todas as estrelas, onde umas, tristemente, se apagam primeiro que as outras.

OS TAMBORES DO OUTONO

(Ao Dr. Omar Carneiro, cardiologista e amigo)

I

Esta é uma conversa, doutor, com gosto de jantar fraterno, há tanto tempo sem igual na descida dos anos sobre a vida. (E trovejante, tem a leveza da criança maravilhada com as histórias do pote de ouro escondido nas cores do arco-íris).

Sabes, doutor, hoje eu vou fazer a revolução dos inocentes, para denunciar os predadores de tua secreta poesia, que voa nômade entre as mãos do teu ofício.

H

E do alto das escadarias desta galáxia de 72 estrelas (luzindo) pelos palcos loucos da vida, és o grande cardiologista da selva dos robôs!

Oh... mar, de mãos túmidas, tu trabalhas com as batidas do engenhoso motor da vida!

(Tua insônia tem o ritmo dos ponteiros anunciando a guerra dos cigarros mortos em tua boca).

Bandos de andorinhas invadiram o catre socialista de tuas mãos.

E tu suspiras a saúde dos trigais embevecidos pela noite. Parabéns!

A poesia que te ofereço vem da terrível respiração das formigas, por isto é frágil, impregnada de platonismo.

Ш

Pois vê só, doutor: nossa vida não é peça de vitrine, (acaba uma, compra outra), – não.

A história é sem história, não tem vida pra contar. Somos filhos do pôr do sol, do céu sardento, sem estrelas.

Viver monotoniza a caixa encefálica dos pensamentos.

Ah, se as flores ficassem tontas... o que seria das floriculturas?

O céu refulge no vôo das borboletas e nós, doutor, somos o rútilo (que passa) evolando-se da vida.

A cebola me espera para sonhar com o infinito.

Os punhos da aurora

(Para Antônio José de Moura, amigo)

É fim de ano
nos estertores desta tarde,
que elimina do tempo
os últimos soluços
da claridade.
(Silêncio, mulheres garridas
abrem suas pernas
para os negócios
do amor!)

É fim de ano neste ruidoso bombardeio de notícias, que me vêm pelos satélites do fim do mundo: televisionando a tragédia da humanidade nesses dias de estrondos apocalípticos.

É fim de ano no brilho sagrado dos presépios, em cujo berço de palha refulge a Estrela de Belém (até hoje perseguida pelos carrascos de Herodes, que nunca deram conta de apagá-la). E a humanidade não tem humanidade para seguir os passos daquela luz.

É fim de ano nas chagas do revoltoso Rabi da Galiléia, de difícil compleição para o sorriso, mas de rosto aberto para o pranto.

É fim de ano na caixinha de Natal dos meninos de rua, (que erguem suas mãozinhas de anjos esbaforidos As gavetas se trancam na tumba de seus papéis e os homens se vão (condenados que são) aos martírios dos relógios de ponto.

É fim de ano no doce perfil da rosa se esbranquiçando de orvalho entre "os lábios da terra".

É fim de ano no tépido labor dos maquinistas, cujos sonhos se esvaem no vapor das caldeiras queimando a vida sobre os trilhos. (Ó estações perdidas da infância! – O coração vai batendo forte no doloroso apito dessas máquinas rasgando o peito das montanhas).

É fim de ano no túmulo do Seu Tunico (jacente, não mais Nascente) aos soluços da flor e dos trovões. São Francisco de Assis abençoa os ossos de sua juventude recolhida ao sono dos ciprestes – amém!

É fim de ano na orla solitária da lua, para onde voam os bardos da noite com seus alforjes impregnados de amor e poesia.

É fim de ano na gritaria das siriemas, cuja vista no descampado destes prados me traz de volta as dores dos cerrados se agonizando em cinzas. (Homens e espingardas jamais pouparam chumbo contra a cândida presença dessas pernaltas comedoras de répteis).

É fim de ano nas balas que executaram o Cristo das Américas: (pássaro de boina, que desceu da Sierra Maestra espalhando liberdades entre os povos do sub-mundo).

É fim de ano no garboso reveillon das boates, (onde os black-ties se embebedam de transatlânticas ilusões e vendem o mundo no porre dos seus uísques).

É fim de ano
na sangreira das mortes da Candelária,
cuja frieza dos fardados (hediondos na
fúria de suas armas) – deixou ali, na praça,
na memória da praça, o gemido dos massacres,
de onde escuto
meninos chorando na boca dos fuzis.
(Meu Deus, dá um jeito nisso!)

É fim de ano no favelário nacional da miséria do Rio de Janeiro, de cujos morros descem os encapuzados do crime, atirando na polícia e neles mesmos, pelo domínio do narcotráfico.

É fim de ano no idílico cair desta chuva, (que não varre os micróbios do mundo, e eu sou um deles: louvado seja o pó da minha inocência!)

É fim de ano na fenda cabeluda do teu sexo, amor, ávido por uma explosão de orgasmos!

É fim de ano na belíssima vitrine das calcinhas, em cujas cores (creme, lilás, uva,) palpita o gozo erótico dos amantes.

É fim de ano na prancheta eletrônica dos publicitários, (que anunciam até sexos de borracha em nome de suas contas bancárias. A midiologia do século é o câncer desses laboratoristas do texto).

É fim de ano nos escândalos do Congresso Nacional, (cuja falta de vergonha só se apagará com quilômetros de papel higiênico!)

É fim de ano no grito milenar dos galos, cujo canto desnuda os seios da aurora.

É fim de ano
na cova estúpida
de Pablo Escobar,
(de cuja fortuna
só levou o que não levou:
a água de dinheiro
das suas torneiras de ouro).

É fim de ano na vulcânica beleza da Nininha, cuja presença (em meio a jornada da minha vida) – é astro que fulgura entre os verbos do meu viver.

(Flor beligerante a quebrar a contumácia dos meus equívocos).

É fim de ano na sobriedade louca deste poema, (opresso e melancólico tal qual a banda podre da fruta sobre a mesa).

É fim de ano no último grão de luz do ano, cujos relógios eu os quebrarei, entre os cacos dos meus naufrágios.

"Tudo é tão pouco", e eu tão ninguém no nada desta hora.

O VELHO MENINO

(À memória de Mário Rodrigues de Oliveira)

I

Ali
estava ele
(imenso) como o mastro
de um navio apontado
para os jardins suspensos
da noite.

Escada de se subir luarando o mundo.

Mário era azedo, foi doce, de sorriso branco balindo safadamente entre os óculos.

Soma-se a tudo
tua lírica sisudez
de homem soterrado
no áspero expediente
cartorial das papeladas:
casamenteiro, conciliador,
morigerado e escrivão de óbitos.
Bom cidadão da ébria voz
falante.

Os pulmões em dia, de rígida estrutura para o gozo etílico.

Alguém me disse, Mário, que o amor é um fenômeno de física—metafísica que ultraja Platão, nas premissas do onírico.

E no entanto, eu, que vim do harmonioso cheiro da serragem, digo: não há senão sob a carcaça desses ossos: somos utópicos, irmão! II

Era ontem.

Eu vi (e ainda ouço) o ronco da azulada Studebaker sagrando os ermos da brisa em direção ao rio dos Bois, onde a vida, a tua vida na estrada, era uma bacia constelada de peixes e azul auroreal de sonhos.

Por isso hoje, há um ano distante do teu cósmico tonel de alegrias, esse braço de lembranças me machuca (e dói como pedrada no dorso de uma flor). O que passou não passa: é nunca.

Mário, tua vida era uma casa de jubilantes gargalhadas. Que expansão etérea de amizades tu transmutavas em poesia? Mil janelas em tua alma, ofereço!

III

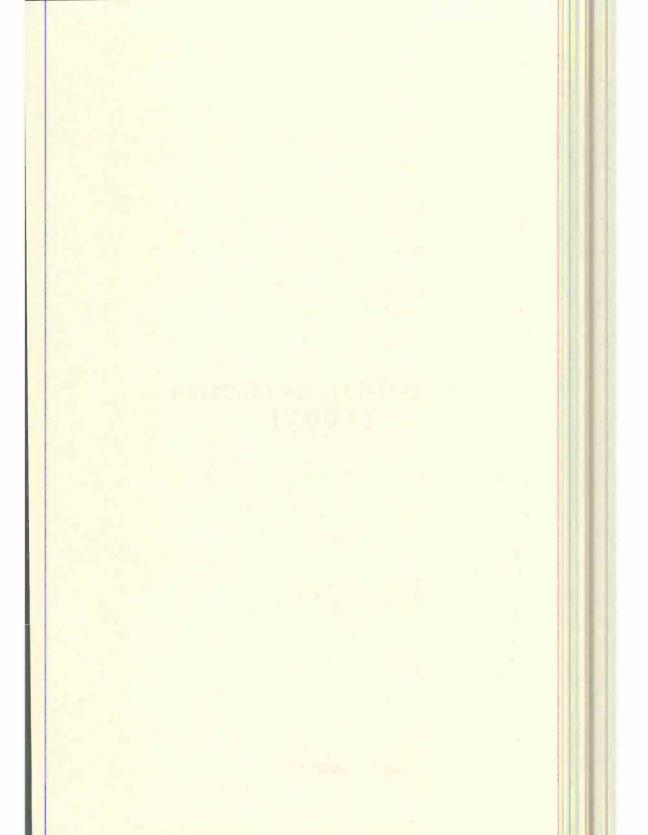
Teimoso, cabeçudo, tu chegaste ao topo dos oitent'anos deglutindo a água de bronze dos deuses. E como, de direito nacional, foste um genial amigo da cerveja, tinhas o bizarro encanto da boa prosa, com os anjos da malandragem, na república dos bares.

Caótico e amoroso, gargalhavas do mundo, untando o gatilho da sua flober.

Em sua faustosa gleba de bezerros, em Rui Barbo, a faina gritava: O leite, dona Eunice, o leite!

Agora, Mário, (meu velho menino Mário), me dá licença: eu vou beber esse gole de saudade.

Os aventais da púrpura (1997)



À FLOR DA PELE

I

Minha cabeça não deu conta de segurar o poema. Bastasse tê-lo escondido debaixo da minha pele e veria onde dorme a última estrela.

Quebrar todos os vazios de mim. Ficar ominoso, garrido: transa que engravida chamas e relvas.

O abismo correu solerte pela sina dos poldros.

Perdi, então, os meneios da tormenta, a cabeça e o ríctus.

Enrolei a tarde nas pálpebras do limo.

O muro cresceu afervorado de abelhas.

Nudez de prado. Som de regueira.

Estrepitoso relógio nas mãos do espectro.

Minha cabeça não deu conta de segurar o poema: tremor de palavras na minha pele. II

Brandos alísios no dorso da pomba.

A estrada rôta sem os álamos.

Minha cabeça. O gato de efígie lanuda.

P-o-e-t-a-r estar no ar, bronha do espírito no aprisco dos vocábulos. Tenro lago de orvalho na brisa destes ais.

Eu quebrando gumes na mó das palavras.

A cabeça no monturo.

Desmaio de mastros na cinza. Cúspide. Eu, ominoso e só?

Cântico do só

Estou no vento que abre o leque das palmeiras,

no sol que se infiltra pelo vão dos caibros.

Estou no par de tênis que sumiu nas enxurradas,

no coro dos taróis, no cisco, no dorso dos acantos.

Estou nas flores que não mandei aos mortos,

no estridente império dos grilos.

Estou na toalha que enxuga a alma das prostitutas, na chave que abre a terra para o parto da luz.

Estou nos frutos do lume, no florar do trigo, estou.

POEMA EM DIAGONAL

Desligo o pensamento. Páro e espreito (à espreita) outro universo em minha alma. A vida nos pontos da ruptura.

Outros ontens não somos sem os elos do hoje.

O relógio faz a marcha do declínio.

Desligo o pensamento. E novamente páro à espreita dos vexames deste sono.

Tear o fio: o céu é finito?

Eu fico
à espreita
de que ponto?
A compulsar em mim
o que é falso,
o que é sonho?

Todos os círios da minha alma querem janelas para o corpo.

PÉRIPLOS DO AMOR

Ó vento de potestades, bate nos arrecifes teu açoite-bate!

Ó negra multidão de espumas encapeladas, o mar tem grumos do abismo! Tem crinas e procelas, o mar.

É devasso, é casto o mar.

O sal devora ferrugens em seu rosto de ondas insurrectas.

Estrelas morrem de colisão nos penhascos.

E tu, ó épico marujo dos périplos! Vacilas, louco, pelos reflexos do lauto oceano.

O amor é quente e rói. O mar é ácido e mói.

Ó homens de branco a estibordo, – enfermeiros do mar – a via-láctea é mais embaixo, sugada pelos magnetos da terra. O azul entorpece.

Aqui dentro há um motim de saias, (zunir de espadas que assombram).

Há ríctus de ódio na crosta das ostras.

As marés avançam em direção à calma dos outeiros.

Amor, o mar se enfurece e sangra a quilha dos monstros.

E conosco vamos, ó Camões, ao brinde desses lábios oceânicos.

E mais e mais se arvora a proa de afilada cúspide.

O mar é turba de ondas contorcidas.

O mar.

POEMA À PAISANA

I

A era do meu blusão é jeans.

Sai tudo pelos poros da notícia: clonagens, overdoses, espancamentos e soros assassinos.

A era da minha moto afuma bocas, dentes, dedos e pulmões.

O homem faz peripécias dentro do homem. Faz outro homem dentro do homem.

Multidão de lobos dentro do homem.

O homem, inacabadamente, homem.

Ágon de todos os tempos, o homem.

II

A era do meu automóvel é dos seqüestros, e dos gorilas à paisana. Era
dos esguichos
da violência,
das pancadarias
e do cacete
das milícias,
do militarismo
totalitário,
sem desvelo
utilitário?

Era das sirenes disparadas.

(Rapsodos fora de cena, epicuristas e socráticos sem griffes nas gravatas. Atiradores de estilingues, onde é mesmo o alvo das torres atômicas?)

Que nulas estátuas de mulas são estas à paisana?

Ш

A era dos meus brinquedos já era. Os sapatos dormiam na curva das estrelas.

Era e era das heras.

Os muros cresciam entre os gnomos do medo.

Do inverno, falo

1. No calmo colmo de nossas flores é inverno, de escalavrante frio e dentes na macega.

E pelo ar me escamo. E suspenso me dano: ó noiva de alparcas, sois treva que me trava nos cabelos dessas dunas,

(carne que me devora feito fome de vulva e dentes).

2.
A treva me trava.
O beijo me trava.
A carne
hipnótica
nessa trava
que me treva.

Ó áspide de mim, enrodilhado nas espigas do requinte desta noite, para onde vou (não vou) de bico aceso, hostil de gládio, contra répteis voadores da minha carne, fome que cresce feito unhas.

Ó tridente estação de defuntos, vai pelas frinchas dos ventos, podres! O frio espicha teus quícios estremes de plutônio.

E eu mirto federei, fodo, me fodo. Ó, como nesta floresta de ásperos casulos, onde monto (desmonto)
a garagem
de zíper
do meu
falo,
até cair
de língua
na greta
desta mata
espessa.

Ó hirsuto rio de vagina imaculada,

minha terceira perna se avulta fogueada no triângulo desta vulva,

que me lambuza os culhões e os lábios, cara de caralho! Avesso do teu hímen.

O CALCANHAR DE ADÃO

(Não sois máquinas! Homens é que sois!)

Chaplin

Tempo de globalismos, tempo.
Tempo de descobertas negativas, tempo.
De bytes, bytes, bytes, bytes... tempo.
De razões para John Donne, e sua voz atormentada entre os monturos do sol.

Tempo de movimentos dicotônicos, tempo. De sanhas de senhas de dedos dédalos dados de expectantes expectativas divas longas cataratas de fogo prateando caras de répteis perante os deuses desmoronados da História, (ó negros neutrinos da Física, o futuro está na guerra dos interferômetros!) Galileu batendo o pé: "Epuure, si muove!"

Homo ludens brincando nas estrelas. Tempo de réquiens ao falido Sol de Aristóteles, (fogo intemerato de sonhos astronômicos), dos bilhões dos megabytes guardados no ventre do laser,

tempo estratosférico acrônico, esférico,

dos estupros e das clonagens, tempo de sonhar com Ptolomeu,

tempo dos muxoxos das iguanas nas coleiras das madames,

tempo de humanidade internetizada, dos botões vermelhos assombrando a terra, dos excrementos atômicos no mar de fundo defunto, ar sem fundo também

defunto, das massagens a laser no coração,

das orquídeas de plástico, do silicone, do sexo por telefone, dos irados carniceiros e dos robôs me convidando para o café: como são gentis!

Não. Não somos máquinas! Homens é que somos!

A odisséia das águas

(Para Batista Custódio, trovão azul desta amizade)

Vou colocar o rio na força desse remo. Peixe e pão em tua mesa.

Aqui começa o rio. Perdão. O meu nadar é de batel. O rio desce pelas tintas do crepúsculo.

Ó duo azul de araras no tabocal dos brejos!

Cheiro podre de canoas soçobradas pelo golpe das enchentes.

Relento e rebojo. A água tonta.

A madrugada é pastosa no orvalho.

Fragoroso bater de cascos na campina.

As águas descem prenhas de paus retorcidos.

A linha corta a sombra esbarrancante das margens.

As águas invadem o leito pedernal.

Solta a brida, ó ínclito Homero: "sós na lide os mortais". E descem do outeiro, ó hostes de ninfas! Tétis esfola (estiola) os seios no feral das trevas.

E vinde ver, Heitor, as tralhas chulas do predador de avencas.

Ai, que voa virulento o vento!

Areias já foram faíscas das estrelas.

A terra na distância muge.

Ouço o canto escamoso do rio. Lótus. Lide. O ir sem passar do rio.

Dados.
Dedos.
Dédalos.
Ranchos.
Garranchos.
Galhos.
Galhaços.

Suntuoso. Sinuoso.

O rio leva o monturo de outros rios.

Soluçantes pedaços da noite. Tálamos de prata, luas de lincho e de relinchos. Restos tontos de auroras.

O mundo gira como um prato nas ondas sujas destas águas que bubuiam paradas.

Donde vêm esses parvos roedores de sina?

Onde fica a sede do céu?

Ó fragas ocas, locas de pedras!

Baixos ninhos de guaxos. Cicio de brisa no talo dos bambus. Alfombras cor de sol. Pedrentas praias de lã pisadas.

Tempo retido no joelho das águas.

Som de remo. Balé de borboletas.

O passar deste rio é passar de dedo no aláude.

Deus aqui foi pedreiro. Espalhou farelo de cristal no curso das regueiras.

Devagarinho a água se empapa dos úberes da terra. É leitoso o chão no fundo do rio.

Alado o rio não voa. É cauda de astro que se esboroa.

Ira tem dos homens, – ruge – o rio sem espadas.

O rio não nada. Alado não fala. Corre (estuga) do golpe das malhas.

De fato. (Não há fato) neste incrustante ir do rio pelos bolorentos lados da flora que se aflora musguenta de verde.

Céu infesto de azul.

Enleio garço de aves.

Hora
ditosa
de lume
no alto
pico
dos babaçus,
tugúrio berçal
das mulatas.

Arde o lenho, – é noite.

Tardo o passo.

Pesco a lua no anzol.

É gris a pedra.

Jalofo o homem.

Corre, dédalo de águas!

O sol me increpa os olhos.

Rastros de chamas e cadáveres: estertores pelo chão.

Zaragata, de araras.

Ritmo fundo que bate afervorado.

De brunida água hora não era. Dos enxurros a lama viera. Aos tumultos lambendo as ribanceiras.

Troncos de paus podres rodando (às vezes, à deriva), iguais a matança das aves e dos peixes empoleirados nos túneis de sonhos destas águas. Enquanto crócea era a lua em seu rotundo altar de trevas. Choça de palhas no ermo das gralhas. Solidão de fâmulo. Toada de água, canora. Pele dos deuses, érea.

Ó águas de seios diamantinos, teu nadar é correr de lavras de lavor! De tempo irremissível, larval. Rio macho de águas fêmeas.

O relâmpago chispa punhais de fogo no dorso destas águas.

Trovões, capins e cágados. Homens frouxos, cagados.

Urro seco de bicho nas coivaras.

O céu caiu ali na frente. Alguns anjos morreram no desastre. Me dêem licença. Eu vou voar no rio destas cinzas!

(Fazenda do Encantado, Balisa - Carnaval 97)

A vó Altina

Um laço de holanda amarrado às tranças.

Teus cabelos atados à juventude da cinza.

Minha vó Altina.

Um saco dentro de outro saco, mais outro saco, dentro de outro saco, assim ela guardava seus níqueis.

A pele das mãos encarquilhada pelos anos. Era flácida, cor de outono.

E no olhar um ápice de poente.

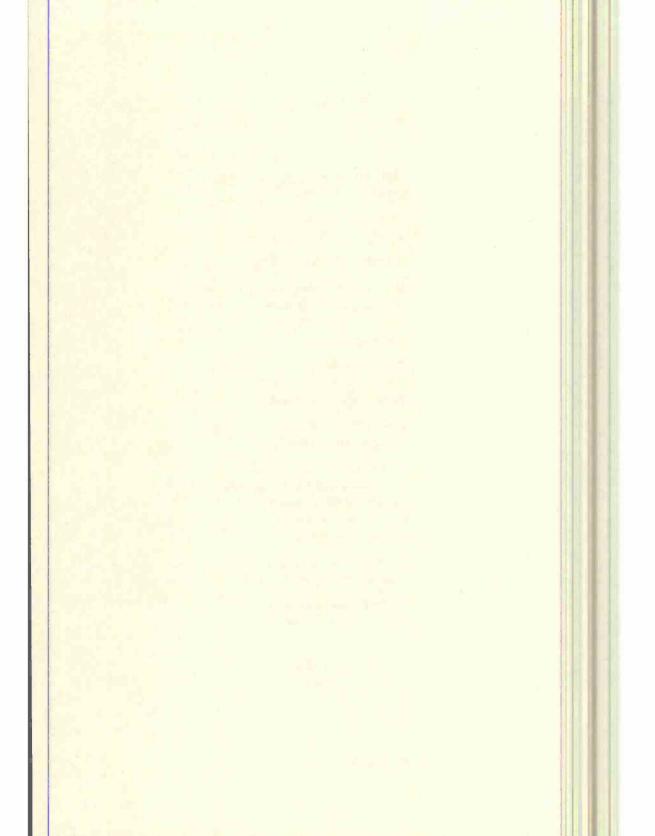
Da varanda eu gritava: vó! Escuta aí as chicotadas do vento na cabeleira das árvores. O estalo das labaredas em batalhas com a noite.

Escuta, vó, meu coração ruflando nas paredes.

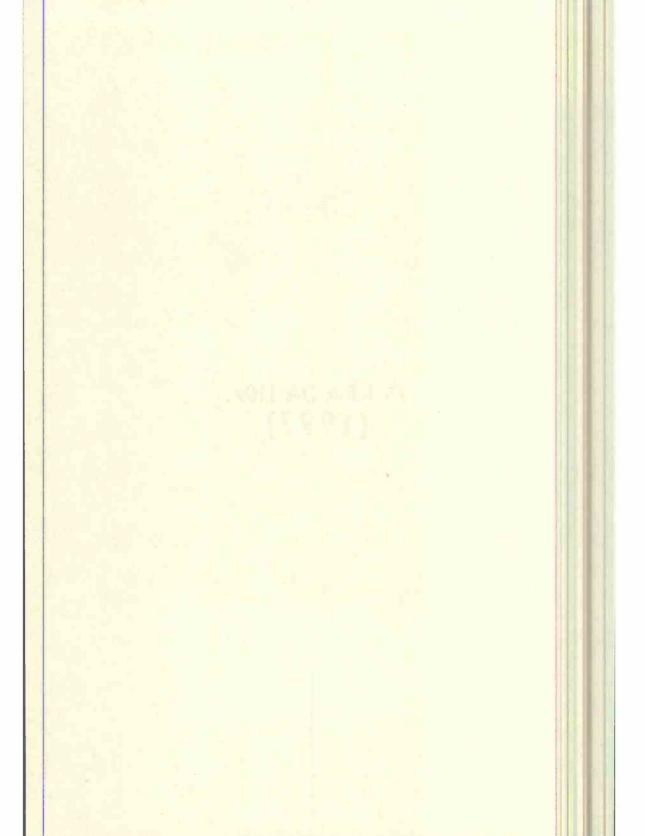
O estralo do relâmpago travava minha língua.

Eu ficava branco como giz e me jogava de cabeça sobre o teu ventre: bendito colo da minha infância.

A lembrança tem cheiro de vela derretida.



A LIRA DA LIDA (1997)



A LIRA

Ĭ

Vem. O albor já desce.

Inda o céu é fúnebre na ponta dos edifícios.

Um bafo frio corre pela nudez dos ébanos.

E então, Homero, me arrebatas a lira? Tu, morcego louco de sinuosos mares.

II

Vem.

É a hora do crisol, da pira, dos grandes incêndios detrás da aurora.

É a hora do fogo das ignições arrastar suas máquinas para o vôo das fuselagens.

(Hora das chamas arderem na lida o gás da alma dos homens).

Entornemos, pois, ó cítaras da noite, a chávena dos deuses nesses lábios de musa. III

Vem. O bródio da manhã é regado a hidroméis.

Desce o albor e clareia a cripta. Estelar, desabrocha-se o vento nos juncos. A brisa incha, é fresca e corre pelos flancos da lida como o sol é favorito no rosto rorejado da flor e dos homens.

O céu purpureia, amada, é hora.

O lume cai no vau dos rios.

O sol levanta o chapéu da vida, o lustro azul das águas.

Vem. É manhã.

Os casebres se esvaziam.

E as fontes não param de tugir nos ermos.

A LIRA DA LIDA

A mesa sempre bagunçada. Sem química alguma para explicar o laudo da minha presença amarfanhada no áspero silêncio dessas coisas.

Porque este é o meu ofício: jeito rude, roto, de fazer da vida esse passatempo maluco de imprimir estesia nas palavras.

Ai que luto contra cutelos e cutiladas de tantos Quixotes no lugar de mim!

Um olho entrando noutro olho. Não. Não ordene o fôlego deste caos, não ponha cadeado na vetusta máquina de sonhar, recriar, palavrear.

Eu saio do fundo das brenhas que escondem os ecos da noite. A fábula sou eu, Poesia, a bater meus guizos na lira desta lida.

A poesia me exora neste epítome de mim. Então comungo, me comungo. Graças dou ao caos da minha lida.

Cozido pela luz, sou palavra, seta de Cupido.

As súplicas do eco

Me dê o ar da paz desta flor e eu farei o poema do primeiro pecado.

Me dê o bálsamo da noite e eu me embebedarei até ficar puro.

Me dê o grão deste trigo e eu farei o pão comer a fome.

Me dê um palmo de terra e eu dizimarei a cólera dos sem-terra, com enxadas de cantar morando.

Me dê a bengala de Chaplin e eu direi aos serventes do mundo: "Não sois máquinas! Homens é que sois!"

Me dê o pulmão de um pássaro e eu farei as florestas cantarem nos acordes das estações. (E dos lábios das folhas arrancarei suspiros para ecoarem na surdez da noite). Me dê as tranças da sereia e voarei com os peixes nas gotas do orvalho.

Me dê um pedaço do céu e eu farei a bomba nutrir-se das lágrimas de Ghandi.

Me dê a garbo do arco-íris e eu farei relâmpagos na orla das tulipas.

Me dê a fronde dos carvalhos e eu farei cachos de frondosas sombras.

Me dê a raiva do trovão e abrirei senda nas procelas.

Me dê
os raios do amanhecer
e farei a faca
des(a)fiar
a faca
na bainha dos remorsos.

Me dê o cetim das alcovas e eu farei as bodas dos suicidas.

Me dê as cordas do relógio e amputarei o futuro nessas batidas do tempo.

Me dê água, muita água, e eu matarei a sede dos dilúvios.

Me dê um coração de flauta e eu murcharei a boca dos fuzis.

Me dê uma turba de ovelhas e farei a treva evanescer a treva.

Me dê a palavra e eu farei o verbo comer a eternidade.

Me dê um quilo de essências e eu farei a juventude morar no outono.

Me dê os olhos do cristal e eu expugnarei as rugas dos espelhos.

Me dê o dedal do alfaiate e eu farei o reveillon dos mendigos.

Me dê o pranto das cascatas e eu farei a música das águas no planeta.

Me dê o lume da fonte, ó espadas contra guantes!

Me dê as súplicas deste eco e eu farei a terra cobrir-se toda de estugadas borboletas.

E me dê (se possível) a mutável forma do viver e eu os salvarei a todos na dispersão desta luz.

Um dois um

I

Brecht e Camus, que drama se trama na efígie destes nomes?

Filhos do palco, reparadores do apetite do mundo, do jogo do mundo?

De lunáticas-lunetas, se salvaram do sonho de uma só pergunta?

Reivindicaram justiça embriagados de urgência?

Anfitriões da alma e do pão: um, chaminé de névoas, o outro, libertino utópico.

II

Nostalgia da razão absoluta. Ardor esfomeado. Canção do povo, fuzil e morte. A história não existe. Esboroou-se.

A gesta da vida "é um fogo que sofre se não arde".

Os livros já se empinam no convés do sono.

A fumaça dos amanheceres que a morte não resgata.

O idílio dos lábios na renúncia: comprar mentiras, vender mentiras?

Vida torpe. Ó louco tálamo de núpcias! O sol do meio-dia. Os seios de bronze, das sereias de fogo do mediterrâneo!

A Grécia morta num poema.

Libertinagem por causa do sol?

Todo o teu reino era ele deste mundo?

Entrem, senhores, a Justiça não está.

Os bêbados

Os bêbados são de uma pureza só comparável às águas do pântano.

Os bêbados não são bêbados, são machucados pela vida.

Cisnes de sonhos sujos, sonâmbulos de olheiras.

Ariscos e coriscos da noite.

O bar é a casa de detenção dos bêbados.

O mundo, mictório dos bêbados.

Paz aos bêbados, peço! Embebedados de inocência.

VELHO EINSTEIN

I

- Doutor Einstein, quando é que o mundo vai se acabar?
- Sei apenas, meu filho, que dispararam setas de ódio contra mim. E que é preciso "construir pontes espirituais e científicas entre as nações do mundo".
 O dia em que o mundo vai se acabar? Fica aí, meu filho, esperando, que você verá.

H

A pólvora é o tormento do mundo. E o medo me faz girar como um inseto no tornado.

Eu vi um pombo esmigalhar seu vôo numa vidraça. A guerra atômica tem o rosto do horror, horror!

III

- Doutor Einstein, o senhor acha que o fim do mundo é o fim dos tempos?
- Sei apenas, meu filho, que não fui eu quem ajudou a crucificar Cristo. E que, na juventude, a solidão é penosa.

O átomo, meu filho, não tem fim. E pôs a língua para fora.

Extrema inquietude

De tanto chorar o pranto que não vem, me espedaço neste canto.

Pronto o pranto. A água é seca. Não canta.

Deslembrado, fugidio, volto à cinza que não pára em pé.

Vulto crasso que não se planta, des-canta.

Brilho quebrado em dor.

Canto e sorvo ruína: pedra que dilacera, a(s) sina.

Araguaia, eu sou teu pranto

I

Araguaia: bicho-ave de areia, pedra e sertão. Rio-boto de ermos cravados na lama.

O homem-fera fere e frita o pulmão de tuas águas.

Estressados, os peixes não sobem, não descem.

Fogem do canto.
Ficam surdos,
imóveis, no nadar estático
de teus vítreos
caminhos d'água.

O que canto descanto no passar deste rio.

Rio-cópula, rio-garça, rio-boto, andando pelos pomos do poema.

Rio-gozo, estético, de sol dourando o alumínio de tuas águas.

Rio caindo de bêbado. Não. O tonel da morte é mais embaixo aboletado no fedor da lama.

Resto de remorsos ardendo ao sol, não contam histórias de contos de flechas, nem das armas fraudulentas disparadas contra as carnes de penas do teu vento.

O bicho-homem te destrói, ó carajás (de índios) a pé imolados até a trágica extinção avoenga dessas greis de pele rubra das tabas e do sol!

Me leva, canoeiro, no dorso das gaivotas. Piracemas, o rio me conforta. Me leva, canoeiro, na ronda desses remos, que o luar, aos montes, me branqueja.

Araguaia: bicho-pena, ave-porta, o teu passar é que importa!

II

Já te vejo contrito, meu velho Araguaia, todo flechado de antenas.

Tuas praias cobertas de asfalto.

Suor de nuvens já não goteja mais sereno, como quando outrora brotavam estrelas no vago vale dessas águas.

Só bafo de pólvoras das jornadas predatórias.

Ш

Cauterizar as feridas deste rio, ai, pescador... cadê o pio do jaó?

O vagar silente dos tracajás debaixo de teus rotos chapéus de ossos?

A sombra doce dos muricis e teus carnosos frutos do cerrado?

Ai, não, monstro-cão, eu escuto a morte do boto a facão! E tudo se sangra em gemidos na areia.

E dos dourados dessas águas, és tu, matrinxã, primeiríssima dama dos peixes de Aruanã?

IV

Ora manso, ora rebelde, o rio trava tua luta com a luta de outros rios

O rio é luta de flama que se inflama nos gerais.

O rio é luta e luta contra o luto dos animais.

Espumas se esfumam chorosas pelos cascos dos teus barcos.

E refuga esquivo o ar das chicotadas dos anzóis. E os barrancos, cá de fora, se esboroam na garimpagem.

O mercúrio agride.
As águas se queimam.
E o rio, longo braço
de prata,
se sepulta
na fúria
das erosões.

Chuvas fortes nas ribanceiras. Sujeira e galhaços.

V

Ó orlas de magnânimos crepúsculos! Cinturão de púrpura, fímbrias de metal. Línguas de fogo crepitam pelos cerrados. Mundos de bichos desolados.

Súbito a guerra náutica dos Jet-skis faz o deastre – ó ronco assassino de motores! Lixo predatório. Mão iníqua.

Vem a humanidade e caga. O orvalho tapa o nariz.

Rio despetalado, eu sou teu pranto.

Maquiagem

I

Eu me pareço palavra.

Meu rosto é um ponto final na linha dos eflúvios.

Vem, ciência, explicar minhas orelhas, estas vírgulas de cartilagem,

este nariz, meu cabo de clarineta,

esta prancha, meu tórax,

estas colheres de fervor inquieto, minhas mãos,

e as moventes pernas, a cabeça turbinada de sonhos?

II

Ó claridão de sol no âmago das águas!

A poesia vem lutar contra os torpores da morte.

CINZAS PARA BUENOS AIRES

Calle Suypatcha, hotel Goya. O inverno era frio de punhais no ventre.

E tremia de boca em boca.

O vinho era bom. Fuzilava-se o povo a cada ordem dos generais.

Dias ruidosos aqueles, de árvores carbonizadas pela poeira das bombas.

Homens babando, canos de fuzis, ambulâncias, sabres e estampido de balas.

O povo tinha feições de um sapato usado na guerra.

A boemia militarizada da direita. A boemia escandalizada da esquerda.

O tango. A queda cambial.

E o dólar, na bolsa do Tio Sam, subindo, subindo como um tufo negro de fumaças sujando as ombreiras do céu.

O céu era sujo. E eu lia Borges, de errância em errância, a bordo do metrô, e sua penca de homens empalamados de sono.

(Os ratos roendo assoalhos de fome no comboio para onde?)

E o mar del Plata cercado de pescadores de trutas.

A água cor de óleo, empoçada no cais.

Domingos escuros no fim de suas tardes lembrando trapos de cozinhas.

A vida provecta dos anciões na praça.

A macarronada, o teatro e as filas para os filmes pornô.

Um cinzeiro da China e uma gravata de Londres vieram comigo nas bagagens do meu egresso.

A terra me esperava para o amor.

A FLOR DO TRÓPICOS

I

Quantas estrelas em teu corpo, ó branca pétala de carne e sonho!

Os torvelinhos da vida atiram-me em teus prodígios de luz. E eu,

– ó pobre roedor de madrugadas! – velho pirilampo da noite
a dormir envenenado de amor sob o chapéu de orvalhos do teu sono.

Vem, constelada maré de beijos!

II

Lá longe, onde teu rosto se acende como louca colisão de astros, sou generoso artesão de juras, ancião e poeta (o que vale dizer, duas vezes só e poeta).

Vem, sedenta flor dos trópicos, encher de paraíso meus lábios. Vem buscar tua sede nos açudes da minha boca.

O amor, eu o bebo na estesia desta taça.

Vem.

Ainda há tempo para saberes que és escandalosamente livre como a inundação de um astro debaixo da minha pele. A lua me chama para despir o abismo angelical das flores. Ó pobre de mim, ressuscitado pela paz vulcânica deste beijo!

Para depois e só. (Não, amada!) Morrer sem lembrar o amor cravado nas costelas do meu fim.

III

Terra à vista! Eu chego às margens do teu ruboroso umbigo, para pousar meu corpo no regaço destas nuvens.

Vem comigo, amor, acender as cortinas do crepúsculo, antes que as estrelas fujam para os charcos intocáveis do teu peito!

BOA-NOITE, CREPÚSCULO

(Roteiro de visitas à Sociedade dos Poetas Mortos)

I

Antes de cair-me afadigado de fadigas no mar de malhas deste sono, vou à casa dos poetas mortos em visita ao meu lunático arquivo de sonhos.

Ali está Drummond pedalando a fabulosa máquina de teu engenho semântico: ele é de ferro, senhores, e já conhece os aventais do pó, pisando, cauteloso, sobre o mar de brumas da eternidade.

Depois, mais abaixo, está o italiano Menotti, debaixo da flanela do teu pulôver.

Cisma, sofre, apeia: o que foi, Juca Mulato, a dor te aquebranta?

Não. É "de costume, um cálice de pinga, um cigarro de palha, uma jantinha à-toa",
A vida me era um nada...
"Uns alqueires de chão, o cabo de uma enxada, um cavalo pigarço, uma pinga da boa".

Descem, pois, as máscaras. E bóias, já extático, na fuligem do tempo. Deus sem rosto, nuvens a cavalo. Tira os óculos, Menotti, e apaga os círios da manhã na dureza dessas lentes.

Na Líbero Badaró há garoas, conversa fiada, café, carro importado. Pode crer: estourou a conflagração de 22.

Menotti, é sofrer demais! "Olha a lua e estremece".

II

Empapei-me de ti, Rimbaud, do sol que purgava ouro em tua cintura de Lúcifer do deserto.

Rasgado por todos os venenos eu vi teu coração num tórax de Satā, tua alma num escárnio de moscas.

A chaga no joelho, o vício erosivo do álcool e do haxixe, "criança tocada pelo dedo da Musa".

Desceste à estupefação do inferno para fugir do urinol da burguesia.

Ó doce arbúsculo da infância! Ó bardo de Charleville! Ó bêbado freguês dos hospitais! De tumor sinovítico, amputaram-te a perna.

Ó grande sonegador dos cofres públicos, herói das fortunas traficadas: fuzis, ouro, marfim, peles e café.

Tua vida fede a esparadrapo, vaso de cadeia, ó trágico duelante da Etiópia: o sol purgava ouro em tua cintura.

"Em salto surdo de animal feroz, pulaste sobre cada alegria para estrangulá-la".

Ai, doce mocinho dos enigmas, o cântico da vida te soava absinto!

III

Mário suava letras.

Brasileiríssimamente gerado pelo chão da garoa. Gato verde, polígrafo.

São Paulo, comoção de tua vida: o coração estralava ao jogar pruridos nas nádegas do burguês!

A vida tematizada pelos punhos da "calma fatigada da tarde..." Cafezal de oceanos e esmeraldas. Eito de peitos murchos, grãos podres e de estafermos doentios.

Traçador de livros, alma de serrote! Missivista ardoroso, iracundo,

pianista e misantropo, já andaste de fraque sob as marquises da poesia?

Já colheste algodão de areias nas praias do Tietê, hoje, cadê? (Só excrementos de chaminés, velho Mário!)

A arte mugia em teu peito, ó cavalo do exagero! Boi e serpente das águas fatalizadas pelas grunhas do teu amor esconso.

Provinciano dos pijamas. Os óculos acrisolados ao desvairismo de tuas chinelas no vernáculo.

Homem de largas solidões. Musicólogo da pedra, do verniz e dos foguetes das procissões.

O teu bailado de poesia que se expande, na praça, em ritmo de luz sinfônica.

Grão perfumado do pau-brasil. Inferias – ó que alívio! – Sossega, Mário!

IV

General do verbo, marche! A Rússia de outubro era a ponta do teu revólver. Como o sol era vermelho nas cores de tua pátria!

A sirene das palavras no coração das fábricas.

Moscou era vermelha debaixo da neve.

As putas e os "gozadores de fêmeas e de pratos".

Teu crânio repleto de versos.
Carícias de liberdade no colo da mãe, à luz desse mesmo sol tua voz era foz, pólvora de sonho.

Trovão de rua a sacudir soluço de saias e donzelas.

Não, camarada, a canoa do amor não se quebrou: "melhor morrer de vodka que de tédio".

Ó, viva a pólvora do teu verbo atracado às chamas do amor!

A revolução dos estetas, o cuspe,

o fuzil, o pão, e o povo.

Ainda ouço, do topo deste século, a tragédia que espatifou os miolos da Rússia no teu crânio.

A turba lambendo "as mãos calosas da poesia".

Não te deram rublos, poeta, nem mobílias, lírios e delírios.

Deram-te tunda até a tumba!

O DILÚVIO

I

Não faça poesia de costas para a vida. Faça-a de carne, tumulto, execrações.

Não faça poesia só com palavras. As palavras são faíscas do enleio, abstratas descobertas do desejo.

Semântico, não. Lavrante, sim.

Uma mulher nua é como o orgasmo de mil vitórias. Faça-a nua, inteirinha; e seja, porém, prudente: chupe-a dos quadris à casa de orvalho de sua fenda.

Não faço poesia movido somente pelo aflato da imaginação.
Dê um coice no mundo.
O princípio é lugar onde muito se sonha.

Faça poesia sobre a desordem, isso é bom para a alma: a insolência dos homens e suas cirandas de demônios do dinheiro.

Os seios de uma mulher são loucos rubis do pecado; vias de lascívias do sofrimento. Não faça poesia sobre ideólogos do colarinho branco; rapinas de bicos aduncos. Ladrões da lida pública.

Fala, sim, em teus poemas, da prostituta e do alcóolatra, que são mais puros que beijo de ursa na neve; do minguante ofício dos sapateiros cuja beleza das mãos é decadente; da donzela se despenteando para os sussurros da carne; (do faisão, coitado, que nunca passou de uma galinha fantasiada de príncipe).

O bródio dos pássaros, o pânico. Isto é o melhor de nós: a face temporal das coisas.

Somos coisas, somos pés, somos línguas.

Abrimos e fechamos o segredo do ventre.

Do barro fez-se o osso da mulher: redolente.

O bem e o mal se casam no poema.

Faça poesia como quem come e enche-a de encômios.

E peça, por favor, aos catitinhos da mata que abram alas para o planeta da Poesia chegar.

Peça também que acione as trombetas. Palmas. Faça penitência, cabriolas de anjo bêbado.

O verme, amigo, vai difundir toda a beleza do Universo.

Espere: a luz vai explodir.

POR CAUSA DO SOL

I

O sol então pendurou seus raios na face esquerda do meu sono.

Lento, lentíssimo, deu dois espirros e me acordou na cabeceira dos horizontes.

À frente,
 aves silvestres
rasgavam o silêncio garço
 das auras.
Houve voar de plumas
 e de gritos.
(E o vácuo também voou
 na solidão
da capinzada seca).

II

Eu não dou conta de amarrar o vento. Tampouco tenho forças para implodir as muralhas deste lamento: estou só como um pântano.

A voz dos meus arrulhos eu a inscrevo na pedra, enquanto não vem, na noite, ferir-me este tropel de espadas. O fósforo na parede é um relâmpago de ponta.

Eu sou atroz, amada, e reparto minha alma (ciência do amor) com o pão desta lida.

Os homens foram feitos para os abraços da terra. Apanhadores de pérolas, os homens e seus danos.

III

Eu nasci para nadar com as estrelas.
Os peixes tiritam na gesta
dos teus olhos.
E os pássaros carregam tesouras
contra o vento.

Eu sou baldio, amada, truão de patas.

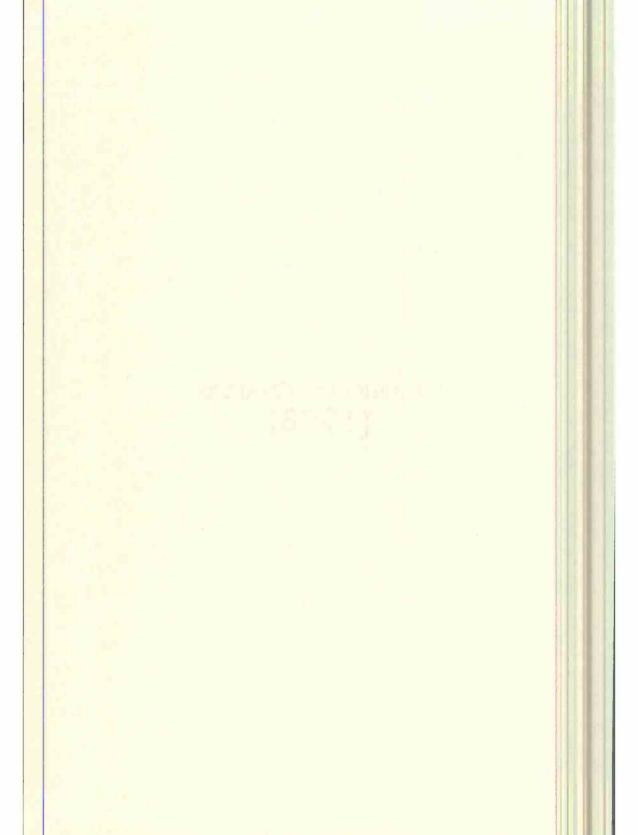
A poesia é meu balé de palavras.

Alguém soterrou o engenho das abelhas. E brigaram então os punhais da vingança.

IV

Eu vi trovões bombardearem janelas. Lenços empapados de adeuses. E de novo
este dobre
lúgubre
de homens sumindo
em teus trajes
de pó.

Oh cinzas de agon, apagai o pranto dessas vestes, e levai embora a elegia dessas tardes. O ANJO EM CHAMAS (1998)



Prólogo

I

Ah! Remonter à la vie!* Sim. Eu também volto às frases. Sim, molhado de vida, eu chego às frases. Tomo chávenas de frases. Almoço frases. Janto frases. Durmo frases. Amanheço frases. Que fábrica de arcanjos, o relógio, o sol e os vivos...

Plus de mots! Sim, plus! Tu, meu irmão, estrangulador de alegrias. Bêbado sol a espojar na lama. Andorinha tonta, selvagem, de sonhos tórridos em terras quentes d'África.

Anjo de olhos azuis, gauleses.
Sapo ocioso, de círios fúnebres.
Gula de Deus. Tu, ó meu
domesticado demônio,
que fecundas
a poesia
no pulmão das areias.
Tu, menino
de joelho sinovítico,
atacado de varizes.

(*) Ah! voltar à tona da vida!

Tu,
asno lúgubre,
mijão de tinta.
Do absinto ao beijo,
talagadas te queimam
as entranhas!
Vislumbre. Êxtase.
Danação e sede,
réprobo, vate
e amante das
verdades sem perfumes.

Plus!
"O diabo é o sineiro",
o inferno do câncer
no joelho.

II

Detestar o chão, não: é vão. Nele está o veio, dele vem o pão.

Dois dedos de razão, tu o dizes. E pronto: o verme será louvado. Ó tu, novamente, nas aras de Salomão, não mitigas sua febre de "tortura sutil, inepta". Não. O lenho não é burguês.

A luz não é burguesa. Acautela-te, ó anjo de Charleville! A cólera e o vômito, obras do espírito não são.
(Nem o ouro dessa cinta de cintura, também não) — e o mar que devotas não devora máculas.

À merda, brado eu, com seus instintos deletérios!

Coração cheio de cadáveres – foges! E sonhas, ó vate, com o leito dos arômatas!

Ó príncipe dos abismos, Par I'esprit on va à Dieu!*

QUE fado malfadado é esse de anjo malsinado? De alma fora do corpo, assim rasgado?

Donde vem a dor aguda desse anjo em chamas? Greta de gruta. Oco de caverna. Açor de taberna.

(*) Pelo espírito se chega a Deus.

Pombo. Cisne entre sarçais de espinhos. Rã espavorida em poço de breu.

Poesia – seu
trágico rocim
de ternura e
fogo.
Andarilho – vagou.
Andejo – pervagou.
Sob longas manhãs
de dias tórridos.
A pé (e de trem)
sob os flagícios
de sóis alucinógenos.
O dorso torrado,
o deserto – o flanco.

A barca da vida, (a sua) ébria em seco – sonâmbula.

De sol a sol, a barca a carga

embarca, dos ombros à cintura, do anjo trêmulo, errático,

vidente, de jogos em tascas, tasco de jogos, endiabrados. Ganhas tudo
e não levas
dessa sina
que alucina,
nada.
Ó quantos opróbios
nesse espírito de
lume!

França e Prússia: guerra. Fragor de sangue pelas calles de Paris. E tu, Arthur, foges e és detido en la prisión de Mazas.

ANJO trôpego de anzas assomado ao ópio liberto do brado das formas / disformes do arco-criador criaste o futuro do homo devasso / barco opiado pelo bardo do verde absinto, dois num só: delinquentes de mão perfurada, à faca e a tiros. Olhos nitentes de serpes / no leito de flamas fios de corte do caos.

A eternidade, entre os bêbados, é sem começo. Fugitivo / louro de fugas lacerantes antes: setas de enxofres no covil dos chacais de Paris. Ó quanto estupor aspirado, ópio de pombo embriagado. Arthur - o bardo fenômeno vital. de anos mórbidos na cratera do Aden (inferno da terra) assado como se num fosso de forno e cal na pele delgada do anjo, fujão / demente de Charleville.

E chegado no Aden (bacia do inferno) de inóspita paisagem de lavas e sem ar: costas do Somall, areias mortas do mar.

A eternidade é nunca, ventre escuro de ilusões antes e depois do verbo, poesia, taça de líquido verde, tenebroso,

na baforada do seu cachimbo, esnobe efebo dos discursos à base de facas, da raiva e do mijo anarquista. / Água que levita. Solidão e sexo de esdrúxulas frustrações. Alvo de porradas do mundo "de freios na boca e esporas nos flancos". Etilizado. O tiro, sim: o tiro, no centro da mão. Poça de sangue. Dor de púrpura. Cadeia e Verlaine.

Arthur Rimbaud – garoto de largos suspiros do Érebo.
Anjo satânico.
Anjo bêbado, perdeste o nexo no sexo / de tórrido desejo.
Língua cortante de ébrio, menino nu de hálito férvido de gozar sobre a nuca de Paul: nádegas de Verlaine.

Fera louca sem abrigo de paz: escândalo!

A gemer, de bafo trôpego, múrmuro de sono. Homem-moço "de maus fados". Destampe logo esse licor de demo esverdeado, de cáustico letal que entorpece, tudo, até o osso cubital. Pode vir, vento de Quásar, esfolar a testa na brasa extensa dos areais d'Africa. Tu, moço-flor, exposto à dor, de tapas na cara, beijos (e pênis) no ânus do passivo ativo vate Verlaine, a música parada no verso. Tu, chama terrível, cuspidor de escárnios, vidente e sagrado degolador de formas, SIM! Ó incenso de fétidos altares-alturas de

cimos da poesia,

rastros do louvado sol e duende de rosto polpa de figo. Vítreo azul de fogo / nos olhos.

Entrada e saída de voragem: empíreo, riso de gáudio, satã que flutua, escuma de fumo, umbigo de anjo inclinado entre uvas. Alazão cinza-prata: patas de prego, correias do vento, alma de ébano. Escafandrista do mau, alvo do caos, ocultado no futuro dos acasos jacentes dos vácuos.

Tu, chama terrível, buco do inferno, chaga de colosso, expurgo e mergulho em névoas do novo fresco, que cintila – áspero – além das paredes do sono, dos homens. Tu, regente do caos, de cabelos espraiados ao espesso ar / das trevas. Brilho de breu, brilha! Revira, ó camada de luz pantanosa! Noiva de Deus não és, ó cão efeminado!

Esperneia, chuta os colchões de Verlaine! Alma de perla, perláceo. Tudo no mundo eclode / explode sob as pálpebras do grito, brado louco da morte, guzo de Júpiter, peito argênteo, de plumas, sopro de dríade, de afável canto de paixões em eclipse.

Frio, frio de lâminas em cortes de lama: limo negro de Lúcifer devorando o tórax

na cama.

Jaça infernal

não tragável pelos
cânones de cúpula da Poesia,
de Paris e de alhures,

séculos de vidro do porvir.

Tu, procela de delírios, ímpio de todos os jorros e cão de alabastro na santidade de todos os hábitos sacros e/ou não perdulários.

Evocaste o demônio na solidão de um redil, sob o odor dos cascos / do vacum.
Esperma do inferno, sexo de dois gumes.
Arrombaste o peito com a fúria de um só grito.
E choraste a miséria metafísica de todos os poetas.

O mundo foi-te, ol – vasto hotel de abismos, antro de pauladas e forno de obscuras sinas.

Tasca de tasco.
Cuspe louco, expelido na efígie de todas as morais.
A alma (a sua) é verde fumo na fímbria do corpo.
Motim de letras, e ator das areias, abrasado de sonhos.

A carne apodrece ao soar das horas. Toda boca, infalivelmente toda, entorna o seu último copo. E o pranto se sufoca, atônito, ao desmaio das pálpebras. (Sua poesia, lebre atraída ao sinistro dos punhais. Rasgos de relâmpagos nas esferas da escuridão. Banana enxertada de pólvora, metal explosivo, do ódio e da lira, ilha maldita, de Circe, de inescrupulosas ciladas).

De navio até Londres, o mar revolto, cor de vinho. Orgias. A pátria de Shakespeare deu-te abrigo, cova de alcova, aos fragores da lascívia. Com Verlaine, na carne.

Entranhas, ó! de gozo rijo do pênis no rego úmido das nádegas; de licoroso esperma ó, tu gozaste!

Chama de centelhas, aluvião de berros do som estrondado pela crista das marés, ondas do frio, besta de língua a limar a relva.

Óleo de estrela a nadar entre feras. Príncipe dos ermos e dos galos / de Charleville, do elmo aveludado; emboscada obsconsa de extremos enredos,
Chanchã, ave dos
infernos, canto
espraiado
pela frincha dos
séculos.
Limpa, com vontade
e ira, e urge, ó vate,
o esperma, atirado à
flor desse ânus:
Verlaine é sem pudor;
caráter de estupor.

De que sábias galerias
do saber,
colheste o
sêmen dos incêndios.
Anjo glorioso estrangulaste a beleza no...
Esfaqueaste Verlaine,
por ansas do amor
na mão, ó unha de cão!
em chamas.
Tu jazes em que gramas,
pó de ouro, ó tumulo
de França!

Droga! A vida que de ti escorreu, desprendida entre seixos e sonhos: estrias do sono, o caminho a caminho.
Peixe rubro, dançarino, a luzir entre as escamas da noite, com a morte instalada no joelho, abrindo um fosso

para um mergulho aos abraços da treva.

"Ribombas as palavras: conchas criam conchas", E tu estavas ali. esplêndido e nu, a vigiar o sol: porco! O cristal de sua voz atroou, também, pelas latrinas. Estrela molhada dos penhascos: ginete. A tocar sua lira, gemeste na mente dos burgueses. Sinos de Paris - sina: plumas que plangem. Boca de voragem, o mar, que enlameia seus dedos de querubim.

Banido nas areias. Bacia de enchentes o mar, despalavrado na tumba de seus edifícios de sal. Usura demais, choraste. Pomo de ventre rural, campônio de pai beberrão, puto de uma figa! Sátira de ateu, cagaste. Vida sem leme à deriva. Mais duro que os cantos de Signor Pound, és tu, homem-moço "de maus fados". De golfado poema num redil.

Diabo entre lumes, diabo!

A mão do homem para cima. A mão de Deus para baixo.

O dedo de um é música? O do outro é sol?

Aliado do Éden, és luz e desastre!

Cinzas: fonte de trevas – o poeta e seu gigantesco semáfaro a singrar nevoeiros. Fogo – frio, sem luz, calor de gelo?

Ó príncipe das Ardenas, negrejado pelos lumes d'África. Camelo das dunas, girafa insolente a vender resinas, plumas de avestruz, e mosquetes – o que fizeste do seu arpéu encalhado em que crisálida?

A lucidez, Ah, a lucidez... o terror dos olhos (seus) "azuis de pervinca".
Terror, terror, cilício nas carnes, cobertas de angústia.

D'aurora toda a luz é branca. (Esplendor não é miragem, dentes de duendes).

Seu coração ruflou, alucinado! Ó regente de orquestra demente!

A luz é marinha. Pobre lebre, Deus também chora.

Vem, ó estrepitoso barqueiro do caos, e rasga o deserto de sol a sol pelos montes de Harar até ao porto do Zellá.

Vem doer essa dor de câncer no joelho. Ovo de trevas? Não. Lua de camurça. Barco bêbado, esteróide. Nau de naúfrago, Escapista, fujão. De luz-poema gerado pelas entranhas do Érebo.

Invocante,
Invocado
épico do
mal,
de sonho
castrado
pelo avesso,
opresso,
sem preço?

Canto largo, sulfúrico, de porradas em cima do quimérico.
Tu mesmo, ó detonador de vermes.
Esplendor não é fantasma — ó homem de nova índole!
Ó homem de nova Arte!

Torre arfante de harpas. Bulcão de nova era. Perdulário e núbilo. A pé e de pé. De flores lépidas, não. Sim, ó pálido idólatra dos estragos do ego, bulhão que sangra, arpéu, gravame e sonhos.

De febre tifóide:

"Sim, o fim do mundo...
Avançar, avançar sempre!"
Rumo aos pórticos
do ignoto:
cratera invisível
das mansões do acaso,
lugar de endereço
nenhum,
algures do
nada.

EIS aqui, Arthur, o seu fadário nesse fado de calvário.
Tu mesmo mapeaste a vida do martírio: explorador e traficante. O mar não lavara suas máculas.
Dez anos de Abissinia, ó trambiqueiro de peles, de escravos e de fuzis, em dorso de camelos pelos desertos do Sudão, Arábia e Etiópia.

Desde quando oito quilos de ouro atados à cintura fizeram-te senhor do Olimpo? Desde quando? Ó vaga-fundo verde do absinto? Lume já de outono: "Ó que lástima!" A verdade tão intrêmula no dulçor de sua alma "de suspiros pestilentos", gemer de fogo: a miséria espuída pelo sangue esturricado no rosto: "Ó que lástima!"

Tu, utente do caos, grande vidente de sonhos diarréicos. Ganas por dinheiro, ditames do ego, disenterias sob o sol d'África. Anjo doce, ó dândi de Charleville, de faces coradas, de rosto infantil; semideus de meias de lã, azuis, de cuidados maternais tricotados. (A gravata retorcida, negligente, mãos e pés enormes).

Meu Deus, tu fizeste da desgraça um deus! Cruel e ocioso na mira dos verdugos. Não. Ó dores do silêncio. 98 chagas comeram o seu joelho, amputaram-te a perna. Escrevias, ó menino velho de tumor no joelho, chorando, à luz de velas. A ver carruagens voando pelo céu. Delírios do mar lavando suas máculas.

"Morte às quimeras!" – gritavas, do caroço do grito,

gritavas.
Tão embebido
de fidelidade à
infidelidade.
Luxo e poeira,
borbulho só

de pó. Só.

Com a procela de um só poema demoliste a Europa & outros filões da néscia burguesia.

Laceradamente, cão diáfano dos noblies ambitiones! Odisséia do demônio, aleijado, iconoclasta, rebelde – ó lenho!
Ó cruz que fere, de sangue utópico a rir e mijar: cifra não decifra.
Índole de fera, fel.
Ave de claridade, piche.

Sirvas-te, pois, desse caldo podre. Pagão? Politeísta? Múltiplo dos deuses? Não.

(O antigo nos espera de olhos prístinos. Lá estão as sementes do novo, a chave de Sísifo).

Sodomizar o mundo é imolar o sexo? Ó anjo braçal de picareta no Chipre! Gotas de sal a escorrer pelos lábios, lascando pedras, lida bruta para um cisne de treva!

Vai, caminheiro louco dos desertos, e enchas o seu crânio de "torturas inefáveis". Bílis de sol nos lábios. Zumbido tétrico de tavões, entre escárnios, carniça de flor, que flores?

Decapitado foi o seu ícone de Charleville pelos gorilas da barbárie alemã.

Endemoniaste, ó mal feitor de lides quiméricas, deste um coice na Poesia, estrangulaste a Beleza; bebendo "licores fortes como chumbo derretido". Enterraste no ventre os seus mortos retorcidos de sede, entre venenos e "perfumes enganosos".

Eram-te tresvarios de que gana? Ódio vil, descabelar de sonhos, siso azedo de Rimbaud, era? de quem? Sua vida, abstrusa, foi a ópera dos porcos? Delinqüente e
perdulário,
usuário do haxixe,
beijo e coice
em ti mesmo.
Vômito de luzes,
centauro e polifemo,
exortas, exultas
a palavra; e cospe-a
no desdém de que
olvido?

Poeta e poliglota, andarilho da Europa: de porto a porto, a pé; de navio e navio, com fé, com ré? Montanhas de tédio n'alma. Perdão a quem? Não. A mãe tirana? Aos milicos de Paris?

O sol espatifado
sobre os combros do
Saara?
A musa, sim, de negra cútis,
massacrada pela queda
do último sonho
de delírios
entre dunas?

Do que valeu, ó grande inválido, seu sórdido acúmulo de bens?
Miserável ajuntador de súplicas, acima do lodo e das brumas.

Sua voz singrou muralhas, séculos de areias. E então a morte, sim: a morte banhou-te de perfeição.

A graça das tonturas em Paris, frustrada, despedaçada, salve!
Pelos bêbados da noite – chorai!
Chorai tanto e demais nesse sangue de moscas, inoculado no vírus do pecado.

Fanfarrão, rapagão, cantai, em versos e pedras, "a derrocada dos tiranos". Oh, salvar os astros com lavas de utopia! Laceração, flor e fé: alma de anjo, sujo, a pé.

Solta as amarras,
príncipe dos
infernos!
O mundo ruge sob os
guindastes do
novo.
Ruge, leão insone,
(floresta de símbolos),
debaixo das amargantes
chibatadas

do seu errático destino de error, error, desde as carnes laceradas te parindo.

Juntaste aos nativos da tórrido Abissínia, ó fugas de auto-exílio!

Que harari,
menino,
foi Djami?
Oásis de plácido
afeto, não. Ó Lúcifer
do céu,
por que perdeste
a chave da inocência,
a fímbria do Éden?
Opróbio – anjo
pobre,
sujo
de estrelas arruinadas
no dorso.

Nem pombo nem abutre, pomo do ar, útero do sol. Verbo da imolação, alado, asado — ébrio do éter.

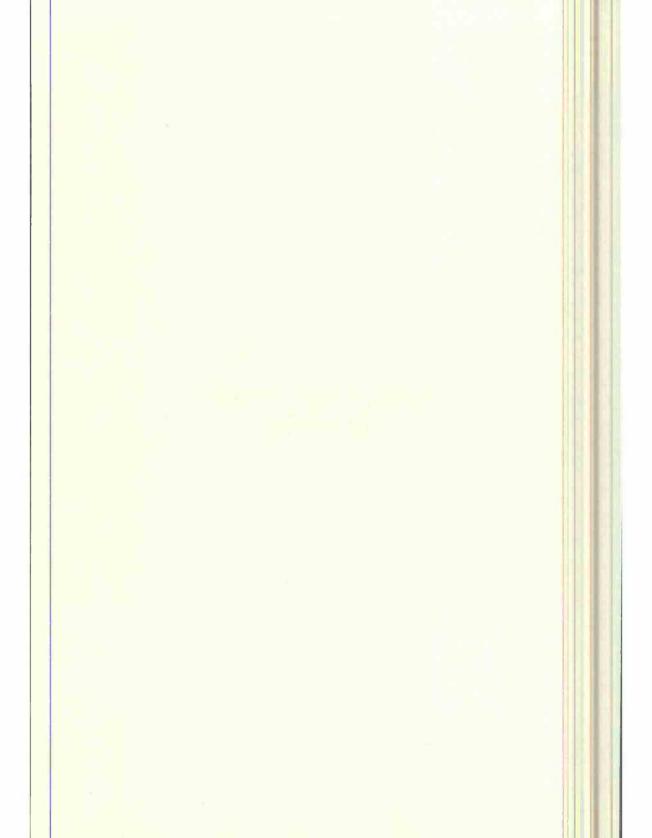
Monstros? Que monstros ocultados nesses grãos de areias? Bocejantes e púnicos?

O sol e o mar eclipsados em seu joelho.

Ó luz que se extinguiu redentora!

A eternidade perdeu suas escumas no mar.

A TAÇA DERRAMADA (1999)



Cânticos em safras de amor (primeiro)

Ĭ

Se falares de pão, cuidado! — A fome abate teu irmão.

Se falares do morto, (pondera a voz) e reverencia-o em seu leito subtérreo, sem, contudo, maltratares a dureza das flores.

E se falares do amor, evoca o vinho de Baco. A humanidade está bêbada.

II

Sulamita, minha bela camponesa, de dedos délficos; ritual de tálamo, coroa esta noiva de tez morena, por obra do sol nas lides de sua sina.

Eu sou o teu poeta, amor! Venho dos areais do Ocidente, com 60 espadeiros escoltando as polpas de romãs do teu seio.

Mulher perdida, não! Adornada de brincos, sim!

Ela:

"Sou o narciso de Saron, o lírio dos vales" – idílio.

Eu:

"Que fruta me sulca os lábios? Torta de uva? Amor que me segue com rastos de mirra?"

Impõe-se então o silêncio do verde madurando as vinhas.

Amor, com olhos de pomba, eu sou o teu poeta. E da terra a juventude se fez primavera e canta nos arrulhos da rolinha.

Dá-me o bote, ó rubra maçã entre coxas! Banquete para o fogo de nossas núpcias.

III

Generosa pétala dos campos, envolve-me nas essências deste nardo! Amor inquisitivo, tortura-me no lábio.

Cânticos em safras de amor (segundo)

I

Véu de negras estrelas, acorda. O vinho era brando e os poetas demoliam lápides na noite.

Jaz comigo, lira de Orfeu. A poesia é o meu barco de metáforas.

II

Meu sumo de tristeza, vem. Minha gota de fome escura, vem. Noiva dos suicídios, vem.

III

Estou chegando das águas que se incendeiam nas ânforas.

Sou luz que se espatifa!

O SOL DOS ESCOMBROS

Aqui tem céu empoeirado de estrelas.

Chuvas paridas em ritmo de martelos.

Paz munificente, terra, juncos! Comer tristezas é dever dos mortos? Pintar o crepúsculo com agonias de Van Gogh?

Ouço batidas de fantasmas em minha porta. Dança de sargaços, maré? Música desfeita aos ventos?

Não. Água que desce, mitiga-me os olhos.

Monumentos erguerei ao talo desta luz, que me move nos eixos do universo.

E sob os meus pés – ó que estúrdio! Um exército de formigas detona o grito: não joguem bombas no orvalho!

As coisas

Tão indizíveis em suas estáticas presenças, só para perdê-las, as coisas temos?

O COFRE

Primeiro (à canivete), eu desenhava um coração na madeira.
Depois, levava-o à máquina para lavrar os seus contornos (semelhante às curvas de uma sereia retirada do mármore).

Lixava-o.

Hum, que bonito, passa verniz!

O PRATO DO DIA

I

Os homens escondem suas cabeças em cobertores de papelão: miséria.

E a bordo dos automóveis, os magnatas discutem a cotação do dólar, de celulares em punho, charutos e ar refrigerado.

Em alta: os meninos almoçam merla.

II

(No Brasil, os turistas adoram visitar a pobreza. Depois vão aos *shoppings* beber chopes com sanduíches de MacDonald).

III

Senhor ministro, a miséria pede audiência. É câncer sobre a mesa, coma.

(PS: Aqui fora tem uma placa, leia: "Faltam homens neste país").

O FILHO DOS GOYASES

I

Cartas me chegavam pedindo o fim da utopia.

Eu lia Aristófanes, bula de xaropes. E lambia o sexo da enfermeira.

Ébria órbita de sonhos, harpas do Paraguai, vilas de São Paulo... bacadas, boléias ainda reboam nostálgicas?

II

Cartas me chegavam pedindo o fim da utopia.

Eu tinha vinte anos e uma barba de garimpeiro. Vinte anos e um pedaço de Cristo no peito.

III

(Os homossexuais eram airosos em seus olhares de lince. Escumava ouro e chope em meu bigode).

Eu tinha vinte anos e uma paz horrível nos ossos.

Encontros de bonomias, à tarde. Eu tinha vinte anos e um verbo de Shakespeare no lábio.

Frascos de uísque na madrugada, chocalhos de crótalos, ai que medo!

Cartas me chegavam pedindo o fim da utopia.

O PAI DO CORVO

I

Coitado do Edgar Allan Poe, pulava o muro do cemitério para beijar a alma de sua mãe.

(Dali para o Hades almas se embarcavam: algumas funereamente denegridas pela falta de corbelhas, e outras, ainda impútridas, deixavam seus lenços de ternura flamulando pelos hálitos da terra).

E então, lacrimoso, o vate padecia de *delirium tremens*.

II

Fervor de ácido, tu, sem aflato de eóleo.

Efígie da queda, opus da treva, corvo, bombardeado pelo álcool.

Não mais arrancas sinfônicos arfares dos flébeis dedos de Virgínia.

A vida, meu caro Poe, lhe foi um só coice de sinistro.

O URSO DE BENGALA

(À memória de Jorge Luis Borges, o pai do Ultraismo na Argentina)

I

Sabes, Borges, aqui a tragédia tem um nome: é cabo de faca.

Em vias de voragem onde anda teu revólver?

O sol é luto em Genebra.

Estrepitoso foi o dia dos martelos edificando o labirinto.

Pescador de abismos, arpão, vamos falar dos parricidas e dos incestos, no trágico idioma dos gregos.
(Antes que a tumefação dos pés de Édipo apodreça nossa alma).

Urso de gravata, revoga o sol dos tigres. As chagas do inverno já fustigam nossa América.

Ardor de Buenos Aires, símbolo da confusa confusão de Dédalo. Ai, rei de Creta, ai, Minos, que saída fazes para os jardins desse enigma? Raposo dos subúrbios, fabulista dos espelhos, roedor de tomos, que luz te inspira prumo de bengala? Se o verso não anda sem as guelras da metáfora?

Luta dos convexos – onde há nexos?

Proust lhe dava tédio. Kafka o remédio?

II

Negar o tempo com palavras. Vencer a morte com palavras. Eis a lide, sem linde, vossa, do relógio?

Toma, esta é a lanterna de Teseu. Minotauro ilumina ângulos e meandros.

Todo fantasma é impoluto quando sobe à ditadura.

Cativo das trevas, vai-te embora, tango de orangotango!

A Lanterna de Judas

I

O Cristo que pretendo não usa gravata.

O Cristo que pretendo é um menino de rua espancado pela polícia.

O Cristo que pretendo se sangra como um bife na frigideira.

O Cristo que pretendo está em chamas.

II

Via-dor. Via-ator: via.

Ator e via: dor.

Do ventre da luz para o mundo. E do mundo para o Paráclito: "Vou e volto para vós".

Ator, pão e parábolas: o mais tenro de todos os fenômenos: rebelde. Via

via

via

devolvia luz aos portadores de treva.

Vida. Vida, devolveste a Lázaro?

Verbo que se fez carne e caminhou sobre o mar.

Ш

Ele é a vinha, de abundantes frutos. E nós, os ramos grudados podados (?) da videira.

"Na casa do Pai há muitas moradas". Então, entre. As palavras, se decifradas, são grãos de luz que se espargem.

Foz, esta é a voz

I

Poesia, vem brincar comigo neste chão de gravetos. Já fui desordem no sereno.

Poesia, tambor de pólvora, explode... bem no peito da humanidade.

É o que queres, amigo, encher de orvalho o vosso odre?

Então chora, zangarreio, sob as estilhas deste ocaso.

O sol se entreva nos eucaliptos.

II

O outeiro está verde. Ná há Virgílio nem Camões nos pedregulhos desta lavra.

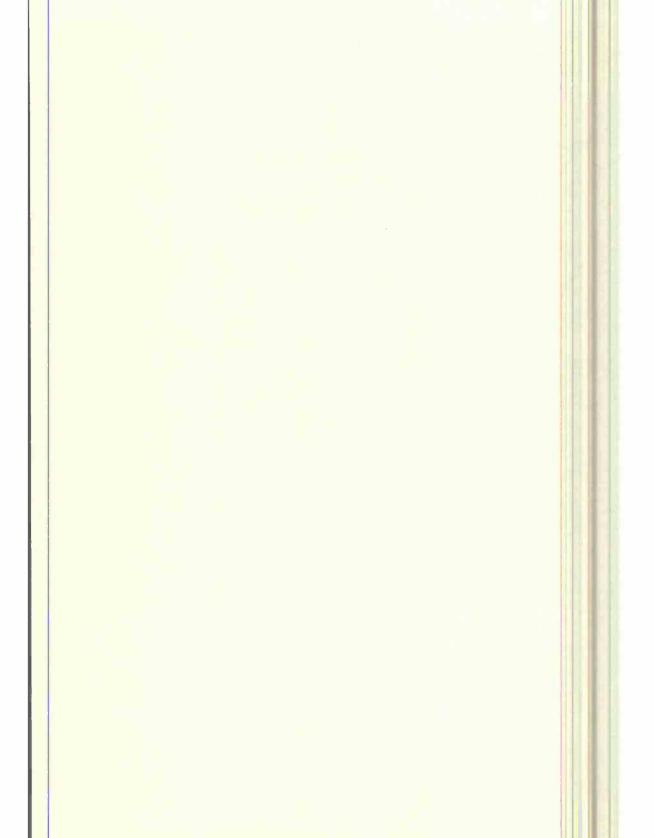
Só trapos da infância sob as folhas do ingazeiro.

E um arado, sozinho, no prado, espreme a sina no seu pranto.

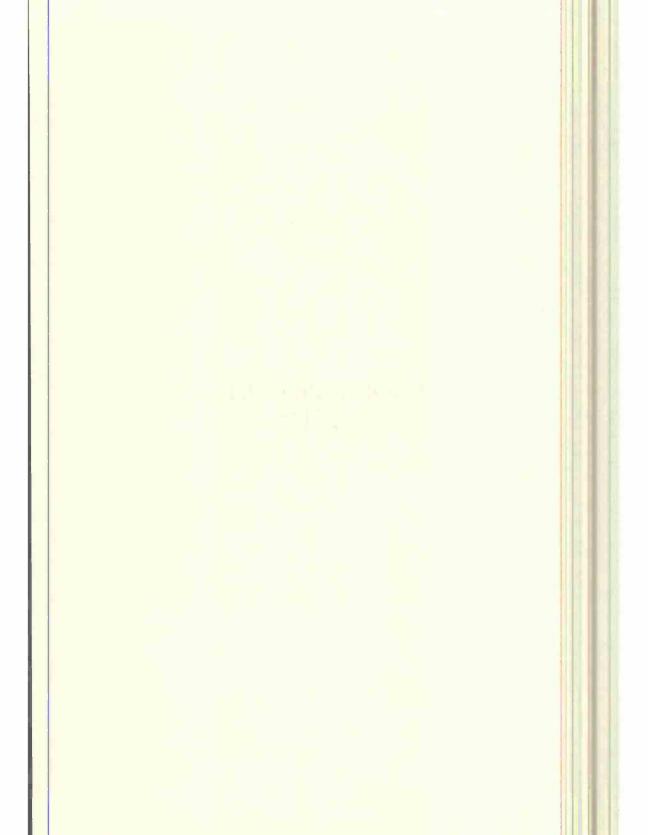
Onde outro éden se esconde?

E da árvore dos homens outro sol se ergue?

Terra, por que me soterras?



A TORRE DE BABEL (2000)



Proêmio

I

Adentrai o pórtico deste orbe, ó chusma de mortais! E acendei toda a esperança.

Para trás ficarão nossas almas acordando búzios na goela das manhãs. O passado é um negror que ofusca, lugar de umbras: oblívio.

A vida cai,

gota a

gota,

neste monótono ritual de letícias e prantos.

Assim somos nós, cacos de faianças:

tanto lume,

neste chão de tudo em vão.

Todo Sim é menor que Não.

II

Uma descarga de poesia desceu pelas palavras.

Estrelas dormiram em meus sapatos.

Onírico, lírico, ronquei nos prados do idílio:

- não sou celeste,
- sou terrestre.

Fruto armado (e não gerado): insigne porto de delírios –

a luz me hospeda.

PÉRIPLOS DA PALAVRA I

A palavra é meu cabo de enxada, minha xícara de café – meu garfo.

A palavra é minha liça, lufa operária: sino de navios que arrebata sereias nos arrecifes.

A palavra é meu leito, cítara de Davi. (Espada de Dido: sinistro do amor em chamas).

Massa de pão que levo à boca e me conflagro em verbos,

raiz que excita os lumes d'alma,

andorinha que foge: branca nuvem em meus cabelos.

A palavra é meu gatilho: dispara poesia.

Rocim das trevas, ressuscitai-me no rosto dos mortos.

Um sorvete com Deus

À tona, me desconverso. O pêndulo da vida é meu verso.

O dia é uma tremenda confusão.

E Deus é um cara extremamente legal.

No ferro velho, chamei-o para um sorvete.

E Ele me disse: "Tudo bem! Aos fantasmas, a minha bengala. Estou cansado de abrir portas para defuntos. A humanidade foi o meu equívoco, eu devia estar enfermo, fora do meu siso..."

E saímos pelo bulevar, jogando bolinhas de gude com as crianças – anjos sujos da rua.

Lá em cima estava a casa d'Ele, enorme como a mão das águas. E cá embaixo, a casa dos homens, tão encardida e cheia de bulhas.

– É, – retorquiu-me Ele – errei de novo o endereço.
 O paraíso não era este.

Edital à praça

Declaro a quem interessar possa que vivo maritalmente com as palavras. E que a poesia me faz refém do seu engenhoso afã de quimeras.

Sou Quixote, queimando a sola no asfalto!

Poesia, causa e efeito dos meus distúrbios com a vida. Luta que não decifro: cifro.

Dê-me a chave e eu me abro nos carmes deste canto: meu endereço de ida e volta às volúpias da luz.

Verdadeiramente o vinho é falso. Habacuc que o diga. Então, a quem interessar possa: sou poeta e me embriago da lucidez desta loucura.

É este o meu mandado de soltura!

Os fardos do fado

Reconheci o meu demônio, a poesia. John Keats

Eu faço poesia como quem copula com as palavras.

Eu faço poesia como quem come com a mão.

Eu faço poesia como quem conserta relógio.

Eu faço poesia como quem sobe ao patíbulo.

Eu faço poesia como quem dispara um jato de amor.

Eu faço poesia como quem suja a tristeza.

Eu faço poesia como quem engravida um cardume de estrelas.

Eu faço poesia como quem beija o corte de uma enxada.

Eu faço poesia como quem anda de coletivo na madrugada.

Eu faço poesia como quem lê jornal (sabendo que nada é mais antigo que a notícia do dia).

Eu faço poesia como quem se inebria com o luar das debutantes. Eu faço poesia como quem perdoa a indolência do céu.

Eu faço poesia como quem acorda sinos num domingo presidiário.

Eu faço poesia como quem faz amor entre as vagas do oceano.

Eu faço poesia como quem se masturba detrás de um convento.

Eu faço poesia como quem evita um balaço no crânio.

Eu faço poesia como quem navega no romantismo das gôndolas.

Eu faço poesia como quem risca um fósforo na escuridão.

Eu faço poesia como quem levita

num festival de sonhos.

Eu faço poesia como quem se veste de querubim na areia.

Eu faço poesia como quem amassa pão (sabendo a fome: abismo nosso de todo dia).

Eu faço poesia como quem aplaude um punhado de pássaros (bicando o sol no charco).

Eu faço poesia como quem se liberta das fráguas do amor.

Eu faço poesia como quem lixa as faces de um remo.

Eu faço poesia como quem consulta os oráculos de Delfos.

Eu faço poesia como quem mede o caos no coração das flores.

Eu faço poesia como quem morde os jardins de uma vulva.

Eu faço poesia como quem atravessa uma rua, com uma quimera cravada no peito.

(Viver a utopia é preciso).

Eu faço poesia como quem exuma o clarão dos mortos.

Eu faço poesia como um menino que busca pão fiado no armazém.

Eu faço poesia como quem se afoga numa avalancha de lágrimas.

Eu faço poesia como quem esmerila o gume das tesouras.

Eu faço poesia como quem estende roupas no varal (e aspira à candidez dos astros).

Eu faço poesia como quem captura fantasmas nos espelhos de uma lembrança.

Epílogo

Poesia, iluminadamente meu ofício, eu canto porque tudo não existe.

Os objetos

Já faz segunda-feira na alfaia dos lençóis: é manhã nos objetos.

Levo ao fogo a rabinha c/ leite; descasco laranja e me incumbo de te amar: ó vida!

O pão é do povo. O trigo é do homem. A flor é do campo.

Dou bom-dia aos relógios e ao crucifixo na parede

e avanço pelos prélios da vida com as armas da minha lida.

O RELÓGIO

O meu relógio anda rugoso, de cara feia com a vida.

(Nem Sísifo agüenta o fardo-cão dos teus ponteiros).

As batidas desta máquina me derrubam em atonia. Tic-tac, tic-tac, quem sabe um dia a eternidade morrerá dessa agonia:

ferros que pulsam na treva e no dia.

Oblações ao texto

I

Chão de páginas, rio de linhas que viajo folha a folha.

Fardo móvel
(que folheio)
correndo
linha a linha,
pela imagem
que me carrega
no dorso do texto,
como se lá na frente
outro fio de linha
me puxasse, atônito,
para o novelo de
outras linhas.

A rede, o enredo: que verdade sou eu entre o ser e o sonho?

A linha (que me alinha) é de fibra, é de cal?
Onde o começo?
Onde o fixo?
Onde o fim,
o sufixo
dessa farândola
de mortais no
fio do texto?

II

A poesia é a mãe da alma. Eu sigo o labirinto.

A carne está madura. A luz é que não dura.

E eu te exoro, ó texto, casa minha do espírito! Amor que amo no céu de letras – que me ilumina.

Luz que dança e me vela: é sol e me anela.

Deus está no goivo: é terso, uníssono.

Oração ao medo

Tive medo. Tive medo do terremoto em minha xícara. Da bomba de hidrogênio escondida no café. Tive medo da cueca e da navalha, e das fivelas do maníaco. Medo das pândegas pelos bosques nas tardes de domingos. Medo da ambulância estacionada em minha porta, do quepe da polícia. (Do coveiro, não: do psiquiatra, sim: o mundo está esquizo).

Medo
das caveiras sacudindo
suas tranças no redil
das almas mutiladas,
de assombrações no
trinco das igrejas,
medo-medo-medo-medo
da toalha pingando sangue,
– ai açougueiros de cisnes! –
a Aids está no ósculo,
está nos ossos?

Lantejoulas militares, tenho medo. Tive, tenho. Da aurora espatifada como um morto nos latões do IML. O mundo está esquizo. Eu estou esquizo. Com medo da febre de Lord Byron arrasar o meu fígado. Da musa de Lesbos, do incesto de Édipo. Medo: cortina de pânico em minha boca. O espírito do universo há de brilhar nas panes desta cisma:

MEDO!

Medo da velhice (que se abre) em leques de doenças, dos lampejos da dor nas artérias do peito, do sexo que amolece, dos laivos da morte:

MEDO!

POEMA PESSOAL

Esses cabelos

gizados de neve, já provam que vivi aguaceiros de grandes invernos (quando então os galos engoliam sinos para gritá-los nas trevas).

Minha mãe, de dupla viuvez no peito, fervia água na caçarola:

– Toma, é chá de erva cidreira!

Era o tempo da serragem espalhada pelo terreiro; tempo de anuros debaixo das toras de angico, babando friagens.

Cachoeiras de ar corriam, álacres, pela ala de arbustos.

Aroma de canela, – que vontade!

Minha vó cosia pactos de Penélope.

Natureza

I

Lá fora, o vento se apressa em esparramar o azul no céu de maio.

II

Astros e pássaros no pico dos velames:

é a barca da poesia, velejando.

PAPEL HIGIÊNICO

Um dia farei um poema
pedindo a Deus que me dê
uma tonelada de palhas de aço,
um tonel de água sanitária
e trinta mil fardos de papel
higiênico,
para uma faxina na
consciência dos homens.

Um dia, sim: eu farei o poema, antes que o mundo cuspa-me na cara.

DESEMBRULHANDO AS EMOÇÕES DE FERNANDO PESSOA

Procuro dizer o que sinto sem pensar em que sinto. Fernando Pessoa

I

Bendito Fernando Pessoa, eu me encharco da robusta metafísica dos seus versos. Vate místico, de estúpidas cabeças: sua alma é um motim de muitas almas.

Bendito FP,
bolha de riacho
chorando na correnteza;
emoção desembrulhada para o
empório dos séculos;
dialeticamente
sozinho (na multidão
dos seus eus).

Pelo sibilo das montanhas a guardar rebanhos.

Filosofa, bardo, amputando seus sentidos.

O universo está inane na equidade dos vazios.

E Deus não escarra pelo chão. Deus é o chão. A ninfa da tarde já se foi. E tu brincas de polir palavras. Viver te encalha, urso de barro!

Andavas mocho, taciturno, pão de carne.

Para ler-te, estrangulei o coração das horas (lume que não dorme) - tu, alado - rio sujo de poesia.

Pelos arquejos do gozo

Carpe diem! Carpe diem!

Primavera, tu que chegas adoçando a terra. Tu, dos eflúvios de Vênus, à engorda das flores.

Carpe diem! Carpe diem!

Toda mulher é altar para o amor.

Luz cansada, ajoelhemos! A fonte já se queixa.

Carpe diem! Carpe diem!

No ensolarado shopping da tarde, eu ergo um púcaro de sorvete a Horácio, o patrono dos festins.

Carpe diem! Carpe diem!

E no desfile das matronas, eu amo a prostituta (na mulher que se deita por dinheiro, e nua, toda bandida, rasga o pudor, e é fêmea, escandalosamente puta). Carpe diem! Carpe diem!

O vinho é a chave. E Horácio, o deus das uvas.

Bardo dos Epodos, língua do lirismo: anjos e demônios sairão pela saliva!

Carpe diem! Carpe diem!

Lobo de Gúbio, eu te amo, acarinhado por São Francisco.

Carpe diem, parco banho de Nereidas! Carpe diem, aljavas sem veneno! Carpe diem, avenas pastorais! Gozo tudo e não me gozo!

A serpente no santuário de Anquises

Serpeias, serpe, de viscoso couro!

Vens da cripta de Anquises, arrastando seu escamado corpo, entre dosséis de altares e túmulos.

De apetente fome, não atacas – comes.

Sete curvas, sete voltas, sete anéis a exibir tão nitente corpo?

Bicho-réptil, cobra-mito – és a alma de Anquises, manes do Aqueronte?

Dos salvíficos de Sofonias

I

Ouço o libelo de Sofonias, urros de leões ao meio-dia.

Homens do regicídio. Funeral de cavalos. O mar flexua...

Ouço o libelo de Sofonias e o gemer das hastes.

Alcatéias da tarde, a ira não morre.

II

Rios da Etiópia, aceitai o gesto das oferendas!

Rolai, meninos, pela frincha dos abismos!

Ágrafos leões, Hababuc, orai:
Deus vem de Tema.
Trombas d'água, evitai
as tendas de Cusã!

III

Ouço o libelo de Sofonias e uma vitrola de creche jubilando-se na tarde álacre.

Esguicho de homens no curral dos coletivos. Tufos de fumaças, empurrões: – grita, tropel de passantes!

Um cachorro fareja maconha.

IV

Ouço Gaza, Asacalon, Azoto e Acaron. O crepúsculo se deita com o sono dos peixes.

CANTO III – ATÉ O ESTIGE

I

Sendo arrastado eu, do fusco declínio, à tarde, fui levado às águas do estígio lago,

assim guiado pela mão do bardo, a ver no topo do alto espaço, chamas do atro inferno

& almas do penado Averno.

Eu, que do claro luzeiro à órbita dos olhos fui em frente.

e vi, tremente, que o demônio a vida dos incautos enfrente; e a mente minha tomada por Tirésias e Fíneo – videntes do infortúnio, quais o lume de Milton,

o bardo augusto, apagado, nos olhos, a treva por todo cimo

dos círios,

perdida.

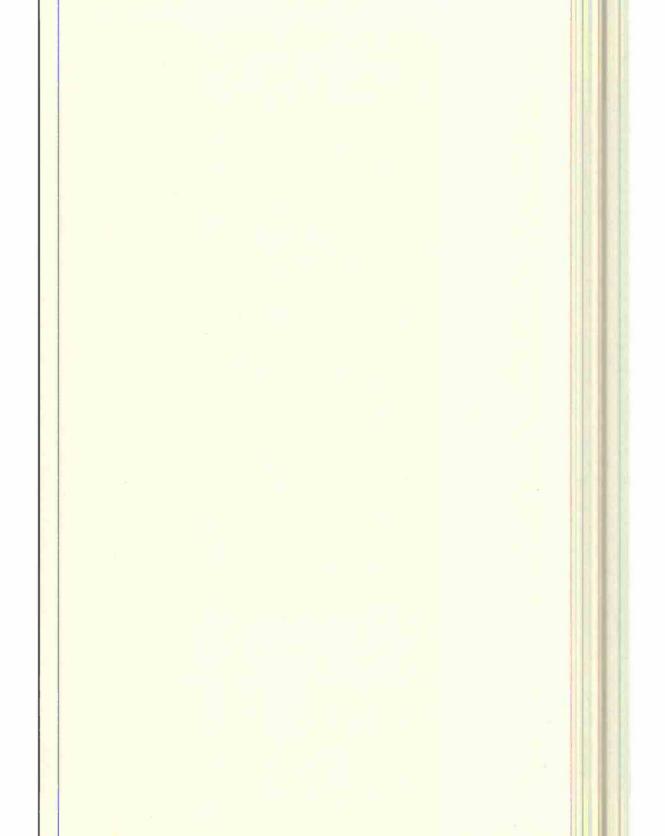
II

Obumbrosa nuvem, abre o céu e atira aos braços da terra, a celeste Musa; que, de janeiro a janeiro,

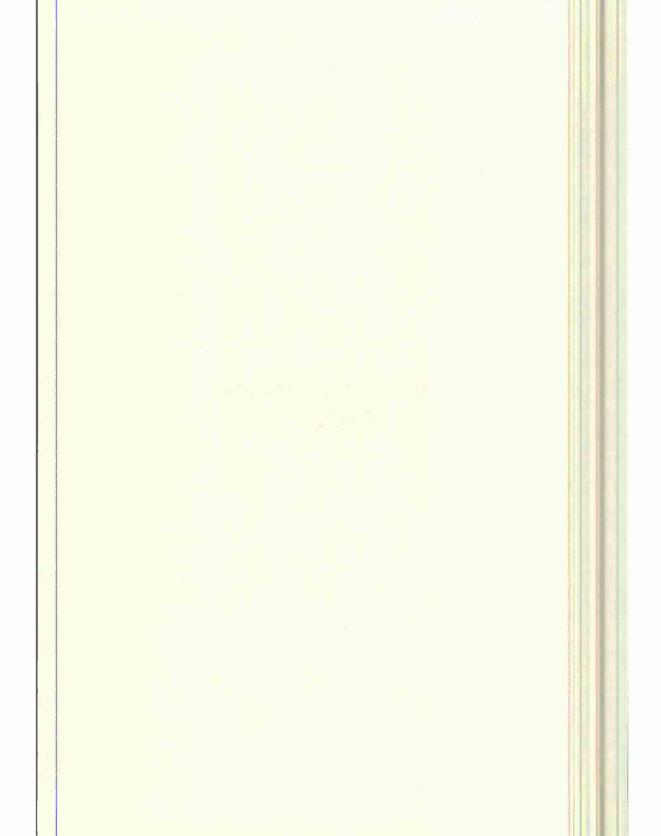
canta comigo, mais doce que o mel do Hibla. Todo o solo da minha alma, multifoliado de poesia. Ouro e luxo só ao lixo os confino.

Brilho fusco. Hora fusca. E tu, divino vate, de alma inconcussa!

Dá-me a palma dos vossos versos e os floridos caminhos do Éden. A poesia me vapora pelos dedos, primogênita da luz, "incriada essência pura".



O PÃO SELVAGEM (2001)



As coisas

Por que será que as coisas não se arrependem de seus perfis informes e disformes?

Seriam cúmplices do vazio, ou da melancolia que nos avassala?

As coisas falam mais que o gesto dos homens.

Adjutório

Se tomarem de mim a poesia, pelo amor de Deus, me salvem!

É parte vital do meu sangue,

lâmpada do poste,

cérebro de Apolo.

Não tomem de mim a boca deste canto, outros clarins naufragam em meu pranto.

O báculo de Borges tinha olhos: lanterna de Diógenes?

Assim eu me agüento neste duelo de palavras.

ÂNCORAS DO LUME

Inamovível, fico a molhar de estrelas o amor em que me fixo.

Ânsias da carne. Fogo sob vestes. Céu (in)volúvel.

Ancora-me nos astros, amor que move rastros.

Natércia de Camões é luz. Luso-vate, que reluz.

A barca é sina. A alma é divina.

O CONTINENTE SUBMERSO

(Ao escritor Gil Perini, médico e amigo)

Meu coração é um comboio de estrelas,

veículo que traslada devaneios.

Meu coração é uma carroça, que puxa auroras.

Odre cheio de cravos, luz.

Um lugar para o júbilo

Se pudesse, quebraria todos os relógios para esquecer a tristeza dos inocentes.

A luz é meu alar. Cantar é meu falar. E sob o teu manto, ó canto, eu me curvo, assim entregue à inanidade deste pranto.

Ora, se, pois, a vida é um vício!

Ó tresloucado ofício de fazer amor com as palavras, a poesia é a minha branca vocação para o etéreo, com ela eu me levanto em achas contra os êmulos da luz. Solidão das gaivotas, uma a uma, piando, no lamaçal do óleo: o óleo,

óleo,

o óleo,

vomitado pelos ventres navais. Pobres aves afogadas na química dessas lamas!

Solidão que espeta meus olhos. Solidão que fustiga o branco do meu pranto. Solidão. Solidão de mim morrendo nas asas dessas mortes. A alma que te amo, duradouramente. O amor floreja os galhos e abre caminho para os frutos.

A alma sopra o poema. A caneta solta o verso. A mão redige. E tudo se mitiga em confidências no branco. Olho. Olho tudo. Olho de novo: olho.

Iço velas na palavra e vou de verbo, verbonauta, remando contra as águas do rebojo.

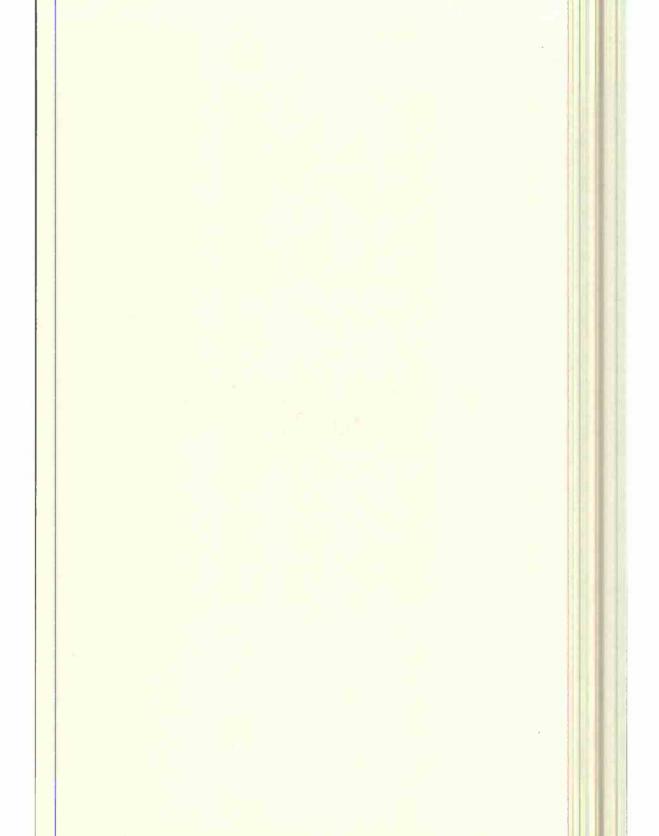
Rumo a Ílion, grito: a Tebas, sonho. Singrando brumas.

105

A salvo restará
de mim
esta árvore de versos
onde pendurei
o sono das
estrelas e
a tumba do papel.

Luz sonâmbula, me deixa dormir!

BOA-NOITE, CREPÚSCULO (2002)



Expressões do onírico

Perder o sonho não posso, é aviltante. Traça não viceja, rói,

semente de treva.

Corre, brilho de relâmpago, de uma ponta a outra do céu. A terra faz o pão, eu faço o canto.

A nuvem faz a chuva, eu faço o pranto.

Para longe eu vou no dorso dessas aves.

Colore o horizonte, alvorada, colore.

Tudo em mim é sangue que guerreia:

o sol me queima contra a morte.

Daí o conflito: esvai-se toda a esperança.

Onde há poesia, eis o zênite.

AS TORRES DA NOITE

Boa-noite, crepúsculo. O que perdi ganhei na fímbria dos horizontes.

O verbo imita a vida nos lábios deste canto. E eu te busco, ó sol de açafrão, aí cravado entre as bordas da agonia.

O poema diz sim às máquinas que colhem trigo e cavam túmulos.

Ó luz em decadência! Ó urros de demônios! Os deuses não são de ferro e choram em nossas carnes.

Ri a primeira estrela, adeus.

A noite é uma metáfora de hidra em nosso leito.

AH, PARAÍSO, NEVERMORE!

Para salvar a magia do dia, respiro fundo.

Se escrevo certo, vivo torto. Se escrevo torto vivo certo.

Ágon de sonhos – sofro. Sou asceta da poesia. Ora Cristo, ora Marx, sementes do povo: pão e martelo: filosofia.

Um deu o sangue, o outro, o grito: "Uni-vos, operários!" O mundo é movido a saldos bancários. De Hong Kong a Wall Street,

o dólar é dono, o deus do trono.

O resto é pomo de nuvens que não como: paraíso que jaz em hulhas só

de sono.

Do mundo o dólar é dono.

ÂNCORA DO MEU AVÔ

Meu avô contava estrelas. E esfregava afeto no dorso da paisagem.

Vivia do lenho, porejado de sol, às margens de um rio, empapado de sonhos.

Histórias do meu avô sulcando o peito com os cortes do machado. E de cães ladrando pelos côncavos da floresta,

derrubando árvores

para comer,

para comer, para comer.

ATÉ A CÍTIA

Para escapar-me dos ossos da presença, vou de Homero à gruta de Calipso.

Ó mágica música de Orfeu, por que me arrebatas entre homens e feras?

A caminho, não caminho, flano – não me inflamo. A harpa de Apolo vai comigo pelos píncaros dessas rochas.

Eis-me chegado ao fim da terra. Aqui é Cítia. Têmis, me beija.

Um convite ao banquete

Desde ontem
a poesia me convida
para um porre no Banquete
de Platão.
Pausânias, Fedro, Arisodemo,
Xenofonte, Apolodoro,
Agatão,

Erixímaco – todos, nem tão bêbados, nem tão lúcidos, mas tribunos do amor na fogueira do vinho.

O vôo de Ícaro

Peixe de asas pelo céu: mito de bico rijo, ave de alumínio.

Flana, bicho
de leme,
imitado por
Icaro,
de penas
coladas
ao corpo,
por liames
de olorosa
cera.

(Para o vôo até a morte, aterrissado).

Asado, alado, Ícaro afogado no cerúleo das águas.

A DYLAN THOMAS

Eu nasci na juventude dos rios e danço nas águas da primavera.

Sol que me aniquila, chaga – rói. Luz

retorcida.

Vou comer a raiz das horas.

Altos montes de gelo, e tudo branco, estrela emudecida – por qual narina do morto

o ar se retira,

> anágua suja de lua,

farpas, sarças,

pelo peito das donzelas tochas de amor fumegam.

CHARLES BAUDELAIRE

I

"Charles, meu belo Charles...
nevoento aquário de *spleen*",
urso eremita do tédio, águia
de frêmitos do nardo,
lobo carnívoro do Letes —
assente-se aí neste
barco de Caronte.

Demônio incoercível, escuta a querela do cipreste. Alquímico do verso, quimérico do universo.

Abisme-se, então, ó velho
cactus de pontas,
(o pecado é mais embaixo
e cortante como faca) —
e tu, ali, onde os mortos
carregam gelo nos ossos.

II

Dança, ébrio louco – e chupa poesia pelos seios de Cibele, da Frígia.

III

Sabe, Baudelaire, a poesia dá cadeia e lavra sentenças

no espírito.

Ó

louco vampiro no tribunal dos séculos, em que duro banco dos réus tu te assentas? Solitário e suicida (de oblonga cabeça de monge)

a mijar, a cuspir urina de cascavéis nos cânones barrocos de Paris!

Miséria de "avalanche que enluta", véu de prostituta, metafísico e vagante, vômito de sonhos, pétalas do mal.

Abelha estúpida, dorme.

NERUDA, BRÓDIO COM O POVO

Trovão estrepitoso, entra. Verbo que arde como pira nos cumes da neve. Ave nupcial dos tremores: "amor que se reparte em beijos, cama e pão".

Entra, camarada, agora é a sua vez. A luz está cheia de ferimentos.

Urso branco das estepes, lágrima e areia, ebulição, sua boca é um rifle.

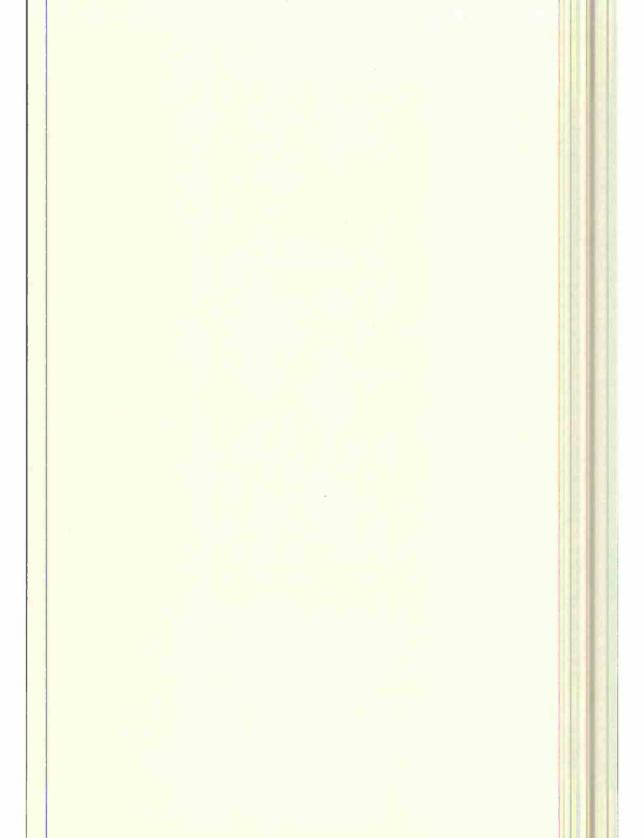
Chave do éden, carvão, espuma e queixo de goteiras.

Pão das auroras, motor do vinho.

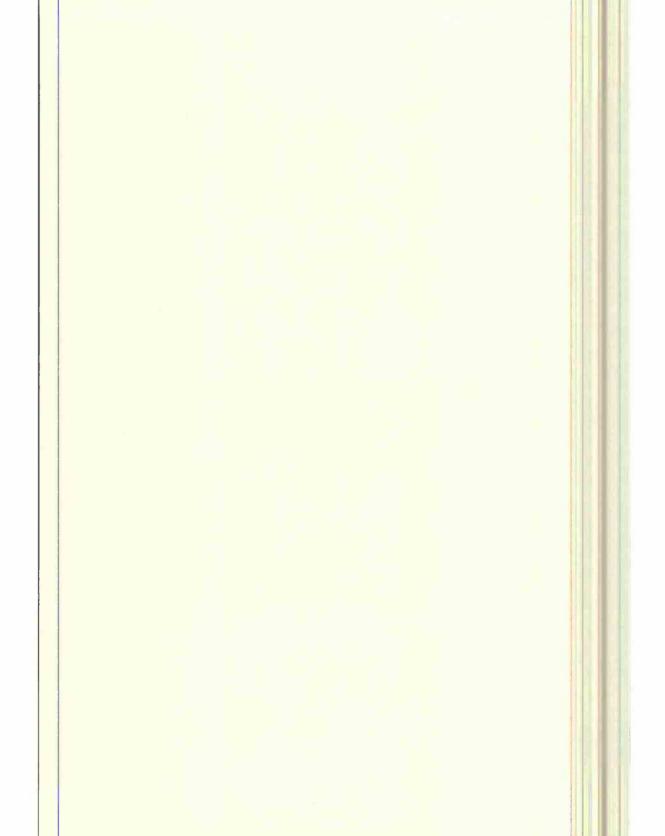
Anjo dialético e retórico de versos.

Farol de suplícios da primavera. Quilha eldorada dos relâmpagos. Cão ingente das florestas, gazel extraviado, e lauto encômio à luz universal do Chile!

Entra, camarada, a casa é o seu poema.



As tintas do teu pranto (2002)



Tu, cetro de estrelas

Vencido pela eterna ferida do amor. Lucrécio

Atravessei o cerne das nuvens para encontrar-Te, pão da minha luz.

Eu sou Teu hóspede, cetro de estrelas. E a Ti entrego meus despojos, porque se me amei, usei-Te, por amor.

"Tu, para amenizar as dores minhas. Eu, para amenizar as dores tuas".

Eu sou a taça do vinagre. Entornai-a, pois, oblações do meu sangue.

E do fundo de mim, gotas de metais vão luzir por todo o sempre.

Fonte de eflúvios, éter e flor da matéria.

No princípio havia o fogo e tudo gania para o verbo. E Teu vasto coração era uma hóstia ferindo a obscuridade com lampejos de púrpura.

Então Tu desceste ao pão e oraste a missa da matéria. Tu desceste ao vinho e inundaste de luz o Espírito.

Tu, "duração sem limites", dos átomos e dos séculos.

"Isto é meu corpo", espiga do milagre.

E o que se funde em luz é feérico, onipotente.

(Já bombardearam células e moléculas à procura D'ele! Invadiram a solidão do cosmos, com esdrúxulos apetrechos espaciais, tentando co-habitar galáxias indecifráveis à procura D'ele!)

"Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?"

Pai nosso, que estás no céu, o demônio está na rua. Livra-nos d'ele, do cornudo escamado!

"O inferno somos nós".

Haverá cólera, muita ira, no advento dos ceifadores. Rugir de cascos, tropéis e fogo. E o demônio, todo solto, vagará.

E Tu, aí, sim: anjo paranormal, expulsa, pois, essa corja demoníaca! Deus, ora, "o inferno não fez para invejá-los".

Quem, dentre nós, Senhor, ainda procura, por esses chãos amargados de torturas e bombas atômicas, as perdidas ovelhas da casa de Israel? Quem?

A terra é a estrada dos dias.

E já tão lúgubre deita-se o sol no horizonte.

"Adeus, felizes campos, onde mora

Nunca interrupta paz, júbilo eterno".

Sopra em mim o hálito arcangélico
do clarim.

Estou vivo, Senhor, e isto me dá
augusta fome de viver: Amém!

A terra é a estrada dos dias, e o Senhor o nosso guia.

Bruxo dos milagres, sim: deus amigo, democrata, ainda andas a curar hipócritas e paralíticos? A luzir nos pobres a alma do sorriso?

Tu, horizonte dos milênios,
eu Te peço: se voltares,
vem de carona, num jato
antimíssel.
E sê o novo árbitro
do Universo
nessa cruzada pelo pão
(que falta à mesa dos
metalúrgicos em tempos
de demissão).
Vê, estou ébrio de Ti.
(&)
Vem de novo, ó látego do verbo!
Revolucionário e hippie;
vem salvar os peixes,
os pauis, as águas, o ar.

Seja amigo de Marx, Jung e Freud: o mundo todo está carente de uma maca. Vem, a terra está troncha, empalamada, à espera de uma clínica de repouso. (E não de uma catástrofe nuclear.)

Tu, filho de Davi, judeu, israelita (descendente dos essênios, de língua aramaica), ou mago cavaleiro das poeirentas andanças, louco taumaturgo dos paços e das tendas.

Não importa. Importa o prodígio surreal de Teus atos na obra da fé: (vasca do espírito, ardor e milagre). A língua de Deus em Teu verbo de carne.

Tu, que me lembro, de difíceis feições para o sorriso; mas de olhos fáceis para o pranto.

Nazareno, Nazareno, açoitador de injustiças!

O Christus.
O Khristos.
O Mashiab.
E por nós
vítima e sangue
do Morro
lá do Ara.

Ainda ontem convidamos Bethoven a bordo de uma canoa. O silêncio se entranhava pelo barro das ravinas. E pássaros e borboletas, bailando às dezenas, enfeitaram o céu com reverências ao gênio: o santo do som sinfônico.

O Senhor estava ali, não estava? Na dança dos alados, no olor, no remo, no bulício das águas, abaixo e acima das nossas cabeças, onde trepida a semente dos sonhos.

Fui ao shopping, tive medo.
Abri um livro, tive medo.
Liguei o rádio, tive medo.
Voltei, amei, tive medo.
Que paranóia é esta, Senhor,
me fendando as vísceras —
com o espatifar-se do sol,
e tonto de amarelo, no paredão
dos presídios?
Eu, o paranóico?
Tu, o estóico?

Fiquei pensando na matança das abelhas e chorei até o vermelho invadir a órbita dos meus olhos.

Adeus, fogos etílicos da minha alma! Uma nuvem de poesia me espera acolá nos cadernos da minha infância. Eu sou a infância da infância da minha infância.

Um vago gitano das letras chorando na masseira desta lida.

O mundo era tão pequeno que cabia numa carta de amor.

Agora é dezembro na borda das calçadas. As vitrines, engravidadas de sonhos: chove.

E os homens se arvoram ávidos, na pugna do lucro.

Enquanto Tu, Senhor (alvo alcantilado de todos os encômios), permaneces olvidado na cruz, sob a nudez do cilício.

Tu, hipernatalício do planeta. Há tanto tempo enxotado dos banquetes.

Quem sabe, amanhã, os andrágios estarão cingidos pela alegria do Teu rosto.

Evocativo, evoco-Te.
Vocativo, louvo-Te.
Paixão e silêncio no pão que repartes,
e no amor que infundes
alma adentro.

Pai nosso, que estás no céu, Bem-aventurado seja o Teu nome entre nós, cá no pasto dos chacais. Santificado seja o Teu verbo encarnado. Ômega, eixo e fim de todo evento além da carne. Tu, brasido de fé, génese da alma, jorro diáfano de luz, bênçãos do empíreo sobre nós, palhas dispersas pelo vento. Amém. O pão está no dia.

Pai nosso, que estás no céu, santificada seja a grei dos maconheiros, das lésbicas e dos gays — eles também são vazios e crentes, carentes das prédicas do Teu verbo, látego de fogo, que subjuga (e não julga): do altar do mundo, apazigua a fome, estanca a sede e redime, sim: verdugos de Tua sina.

Tu, jungir de almas.

Amém. O pão está no dia.

Pai nosso, que estás no céu, não deixes cair mísseis atômicos em nossos lares. Evita, Senhor, chacinas em nossas ruas, drogas e fuzis ao chefado das crianças, delas toda pureza é reino. Desfere, ó Deus, Tuas setas, antes que as hienas se arvorem entre os anjos. A lua de dezembro foi dolorosa em Bagdá: ouviu (e viu) cânticos e bombas. Amém. O pão está no dia.

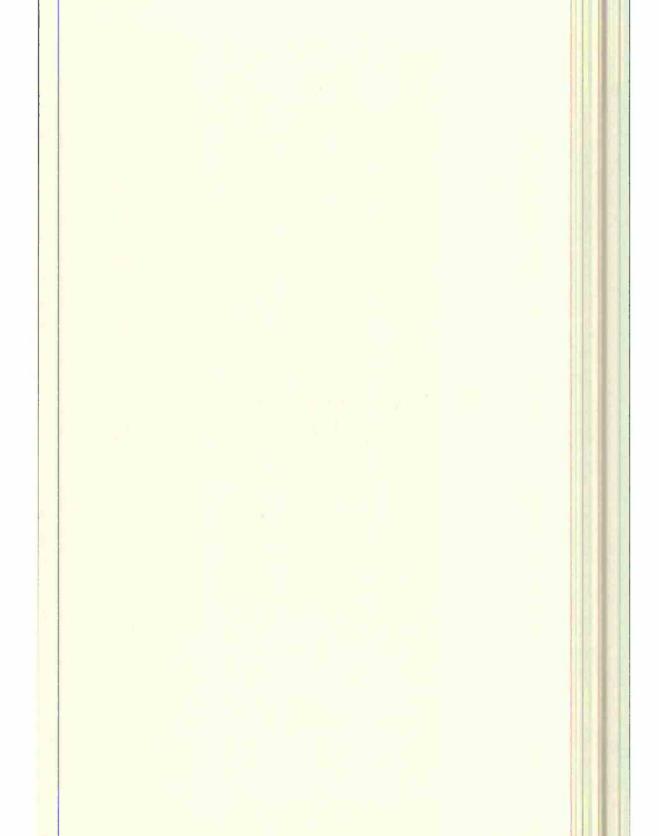
Tu, pêndulo divino da alma, inda é longe o dia de co-habitarmos a aldeia do etéreo?

Que dignidade tenho eu, Senhor, para calçar Tuas sandálias, com a pobreza destes dedos de rude ofício?

Antes, pois, dar-Te-ei este embornal cheinho de poesia, como prova de que "tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Tu, verve do verbo, flama que se inflama, e chama, nós, ineptos cá da terra.

Da saliva fizeste o lodo e do lodo luz ao olho (túmido de trevas). A DANÇA DO RELÂMPAGO (2003)



Os tambores do vento

Todas as manhãs eu brigo com os ventos.

Pulmões eólicos que ruflam.

Coniventes com as ventanias,

varrem

as angústias do pó.

Rangendo suas notas de langor – os ventos.

Violinos secretos, que rompem os elos do silêncio.

Chicoteados pelas ondas do infinito, os ventos.

Apologia do simples I

Eu tenho uma rosa na mão e é explosiva.

Eu tenho um poema na língua e é mais belo que um pão na cesta.

Eu tenho um sonho no bolso e é mais puro que um mendigo.

Eu tenho uma gaita no cofre e é mais triste que a morte de um cometa.

Eu tenho uma chuva escondida atrás dos olhos.

Uma angústia que se derrama no infinito.

O PULSO DO VERBO

I

O verbo é a asa do vôo: me leva longe, migra.

Dissipa coisas no papel, acorda navios, e atiça pavios.

Sopro do barro teológico? Espirro de Deus, escatológico?

Raio, rio: asa de Ícaro, vôo de espuma.

Encarnação da luz: fala. Voz que sulca, som de bala.

Rosa que ecoa. Lume que voa. Olho de proa.

II

A palavra é o arauto da fala: signo da alma, duelo do lábio. O texto faz a trilha. O poema tece a luz.

Eco de bala, som que se embala.

O ser é a linguagem, fala de que fábula?

A poesia é o porto, donde parto.

Peixe em estado de graça: pão.

Luz solidária, que me irriga de amor, irmão.

Apologia ao céu

I

O céu se abre em pássaros, cratera azul dos astros.

É a parte fictícia do planeta - o céu.

Escada das
chuvas,
álveo dos
cometas,
colcha dos
etéreos,
voragem pincelada
de lumes estelíferos,
antro invisível
da noite
inundada de coriscos:
o céu e suas trilhas
de belicosos querubins.

A lua é seu umbigo.

Tinteiro azul das trevas. Quintal de vidro.

O céu no escândalo das tempestades. Gaveta dos obituários. Berço dos trovões. Torneira dos granizos. Cripta dos astros. Estrada dos aviões.

Leito abobadado dos mistérios. Canteiro universal das nuvens.

Cravado no zênite, o céu.

As árvores

Eu vi a caveira das árvores, que eram minhas santas companheiras,

de dia e de noite, no tempo.

As árvores cochichando com as estrelas.

De galhos murchos (chorando) no funeral de suas sombras, as árvores.

Os heterônimos

Eu sou o outro (qualquer) de mim plural nestes comigos.

Nos excessos do espelho, em que brilho ficou meu ego?

A vida por um risco? O pão por um confisco?

Se choro poemas, sou urbano? Se sangro bois, sou rural?

Se quebro as faces deste eu, quem comigo sou outro? Título Inventário poético

Autor Gabriel Nascente

Projeto gráfico Marcus Lisita Rotoli

Capa Broccoli Design

Revisão Vera Maria Tietzmann Silva

Formato 165 x 210 mm

Papel Pólen soft 80 g (miolo)

Cartão Supremo 250 g (capa)

Número de páginas 498

Impressão e acabamento Gráfica e Editora Bandeirante (62) 233 4082

Tiragem 500 Unidades

